

AMOR À PRIMEIRA
MORDIDA

Kathy Love 900

Bianca
Romance Mistico

900
R\$ 9,90

AMOR À PRIMEIRA MORDIDA

KATHY LOVE

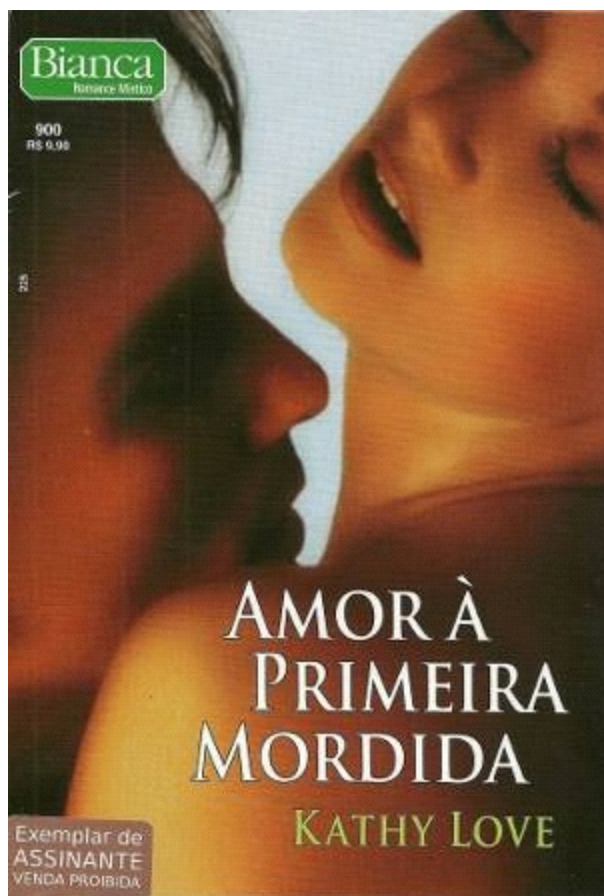




Amor à Primeira Mordida

Fangs But No Fangs

Kathy Love



Um vampiro apaixonado...

Christian Young abandonou sua extravagante vida de vampiro e se autoimpôs um exílio, indo morar em um trailer, como punição pelos pecados cometidos no passado, e envolvendo-se num programa de reabilitação, com o intuito de se tornar um ser humano normal e bondoso.

Não é uma tarefa fácil, mas quando ele fica conhecendo sua vizinha de trailer, Jolee, num momento em que ela está enfrentando problemas, Christian não resiste ao impulso de ajudá-la. E quanto mais ele a conhece, mais ele a acha irresistível, e começa a perceber que aquela mulher pode ser a sua salvação... em todo os sentidos, e para todo o sempre!



Digitalização e Revisão:

 *Projeto Revisoras*

Crysty

Querida leitora,

Ao seguir um programa de doze passos para "ser humano", Christian Young, um vampiro de 200 anos de idade, dá uma "mordida" maior do que sua capacidade de engolir ao fazer contato com

sua vizinha Jolee Dugan. Quando os anseios humanos de Christian ressurgem com muito mais intensidade do que os de qualquer vampiro, ele inicia um relacionamento com Jolee, e, juntos, ambos irão lutar para vencer um passado doloroso...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2006 by Kathy Love

Originalmente publicado em 2006 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY.NY — USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: FANGS BUT NO FANGS

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Débora Guimarães Isidoro

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonadô

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Rua Paes Leme, 524 — 10^a andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Capítulo I

Os flamingos tinham que morrer! Christian cobriu a cabeça com o travesseiro, tentando abafar aquele som irritante, mas era inútil. E o *clac, clac, clac* do homenzinho serrando madeira era insuportável.

Ele jogou o travesseiro para o lado e levantou-se da cama de molas salientes, caminhando até a janela. A distância era pequena. O quarto era quase do tamanho do armário de seu bangalô em Monte Carlo.

A vidraça estava suja, mas ainda podia ver de onde vinha todo o barulho. Queria se acostumar ao som como se habituara à cama de colchão empelotado, mas era impossível. Podia ver várias aves barulhentas sobrevoando o jardim florido, e o homenzinho com a serra atacando a madeira como se sua vida dependesse disso. Odiava aquele homenzinho.

Odiava até os enfeites do jardim. Gnomos, gansos de plástico, as pedras que cercavam os canteiros...

Christian fechou os olhos por um momento, mas era como se a profusão de cores continuasse cintilando por trás de suas pálpebras.

Desistindo da esperança de ter um pouco de paz, saiu do quarto e percorreu o corredor estreito, passando pelo banheiro a caminho da cozinha velha e escura. Havia ali uma pia, um balcão, uma mesa e alguns utensílios ultrapassados.

Ele se aproximou do computador, que ficava sobre a mesa da cozinha, e ligou o equipamento. Depois, foi até a geladeira e pegou uma porção de sua refeição noturna. Sangue, já medido e distribuído em pequenas bolsas. Duzentos gramas, apenas o suficiente para impedir que enlouquecesse, mas não o bastante para alimentar suas habilidades sobrenaturais.

Com o auxílio de um canudo que encontrou em uma das gavetas, ele perfurou a embalagem plástica, sufocando um gemido ao relembrar o prazer dos dentes perfurando a carne humana. Sentia

falta disso.

Por que estava tão tenso naquela noite? Incomodado com sua rotina já tão bem instalada? Ele se aproximou da porta do refrigerador, onde mantinha uma lista presa por um ímã da Cruz Vermelha: seu programa de doze passos. Com base no programa dos A.A., os passos haviam sido modificados para abordar seu problema específico.

Christian leu cada etapa novamente, e recitou os passos várias vezes em voz alta enquanto se dirigia ao computador. Quando abriu o navegador, seu site surgiu na tela: Ser Humano.

Naquela noite, ele não leu os comentários no blog, mesmo notando que trinta e três pessoas haviam postado mensagens. Era incrível constatar que as pessoas perdiam tempo lendo aquelas coisas. É claro que ele perdia tempo *escrevendo* aquilo tudo.

— Terapia — disse para si mesmo, abrindo a página de postagem para registrar os pensamentos da noite.

E hoje precisava de terapia. Mal conseguia parar quieto na cadeira de vinil. Por que estava tão agitado? Nada era diferente do que havia sido no último ano.

Em particular o jardim e seus ornamentos. Ele rangeu os dentes e começou a digitar:

É oficial. Shady Fork Mobile States é o inferno.

Dito isso, e acho que já disse isso antes, este lugar não é menos do que eu mereço. Mas isso não significa que tenho de gostar dele.

Então, você me pergunta, por que Shady Fork? O mundo está cheio de muitos outros infernos igualmente adequados. Bem, eu gostaria de ter uma razão profunda e existencial para citar. Algo sobre tentar entender a extensão do sofrimento humano (e, acreditem, há muito dele neste bairro pequenino e encantador). Ou talvez minha...

Ele olhou em volta, estudando as paredes de revestimento escuro, o carpete marrom e dourado, a mobília sóbria.

...luxuosa acomodação tenha sido escolhida para me mostrar a que nível desci. E ela se presta com perfeição a esse propósito. Mas o fato é que foi aqui que fiquei sem combustível. Bem, perto daqui. E imaginei que fosse um sinal, certo? Então, talvez minha razão seja um pouco existencial. Aí está. Quem sabe?

Então, de volta ao meu progresso em viver como humano. Até aqui, acho que estou indo bem. Nenhum resvalo para o meu comportamento natural. Nenhuma refeição de verdade em 252 dias. (Não que eu esteja contando.) Parei de usar todas as minhas habilidades que poderiam ser consideradas "sobrenaturais". Devo dizer que me locomover é uma perturbação e tanto... e toma tempo demais. Uma afirmação irônica para quem tem todo o tempo do mundo, eu sei. E acho que já reclamei disso em postagens anteriores, também. Devo ser mimado.

Fora do *trailer*, vozes furiosas se impuseram ao barulho geral. Christian nem se deu o trabalho de tentar ouvir o que era dito. A ocorrência era quase que diária. Shady Fork era como o cenário de um constante episódio ao vivo de *Cops*, uma forma de entretenimento real que ele nem sabia que existia, até se mudar para aquele lugar adorável.

Christian se moveu de novo na cadeira, tentando obter algum conforto. Conforto. Houve um tempo em que ele vivera no luxo. Mansões fabulosas, hotéis cinco-estrelas, criadagem e limusines, teatro, festas com os ricos e famosos. Carros velozes, champanhe, o melhor de tudo. Mas essa fora outra vida. Não era mais o mesmo Christian Young.

Olhou para a tela do computador sem saber o que escrever. Irritado, levantou-se para andar pela cozinha, pensando em sair para dar uma volta de carro. O reluzente Porsche Carrera GT prateado era a única extravagância que ainda se permitia manter. Mas a culpa o sufocava. Por que deveria desfrutar de alguma coisa? Não merecia nada. Não depois do que fizera.

Mas... não! Não era mais o mesmo vampiro. Não podia retificar malfeitos passados, mas podia controlar o presente. Podia controlar sua natureza de vampiro. Fazia quase um ano que mantinha o controle, e continuaria assim. Em vez de pegar as chaves do carro, voltou ao computador.

De volta à argumentação sobre viver em um estacionamento de trailers nas montanhas Blue Ridge. Continuo aqui porque o lugar é bastante diferente de todos que conheci. Eu sou um ser inteiramente diferente. Como diz o título do blog, estou trabalhando em ser humano.

Um grito agudo cortou o ar. Um som aterrorizado, muito diferente dos gritos dos bêbados do lugar. Christian se levantou e correu até a janela. Afastando uma das pesadas cortinas que garantiam a escuridão dentro do *trailer*, ele não viu nada. Depois de um instante, percebeu um movimento do outro lado da ruela de terra que servia de entrada para o estacionamento. A cabeça de uma mulher surgiu por trás de um arbusto mais alto.

Ele reconheceu a mulher escondida. Era a vizinha que ocupava o *trailer* em frente ao seu. Nunca falara com ela, ou com qualquer outro morador de Shady Fork, mas vira-a uma ou duas vezes caminhando tarde da noite.

O que ela poderia estar fazendo atrás de um arbusto às três da manhã? Fora dela o grito apavorado?

De repente, ela olhou assustada para o *trailer* e mergulhou no esconderijo. Christian seguiu a direção de seu olhar e viu um homem saindo do veículo no qual ela morava. O homem cambaleava, agarrava-se ao corrimão da escada com uma das mãos, enquanto brandia um objeto com a outra.

— Apareça! — ele esbravejou.

A mulher continuou escondida. O homem desceu a escada com dificuldade e, uma vez em terra firme, seguiu em frente cambaleando, procurando.

— Vamos, Cherry... — gritou, meio choroso. — Apareça. Agora, maldição!

Ele caminhava empunhando o objeto. Christian viu que era uma faca. E seguia na direção de Cherry.

Christian nem pensou no que estava fazendo. Agindo por impulso, correu para a porta do *trailer* e saiu.

— Ei! — chamou.

O homem parou, baixando a faca. Christian agora podia ver os cabelos oleosos e desalinhados, a fina camada de suor na pele gordurosa, o brilho transtornado nos olhos escuros. Mas a figura alta era só um homem. E não devia ter mais de vinte anos.

— Algum problema? — Christian perguntou.

— Vá para o inferno! Isso não é da sua conta, cara! — o rapaz rugiu.

Christian notou que o arbusto se movia, mas Cherry continuava escondida. Mulher esperta.

— Bem, talvez eu deva chamar a polícia, então.

O rapaz exibiu a faca e os dentes.

Christian arqueou uma sobrancelha, sem se impressionar. Na verdade, a arma era um canivete. Grande, mas não tão ameaçador quanto pensara a princípio. Mesmo assim, com um pouco de pontaria, poderia causar um estrago e tanto.

— Acho melhor voltar para o seu *trailer* e cuidar da sua vida! — o garoto ameaçou, brandindo a lâmina.

— Ah, eu acho que não — Christian respondeu, aproximando-se lentamente do rapaz.

Havia surpresa e confusão no rosto do jovem. Ele moveu a faca, e Christian continuou se aproximado. O garoto recuou, infelizmente, na direção da mulher escondida.

Christian parou.

— É melhor você ir embora.

Ele se concentrou, tentando usar a força da mente. O rapaz piscou, como se estivesse ainda mais desorientado. Depois brandiu a faca mais uma vez.

— Cara, será que não entende? Já disse que isto não é da sua conta.

— Lamento, amigo, mas um imbecil armado na minha vizinhança é problema meu, sim. Agora, largue a faca.

O rapaz hesitou. Depois de um instante, ele grunhiu e avançou contra o inimigo. O canivete

cortou o braço de Christian, que se defendeu a tempo de evitar o impacto no peito. O garoto não estava brincando. Rápido, Christian o agarrou pelo braço e o virou, imobilizando-o.

O rapaz praguejou e soltou a faca. Quando ele já se preparava para chutá-la para longe, a vizinha apareceu e a pegou do chão. Ela estava em pé na frente do agressor, encarando-o com uma fúria intensa nos olhos escuros.

— Vance, não vou chamar a polícia. Mas eu juro, se voltar a ver sua cara, meto você na cadeia! — ela ameaçou, apontando a lâmina para o peito de Vance. — Não estou brincando. É o último aviso, ouviu bem?

Christian levantou as sobrancelhas. Ela já havia dado outros avisos? Quantas chances ele tivera?

— Vadia — o garoto respondeu petulante. — Eu preciso de dinheiro.

— Vá trabalhar, então — respondeu ela, dobrando o canivete e guardando-o no bolso da calça jeans.

— Cara, meu braço vai cair — Vance reclamou, tentando olhar para Christian por cima de um ombro.

A resposta foi um pouco mais de força e um deslocamento ainda maior, o que fez o garoto proferir um palavrão.

— Solte-o — disse Cherry.

— Acho que não. Você não vai chamar a polícia, mas eu vou.

Aqueles dois haviam interrompido seu... momento de reflexão, e alguém iria pagar por isso. Sem mencionar que o haviam envolvido na confusão, e até então tomara todo o cuidado para não se envolver com ninguém.

— Não — Cherry protestou, em tom suplicante. Por que ela intercederia pelo idiota?

A mulher olhou para o rapaz e suspirou.

— Vance, você precisa de ajuda, ou vai acabar na cadeia outra vez.

— Então, me dê o dinheiro e vamos acabar com isso.

— Não. Já disse que não.

O rapaz chutou a terra como uma criança mimada.

— Tudo bem — resmungou por fim.

— E não se atreva a voltar aqui, a menos que esteja limpo.

Ele resmungou alguma coisa e assentiu.

— Por favor, solte-o — Cherry pediu.

Mesmo contrariado, Christian atendeu ao pedido. Vance moveu o braço, depois, como um coelho fugindo da armadilha, correu para a estrada. Segundos depois, eles ouviram o som de um motor e pneus cantando no asfalto.

— Obrigada — murmurou Cherry com um sorriso tímido. — Agradeço a ajuda.

Christian assentiu, sem saber ao certo o que havia acontecido ali.

— Tudo bem, eu... Bem, boa noite, então.

Ele se virou para voltar ao *trailer*, mas sentiu a mão dela segurando a sua e parou, assustado com o contato.

— Está ferido!

Ele franziu a testa. A mulher olhava para seu braço, para a grande mancha de sangue na manga de sua camisa.

— Ah... isso não é nada.

— Venha comigo, deixe-me examinar o ferimento.

Queria recusar, mas o sorriso largo de Cherry afetava sua capacidade de julgamento. Sem saber por quê, como também não sabia por que havia ido ajudá-la, ele se deixou levar ao *trailer* da vizinha.

O interior era bem semelhante ao dele. Ela o conduziu à pia da cozinha.

— Fique aqui — disse antes de afastar-se.

Christian olhou em volta. Agora entendia por que ela andava pela área tarde da noite. O ambiente não era exatamente confortável, nem relaxante. A cozinha era destituída de mobília, e a sala tinha apenas três cadeiras dobráveis dispostas em torno de um velho baú.

E Vance ainda queria dinheiro daquela mulher? Era otimismo demais...

—Tudo bem — disse ela, ao voltar com uma toalha limpa, embora velha. — Vamos dar uma olhada nisso.

Cobrindo a bancada com a toalha, ela dobrou a manga de sua camisa e balançou a cabeça.

— Perdeu uma camisa bem cara, pelo que vejo aqui.

Havia sido cara, mas Christian não disse nada. Estava fascinado pelo movimento dos dedos delgados e pálidos em seu braço.

— Não sei... — Ela examinou o sangue que já começava a secar em seu braço. — Acho melhor levar você ao hospital. Perdeu muito sangue.

— Não — ele protestou, tentando ir embora. Ela o segurou.

— Tudo bem, não vamos ao médico. Mas deixe-me ao menos limpar o corte. É o mínimo que posso fazer depois de ter me ajudado.

Christian não concordou, mas também não protestou. Cherry molhou a ponta da toalha e começou o trabalho.

— Está doendo?

— Não — ele resmungou.

Nunca havia reparado nela antes, mas agora notava que era uma mulher atraente, com cabelos vermelho-escuros, quase da cor do vinho tinto. Seus traços eram finos e delicados como a mais requintada porcelana, maçãs do rosto proeminentes, nariz reto e lábios cheios e rosados. Christian se surpreendeu imaginando como seria beijar aquela boca.

Ele se apavorou com os próprios pensamentos. Fazia quase duzentos anos que não pensava em beijar uma mortal!

— Machuquei você? — ela perguntou, apreensiva.

— Não. — Os olhos buscavam aquela boca tentadora, e ele respirava fundo num esforço para conter-se.

Alguma coisa naquela mulher o afetava de maneira intensa. Por que se sentia tão atraído? Nunca gostara das mortais. Nunca!

Temia estar sofrendo algum tipo de transformação, exibindo sinais de sua condição de vampiro. As pupilas estariam dilatadas, tornando seus olhos inteiramente negros? A pele estava distendida sobre os olhos? As presas apareciam?

Ela não parecia assustada. Apenas... preocupada.

E ele também estava preocupado com as reações anormais.

Respirou fundo, e o cheiro de mel e canela invadiu seus sentidos. Era o cheiro dela. Seu corpo reagiu. Os músculos ficaram tensos, os dedos se crisparam, e tinha uma ereção incômoda e dolorosa. Que diabo era aquilo?

— Tem certeza de que não sente dor? — ela insistiu.

— Tenho.

— Estou quase acabando.

Ótimo! Ele respirou mais uma vez, e o doce perfume o invadiu novamente, mais tentador do que antes.

Seus poderes de vampiro retornavam? Pensava tê-los controlado, tornado-os ineficientes, mas o olfato aguçado era típico. E o cheiro que sentia nem era aquela fragrância salgada e metálica do sangue. Era um aroma... pessoal. O cheiro dela.

Mas o que mais o perturbava era sua reação ao cheiro. Estava excitado. E nunca se excitava com uma mortal, a menos que fosse para alimentar-se dela.

Christian deslizou a língua pelos dentes, mas não sentiu nenhuma saliência. Os caninos estavam normais. Mas a ereção dentro da calça, não. E sempre tinha as duas reações ao mesmo tempo. Ereção, presas. Era assim que funcionava. Então, o que estava acontecendo?

— Pronto — ela anunciou. — Tudo limpo.

Ele recuou imediatamente, esperando que a distância o acalmasse. Tudo aquilo era muito estranho,

Jolee franziu a testa. Aquele vizinho era um sujeito estranho. Não que ela estivesse surpresa com isso. Já o havia notado antes. Afinal, era difícil deixar de notar um bonitão com pinta de modelo, roupas de grife, um carro que custava dez vezes seu rendimento anual, e que morava em um *trailer* numa área de camping.

Havia uma história ali, isto era certo.

Até aquela noite, porém não havia falado com ele por dois motivos: primeiro, ele certamente traria problemas; segundo, um sujeito como ele não morava em Shady Fork, a menos que estivesse muito encrencado. Mas agora ele a resgatara. Teria se protegido de Vance, se fosse necessário, mas ele interferira, e a sensação de poder contar com alguém era... agradável. Era como ter um herói bonitão atendendo ao seu pedido de socorro. Sexy, sem dúvida.

— Não quer comer alguma coisa? — perguntou, ao ver que o vizinho se preparava para partir.

Não que tivesse muito a oferecer, caso ele aceitasse o convite. Queria apenas... companhia. Desde que se mudara para aquele lugar, estava sempre sozinha, exceto pelas visitas ocasionais do irmão e seu canivete.

Ele hesitou. Depois, em vez de responder, fez ele mesmo uma pergunta.

— Aquele garoto... Vance? Vocês estão juntos?

Jolee riu, embora não houvesse nenhum humor na história de sua família.

— Bem, podemos dizer que sim, e para sempre. Ele é meu irmão.

— Ah... seu irmão.

Ele caminhou na direção dela, os olhos azuis fixos em seu rosto. O coração de Jolee disparou quando ele tocou uma mecha de cabelos que haviam escapado do rabo de cavalo.

— Nunca vi essa cor de cabelo antes.

— Ah, c... incomum, eu sei. — Tanto quanto os olhos dele. O tom de azul era tão claro que às vezes parecia branco ou prata. Ela tentou não encarar o vizinho bonito.

— Por isso seu nome é Cherry. *Cereja*...

Vance a chamara pelo ridículo apelido, sabia disso.

— Sim, essa é uma das razões. Mas Cherry não é meu nome verdadeiro.

Na verdade, os irmãos a chamavam assim como uma forma de deboche, por se divertirem com seu padrão de moralidade. De todos os irmãos, ela era a única que não dormia com todo mundo. E eles achavam sua virgindade motivo de riso.

— Meu nome é Jolee. Jolee Dugan.

Ele a encarou por um instante, aproximando-se um pouco mais, como se fosse beijá-la.

Jolee mal conseguia respirar. O coração batia depressa, a cabeça girava...

E de repente ele recuou.

— Preciso ir — disse. Jolee franziu a testa.

— Está... tudo bem?

O vizinho a estudou com aqueles olhos misteriosos e assentiu. Depois virou-se para sair. Mesmo com todas as reações estranhas, Jolee não queria que ele partisse. Estava cansada da solidão.

— Ainda não me disse seu nome.

Ele parou e olhou por cima do ombro. Sua expressão se alterou, como se, de repente, ele se lembrasse de que era muito melhor que ela.

— Escute, por mais que adore interferir em discussões familiares, tenho mais o que fazer.

— Ah... — Mortificada e humilhada com a reação distante e fria do vizinho, ela disse apenas:
— Bem, obrigada pela ajuda. Só perguntei se queria comer alguma coisa porque...

— Seu nome é Jolee? Não significa "bonita" em francês?

A pergunta a pegou de surpresa e ela sorriu ao responder:

— Acho que não.

— Não. É, devo ter me enganado.

Ele abriu a porta, e dessa vez ela não tentou impedi-lo.

Ficou onde estava, paralisada por alguns segundos. Depois foi até a sala e pegou uma das cadeiras de metal, que colocou atrás da porta pra travá-la. Precisava de uma fechadura melhor. Uma trava, talvez. Uma tranca. Ou...

Quase fora esfaqueada pelo irmão por um dinheiro que nem mesmo tinha, e agora o vizinho esquisito acabara de insinuar que ela era feia. Que noite...

Bem, pensar na segurança do *trailer* não iria diminuir a vergonha que sentia. Chegara a ficar sem ar pensando em beijar o vizinho, e ele praticamente acabara de admitir que havia sido um engano pensar nela como sendo bonita. Não fora esse o significado do comentário? Ah, ela era mesmo patética, não? Droga...

Bem, não tinha que se importar com a opinião de um sujeito esquisito que devia ter problemas sérios. Ninguém com aquela aparência, aquelas roupas, aquele carro, iria morar em um *trailer* no meio do nada. Havia algo de errado com ele. E se ele era socialmente disfuncional, não queria nem se aproximar do sujeito! Já tinha vários casos na família, o suficiente para não querer conhecer mais ninguém com o mesmo problema.

Ao contrário dele, ela estava no lugar certo. Ninguém se surpreenderia por encontrar uma Dugan morando em um *trailer*. Precisava lutar muito por sua sobrevivência, e não iria perder tempo pensando no vizinho esquisito.

Christian fechou e trancou a porta do *trailer*.

Aquilo era loucura! Estava nervoso por causa de uma mortal? Não podia ser!

Ele caminhou até a janela e olhou para o *trailer* da frente. Todas as luzes estavam acesas. Poderia voltar lá, se quisesse.

Para quê? Fazer amizade? O que poderia ter em comum com uma mulher mortal? Havia desistido das habilidades de vampiro para reinventar-se, para deixar de ser o Christian Young que...

Não. Não queria fazer amizade com humanos. Tudo bem, o Passo Onze sugeria: Fazer Contato. Mas já escrevia no blog. E esse era um contato mais do que suficiente.

Ele se afastou da janela. Precisava se concentrar no plano. Aproximou-se do refrigerador. Devia ter sentido o cheiro do sangue humano, e agora estava faminto. Talvez devesse aumentar um pouco as porções de sangue. Sim, era isso.

Christian leu a lista na porta do refrigerador. "Passo Três: Você deve aceitar que tem um problema, e depois encontrar uma forma de lidar de maneira construtiva com esse problema".

Mas você não sentiu o impulso de beber o sangue daquela mulher. Ele caminhou pela cozinha. Sentira vontade de tocá-la, de beijar os lábios carnudos, e simplesmente não tinha esse tipo de sentimento por mortais!

Tudo bem, não era tão grave. Devia ter sido um efeito colateral da dieta alimentar restritiva. Nada sério. E não voltaria a ver Jolee. Nem a falar com ela. Ofendera-a para garantir que não haveria mais encontros. E não perderia tempo sentindo culpa por isso.

Por que se importar com uma mortal? Elas não são importantes.

Olhou em volta como se a voz em sua cabeça fosse real. A voz de Lilah, enganosamente doce. A voz de sua amante vampira, a encarnação do mal.

Por que pensava nela agora? Por que pensava na vampira que o transformara, atacara seus irmãos e destruíra sua família? Ainda lembrava com horror seu contentamento quando, faminto, ele atacara outro ser humano.

— Mas você não é mais humano, querido — ela dissera. — Agora é um vampiro. E é meu. Isso o torna mais importante do que qualquer mortal.

E ele acreditava em Lilah. Tornara-se o que era por ter acreditado nela.

Por que pensava nisso agora? Não era mais aquele vampiro. Não era. Havia mudado. O exílio que se impusera, a rotina, a terapia a que se submetia, tudo isso o tornava... melhor.

Sim, e como Lilah riria se pudesse vê-lo agora! Vivendo num *trailer*, bebendo sangue de canudinho, escondido dos vizinhos.

Esse é seu brilhante plano de redenção?

Mais uma vez, tinha a impressão de poder ouvir a voz de Lilah.

Não! Era um bom plano. Estava funcionando. Só precisava ser mais cuidadoso. Tinha de ajustar a dose diária de sangue, e evitar situações onde a *fome* pudesse aparecer. Tinha de manter a calma. Sua reação a Jolee não era nada importante.

— Um pouco mais de cautela e vigilância — disse a si mesmo. — Amanhã à noite você já vai estar bem.

Ele foi até a sala e ligou a televisão. As vozes ecoaram no ambiente. Um som reconfortante.

— *Por apenas mil novecentos e noventa e cinco, o Processador de Alimentos já está com um preço incrível! Mas isso não é tudo. Você também leva o melhor Descascador de Vegetais do mundo, o último que você vai precisar comprar. E o superdescaroçador, que remove sementes de maçã, pera, até de tomates, com um simples movimento do pulso. E tudo isso por um preço único e incrivelmente baixo! Mas esta oferta é por tempo limitado. Ligue agora!*

Christian olhou para o rosto sorridente na tela. Outro comercial. Já havia visto aquele antes, mas continuava olhando para a televisão e pensando.

Os humanos realmente viviam em um mundo em que um processador de alimentos podia tornar a vida melhor? Era o que sugeria o vendedor sorridente, e Christian invejava essa possibilidade. Pensou em Jolee, tentando imaginar o que tornaria sua vida melhor. Pensar nela era suficiente para deixá-lo tenso, para fazer seu corpo reagir. Isso tinha deparar.

Ele voltou ao computador, sentou-se e acrescentou ao final do texto no blog:

Acabo de perceber que nunca perguntei aos leitores do meu blog como eles estão. Como vão todos?

Pronto. Havia feito contato. Passo Onze realizado com sucesso. Agora podia esquecer Jolee.

— Droga! — Jolee resmungou ao deixar cair outro copo. Era o terceiro da noite. Pelo menos aquele não se quebrara. Não podia mais pagar pelo prejuízo que causava no bar.

— Por que está tão preocupada? — quis saber Jed.

Ela sorriu para o homem idoso que conhecera ao comprar o bar. Ele morava no fundo do prédio e, para não pagar aluguel, trabalhava como zelador.

— Não é nada. Só distração, mesmo.

Ele assentiu, mas era evidente que não acreditava nela. As preocupações de Jolee deviam estar estampadas em seu rosto. Vance. Dinheiro. O vizinho arrogante com seu ar superior.

Dinheiro era a maior de todas as preocupações. Passara anos se preocupando com os irmãos, e isso não a ajudara em nada. Agora tinha de economizar energia para trabalhar no bar, fazê-lo render.

O lugar estava bem movimentado para uma noite de quarta-feira. Vinte clientes. Mas vinte clientes por noite não a manteriam ativa no negócio por muito tempo. Porém, mesmo com essa preocupação real, o vizinho arrogante ainda a incomodava. Invadia seus pensamentos, prejudicava a concentração, quebrava copos...

E ela não entendia por quê. Queria ter encontrado um amigo nele, mas o homem já havia deixado claro que isso não iria acontecer. Mas o que mais incomodara fora o insulto. Além de não achar que ela era bonita, ele ainda insinuara que não tinha classe suficiente para ter um nome francês.

E isso a incomodava, porque era a mesma coisa que ouvira a vida toda. Sua família não era boa. Ela não era boa. Mas era mais que seu sobrenome. Ou que seu nome, para dizer a verdade. Sabia disso, e estava disposta a provar.

Podia ser um sucesso, e não desistiria disso por causa de Vance e de um vizinho que se achava superior ao resto da humanidade.

Ela olhou em volta, estudando o bar do qual era proprietária havia três meses. Podia encontrar o sucesso.

Jolee pegou outro copo, despejou nele uma dose de rum, depois terminou de enchê-lo com gelo e refrigerante. Repetiu o processo mais duas vezes, colocando os drinks em uma bandeja, que equilibrou sobre uma das mãos para servir. Após entregar as bebidas, foi recolher copos vazios em outras mesas, ainda dizendo a si mesma que podia fazer do bar um negócio bem-sucedido. Precisava disso.

— Ei, docinho, outra jarra aqui!

Jolee assentiu sem olhar para a mesa. Depois de deixar sobre o balcão a bandeja com as canecas vazias, pulou por cima dele para o outro lado. A acrobacia provocou assobios e aplausos, mas ela ignorou a reação dos clientes. Tudo isso fazia parte do trabalho.

Jolee deixou as canecas dentro da pia cheia de água quente e detergente, e foi buscar uma jarra limpa. A velha *jukebox* perto da parede do fundo, entre os banheiros masculino e feminino, tocava *Walking After Midnight*, de Patsy Cline.

Enquanto enchia a jarra de cerveja, ela enfileirou três copos e serviu doses de Jack Daniels. O lugar não estava apenas movimentado, os clientes estavam bebendo. E isso era a alma de um bar.

Por outro lado, a bebida também causava certas dificuldades. Os cinco clientes reunidos em uma das mesas, por exemplo, os que insistiam em chamá-la de "docinho". Pareciam mais respeitáveis do que a maioria em suas camisas e gravatas, mas, com o consumo do álcool, iam se tornando cada vez mais barulhentos, e alguns tentaram tocá-la quando se aproximara para servir as bebidas.

Já havia passado por isso antes. Não era incomum. Normalmente, uma resposta firme, mas bem-humorada, resolvia a questão. Esperava que dessa vez não fosse diferente.

— Noite agitada — comentou Jed, olhando para o salão e a bandeja cheia.

— É, nada mau — Jolee respondeu.

— Mas eu ficaria de olho naqueles caras — ele comentou enquanto acendia um cigarro.

Os "caras" a quem ele se referia eram justamente os que a preocupavam.

— Eu sei. Já estou de olho neles.

Pela primeira vez desde que abrira o bar, sentia que poderia ter problemas com alguns frequentadores.

Dale Timmons, cliente regular desde a inauguração, acenou indicando que queria mais uma cerveja. Jolee sorriu e foi encher uma caneca, que levou até a mesa de Dale.

— Ocupada?

O sorriso triste de Dale e seus olhos claros e profundos sempre despertavam nela uma forte vontade de abraçá-lo.

— É, o movimento está muito bom hoje, mas pode melhorar mais ainda — respondeu ela.

— Dê tempo ao tempo.

— Deus ouça suas palavras! — ela respondeu. Não tinha muito tempo para esperar. Precisava começar a ganhar dinheiro.

— Quando vai pôr o karaokê para funcionar? — Dale já havia feito a mesma pergunta outras vezes, desde que Jolee reabriria o Brew Pub e Karaokê que havia pertencido a Leo. Ela havia comprado o bar exatamente por causa do equipamento de karaokê.

— Bem, se eu conseguir manter o bar funcionando, em breve, espero. Vou precisar contratar um funcionário para servir no bar enquanto cuido do equipamento, e neste momento não disponho do capital necessário para pagar o salário de um ajudante.

— Tudo vai dar certo.

— Ei, docinho! — chamou um dos homens da mesa sob suspeita. — Vai trazer nossa cerveja, ou não?

Ela olhou para Dale.

— Continue frequentando o bar, e logo vai vê-lo funcionando como antes.

Dale retribuiu o sorriso.

— Pode apostar que estarei aqui para ver isso.

Jolee pegou a bandeja e se aproximou da mesa dos desconhecidos, distribuindo as outras bebidas na medida em que ia passando pelos clientes que as haviam pedido. Quando ela chegou perto da mesa, todos os homens a olhavam com grande expectativa, e ela sentiu que não era pela cerveja que eles estavam ansiosos.

— Obrigado, benzinho — disse o mais ousado quando ela deixou a jarra sobre a mesa.

Jolee se virou para voltar ao balcão, mas ele a segurou pelo pulso.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Trabalhar— ela respondeu, desvencilhando-se.

O homem levantou os braços numa atitude resignada.

— Não precisa ficar nervosa. Só queríamos conversar um pouco.

Os outros dois homens riram, mas ela Os ignorou.

— Lamento, mas não tenho tempo — disse, tentando ser educada. Não estava em condições de espantar clientes.

— Ah, vamos lá! Não há tanto movimento. Sente-se aqui conosco. — O homem ao lado dele se levantou, deixando a cadeira vazia.

— Não. Com licença.

— Vai bancar a difícil?

O comentário provocou gargalhadas.

— Talvez eu *seja* difícil.

— Tudo bem... desde que não seja impossível!

Jolee o encarou com o rosto vermelho de raiva. Precisava de dinheiro, mas nem por isso iria aturar aquele tipo de homem no seu estabelecimento.

— É melhor ir embora.

— Não é muito hospitaleira, benzinho. — O homem sorriu. — Mas ainda tem uma chance de compensar a falta de educação.

Ele se levantou. Não era muito alto, mais ou menos da mesma altura de Jolee, mas era forte e tinha um peito largo. Ela recuou um passo, e tropeçou na mesa que estava logo atrás.

— O que foi que disse? Quer me encontrar mais tarde?

— De jeito nenhum — Jolee respondeu em tom calmo, apesar de segurar a bandeja de tal modo que ficasse preparada para atacar, se fosse necessário.

— Pensei que fosse uma mulher capaz de reconhecer uma boa oportunidade...

— Rick, deixe-a em paz — disse um dos outros.

Rick olhou para o amigo como se quisesse discutir, mas, para alívio de Jolee, ele se sentou, embora ainda a devorasse com os olhos.

— Acho melhor ir embora — ela repetiu, dessa vez para o cliente chamado Rick. Depois virou-se e voltou para o balcão, sem demonstrar o quanto a situação a perturbava.

Primeiro Vance, depois o vizinho esnobe, e agora aquele sujeito. Mais um homem que achava que podia tratá-la como se fosse ninguém.

As lágrimas ameaçavam sufocá-la, mas ela as conteve. Não iria chorar. Nem por isso, nem por nenhuma outra coisa. Lágrimas nunca resolveram problemas, e não costumava perder tempo com emoções inúteis.

Pouco tempo depois, os homens foram embora e deixaram o dinheiro da conta sobre a mesa, mais uma generosa gorjeta provavelmente graças ao único que intercedera por ela. A noite havia sido a melhor desde a inauguração, mas nem isso a animava. Não conseguia deixar de pensar no comportamento dos homens que encontrara nas últimas horas, e em como se sentia depreciada depois desses encontros. Sabia que eram todos uns canalhas patéticos, mas nem por isso se sentia menos deprimida.

— Os banheiros estão limpos — avisou Jed. — Vou para a cama, agora.

— Obrigada, Jed. Também já acabei de lavar os copos. Não quer levar um lanche para comer no quarto? Ainda temos castanhas e amendoins.

— Não, obrigado. Não estou com fome. Mas agradeço a gentileza.

Jolee gostaria de ter mais para oferecer ao zelador, mas não tinha muito nem para si mesma. Mesmo com a noite de bom movimento, teria sorte se conseguisse pagar o financiamento naquele mês.

Mas... *Há sempre alguém com menos*, ela pensou.

Depois de verificar todas as portas e janelas, ela saiu, trancou a porta dos fundos e acendeu a lanterna. Normalmente não desperdiçaria pilhas numa noite tão clara, mas, depois dos últimos eventos... Tudo o que queria era chegar em casa o mais depressa possível.

As vezes não sei se este meu plano é mesmo sobre ser alguém diferente ou apenas tentar apagar o passado. Será possível apagar o passado? Não sei.

Sei que não estou mais ferindo ninguém, mas não estou realmente reparando o mal que fiz a outras pessoas. Um passo muito importante para a recuperação. Número Nove da lista, na verdade: Perdão.

Como é possível reparar a pior coisa que já se fez a outra pessoa? Não é possível. Talvez este plano esteja fadado ao fracasso desde o início. Lamento muito, Rhys, Sebastian, Elizabeth e Jane. Gostaria de ter entendido antes.

Concluindo, já comprei meu Injetor de Alimentos Sólidos Papeil. Portanto, se eu quiser fazer uma carne assada com pedaços de alho no recheio, já estou equipado.

Christian engatou a marcha e pisou no acelerador. O motor do Porsche aceitou de imediato a ordem para aumentar a velocidade.

As árvores criavam um túnel em torno dele, uma mancha escura de cada lado do automóvel. Ele mal as registrava, olhando fixamente para a estrada diante dele. As rodas giravam cada vez mais depressa.

Naquela noite ele se permitira dirigir. Fugir por um tempo. Mas dirigir, sempre uma válvula de escape certa para a tensão, não surtia o efeito desejado. Não, cortar a escuridão em alta velocidade não dava a ele nem mesmo um mínimo de contentamento.

Havia se convencido de que, quando acordasse naquela noite, sua reação a Jolee teria desaparecido. Um bom dia de sono antinatural era a cura para a maioria das doenças. Mas nada mudara. Ainda não conseguia parar de pensar nela.

Ele agarrou o volante, tentando concentrar-se na vibração do veículo. Mas, em vez de sentir o ronco do motor, só conseguiu ouvir o eco da voz dela, e sentir o aroma doce de mel e canela.

Por que não conseguia tirar da cabeça aquela mortal? Não podia saciar sua fome, não com ela. Nem com nenhuma outra mortal. Então, por que ansiava por ela? Naquela noite, consumira mais alimento que o habitual. Podia sentir no corpo o calor da dose extra de sangue. Mas o calor não aplacava a ânsia em seu íntimo. Não conseguia parar de pensar nela.

Jolee. Ela estaria em casa? Estaria bem? Com certeza o odiava. Ainda podia ver claramente a surpresa nos olhos dela, depois a dor.

Christian pisou mais fundo no acelerador, até sentir o piso sob o pedal. Árvores e estrada se fundiam numa mancha sem forma. De repente, o rosto surgiu diante dele, pequeno ao longe, pálido, os olhos chocados. Aquele rosto o perseguiria.

Quase tarde demais, ele percebeu que a imagem não era uma lembrança, um fruto de sua imaginação. Era real. E estava diante dele.

Christian pisou no freio e girou o volante. Os pneus derraparam no asfalto e produziram um som estridente, levando-o para ainda mais perto daquele rosto. *Jolee!*

Ele não ia conseguir. Uma onda de pânico e impotência o sufocou. O choque seria inevitável. Mas, no último momento, foi Jolee quem reagiu, pulando para longe do automóvel. O carro girou, e ele não viu para onde ela tinha pulado. Finalmente, a frenagem surtiu efeito e o carro parou no meio da estrada.

Christian deixou o câmbio no ponto morto e saiu do carro. A noite estava silenciosa. Ele correu para o local onde pensara tê-la visto, varrendo a escuridão com sua visão noturna, menos nítida do

que deveria ser por causa da fraqueza e do pânico.

— Droga! — gritou, correndo para o acostamento, cada vez mais agitado.

Então, ele a viu. Um emaranhado de braços e pernas entre pedras e arbustos.

De repente, ele não via Jolee. Via outra mortal. Uma mulher pequenina com cabelos curtos e escuros, e grandes olhos verdes. A mulher de seu irmão, a mulher que ele matara para saciar um falso sentimento de vingança. Jane.

Ignorando a onda de náusea que revirou seu estômago, Christian desceu a encosta correndo na direção de Jolee. Não Jane, Jolee. E ela não estava morta. Não podia estar. Não podia ter matado outra mortal inocente!

Seus olhos se ajustaram melhor, e ele conseguiu vê-la. Viu o arranhão em seu braço, o sangue brilhando ao luar. O ferimento era superficial, não oferecia risco de vida.

Estava mais preocupado com a cabeça, que se chocara contra as pedras. Ajoelhou ao lado dela, tocando seu corpo. Podia sentir sua energia vital, forte, um calor que ele absorvia pelos dedos. E podia ver o coração batendo na base do pescoço. Ela não parecia estar sofrendo, mas ainda era possível que estivesse machucada, na cabeça ou no pescoço.

Sem saber o que fazer, ele hesitou. Não sabia como cuidar de mortais. A medicina era ainda arcaica nos dias em que poderia ter precisado dela. Mas lembrava-se, talvez por ter visto em um daqueles filmes aos quais assistia tarde da noite, que era perigoso mover um mortal com possível lesão na coluna ou na cabeça. Precisava conseguir uma ambulância para a remoção.

Christian se levantou, tentando pensar no que fazer. Jolee gemeu, e ele se ajoelhou a seu lado.

— Jolee, está me ouvindo? Ela gemeu novamente, levando a mão à cabeça. Depois piscou, olhou para Christian, e piscou de novo.

— O quê? Dizer que sou feia não foi suficiente? Precisava me atropelar, também?

Uma mistura de alívio e pesar o invadiu.

— Não vi você. Sinto muito.

Ela tentou se sentar. Christian a apoiou com um braço em suas costas, ajudando-a. Ela se afastou do contato com um movimento brusco, depois se encolheu e massageou o ombro.

— Deixe-me ver. — Christian saltou sobre as pedras para chegar do outro lado dela. Abaixado, enrolou com delicadeza a manga da camiseta suja de terra e viu a pele alva do ombro coberta por hematomas.

— Pode erguer o braço? — perguntou.

Ela assentiu, mas não demonstrou.

— Tem certeza?

— Eu posso, mas isso não significa que eu quero. Dói muito.

— Acho melhor levar você ao médico.

— Não! —Ela tentou se acalmar. — Não.

— Você pode ter uma... — Como era mesmo o nome do quadro provocado por uma batida forte na cabeça? — Uma concussão.

— Não, eu estou bem. Só... me ajude a levantar.

Christian ficou em pé, amparando-a com as duas mãos.

Jolee gemeu ao se levantar, mas conseguiu apoiar os pés no chão e equilibrar-se sobre as pernas. Ele tentou passar um braço em torno de sua cintura para ampará-la, mas, novamente, ela recusou a oferta de ajuda.

— Estou bem — insistiu, começando a caminhar pelo terreno irregular.

Christian a seguia de perto, pronto para segurá-la, caso ela caísse. Ela oscilava, parava, recuperava o equilíbrio, e seguia em frente. Quando chegou à estrada, olhou em volta com expressão confusa.

— Minha bolsa — disse. — Eu estava com uma bolsa.

— Espere aqui. Vou ver se a encontro.

Christian encontrou a bolsa perto de um arbusto na área onde ela caíra. Felizmente, o zíper estava fechado. Quando retornou à estrada, percebeu que Jolee estava ainda mais pálida, os olhos vidrados.

— Jolee?

Ela piscou. Estava tonta, confusa. Ele a pegou nos braços, disposto a carregá-la.

— Ponha-me no chão.

— Não está em condições de andar.

Ela não discutiu, mas também não relaxou em seus braços. Era como se quisesse ficar distante, mesmo sendo carregada. Christian a levou para o carro. Segurando-a com uma das mãos, abriu a porta com a outra. Se Jolee estava surpresa com a exibição de força, não demonstrava.

No banco do passageiro, ela apoiou a cabeça no encosto e fechou os olhos. As mãos estavam caídas sobre as pernas, sem força. Por um momento, teve medo de que ela perdesse a consciência novamente, mas Jolee murmurou:

— Devo estar maluca para me deixar colocar no *morte-móvel*.

Christian quase riu, mas o humor desapareceu quando, pensando no que acabara de ouvir, ele teve de reconhecer que ela estava muito perto da realidade.

Dessa vez ele dirigiu com cuidado, tentando não provocar muitos solavancos. Jolee ainda mantinha os olhos fechados, e seu rosto estava pálido e inexpressivo. Com a mão esquerda, ela segurava o cotovelo direito de forma a sustentá-lo.

— Sente muita dor?

Ela respondeu com um movimento afirmativo de cabeça, e Christian pisou mais fundo no acelerador.

O trajeto até o hospital levou apenas quinze minutos, mas, para Christian, pareceu uma eternidade. Felizmente, sabia onde ficava o pronto-socorro. Estivera lá certa noite, quando o hospital realizava um mutirão de coleta de sangue. O cheiro o atraía de maneira irresistível. Afastara-se apressado antes mesmo de entrar no prédio.

Passo Dez: Manutenção. Continue realizando sua análise pessoal, e quando estiver errado, admita de imediato e retifique o erro.

Na entrada do hospital, ele saltou do carro para ir tirá-la do assento do passageiro, e ela abriu os olhos e os fechou imediatamente ao ver as luzes brilhantes da emergência.

— Nada de hospital — disse.

— Jolee, você precisa de atendimento.

— Eu vou ficar bem.

— Você perdeu a consciência no caminho. Tem um ferimento no braço. Precisa ser examinada.

A cabeça dela latejava, o ombro doía, mas ela ainda tentava escapar dos braços fortes do vizinho. Não podia entrar no hospital. Não tinha dinheiro para isso. E sem um convênio de saúde, o custo seria astronômico.

Infelizmente, porém, não tinha forças para fugir ou se livrar dos braços que a carregavam.

— Já disse que não é necessário. Eu vou ficar bem.

— É claro que vai — concordou Christian, carregando-a para o prédio. — O médico vai cuidar disso.

— Ele vai me mandar para casa e vai dizer que devo descansar por uns dias.

— Provavelmente.

— Então, por que não me leva para casa e me deixa descansar?

— Só depois de ser examinada pelo médico.

Depois do exame seria tarde demais. Estaria falida!

— Por favor, pare!

O desespero na voz dela o fez parar.

— Qual é o problema, afinal?

Jolee não queria dizer àquele homem que não podia pagar por uma consulta. Não depois de ter sido tratada com tanta arrogância. Mas não tinha escolha. Como sempre, teria de deixar o orgulho de lado e fazer o que era necessário para sobreviver.

— Eu... não tenho convênio médico.

Ele a encarou com a testa franzida.

— Convênio?

— Sim, um seguro-saúde para pagar as despesas.

Christian balançou a cabeça como se nunca tivesse ouvido falar daquilo. Talvez não fosse americano. Isso explicaria o sotaque.

— Você é canadense?

— Canadense? Jolee, está delirando?

— Não, Aqui precisamos de convênio para ter atendimento médico.

— Isso é ridículo! Você precisa de atendimento, e vai ser atendida. Ei, esta moça precisa de um médico!

— Por ali, senhor — disse um guarda na entrada. — Precisa passar pela recepção.

— Meu Deus! — exclamou a funcionária no guichê. — O que aconteceu?

— Ela quase foi atropelada. Precisa de um médico.

— Por favor, ponha-me no chão — Jolee sussurrou, sentindo-se ainda mais ridícula, agora que tinha observadores.

— Sente-se ali — a recepcionista indicou a área de espera atrás deles. — Vou preparar a papelada, depois os levarei para o atendimento.

Christian não parecia satisfeito, mas fez como a mulher sugeria. Depois de acomodar Jolee em uma cadeira de plástico, sentou-se ao lado dela.

— Não entendo — disse. — Por que não podem chamar um médico primeiro, depois cuidar da papelada?

— Você nunca vai ao médico, não é?

— Nunca — ele confirmou, orgulhoso.

— Por favor, preencha os dois formulários — pediu a mulher, parando diante deles com uma prancheta.

— Ela tem de fazer isso agora?

— Infelizmente, sim. E se ela não conseguir escrever, você pode ajudá-la. Voltarei em alguns instantes.

— Ridículo — resmungou Christian, enquanto a mulher se afastava.

— Vamos sair daqui — Jolee suplicou.

— Não. Precisa de ajuda com os papéis?

— Não. — Ela suspirou, pegando a caneta para preencher os espaços com informações.

Os formulários não tomaram muito tempo, porque a maior parte deles era dedicada às informações de convênio e seguro-saúde. Irritado, Christian olhou carrancudo para a recepcionista, que, digitando freneticamente no teclado de seu computador, nem percebeu o olhar furioso.

— Está se sentindo melhor? — ele perguntou. Jolee tinha a sensação de que sua cabeça latejava visivelmente.

— Só quero ir para casa.

Ele se levantou, pegou a prancheta e foi até o guichê de recepção. Christian entregou os formulários sem dizer nada, mas Jolee sabia que a funcionária havia recebido um daqueles olhares superiores e penetrantes. Desagradáveis, como ela mesma podia atestar.

Ele voltou e sentou-se a seu lado. Mais alguns minutos se passaram até que a mulher surgisse diante deles.

— Não tem convênio? — indagou.

— Não.

— Vai ter de pagar pelo atendimento antes de deixar o hospital.

— Eu já imaginava — respondeu Jolee, começando a se levantar com dificuldade. — Obrigada.

Seu vizinho pôs-se em pé e enfiou a mão no bolso da calça, de onde tirou uma carteira de couro preta com o logotipo de uma grife famosa.

— Dinheiro não é problema — disse ele.

Jolee viu que ele tinha uma coleção de cartões de crédito: Gold, Platinum, Azul.

— Agora, será que ela pode ser atendida?

A recepcionista assentiu, e desapareceu além da porta de entrada para a ala de emergência. Jolee o encarou, furiosa.

— Não posso aceitar seu dinheiro. — Não podia contrair dívidas, especialmente com aquele homem.

— É claro que pode. Eu fui o culpado pelo acidente. Insisto em pagar pelo atendimento.

Ele tinha razão. O gesto era correto. Ela também insistiria em arcar com as despesas de qualquer acidente que causasse, se tivesse dinheiro. Mas precisava deixar claro que não haveria retribuição.

— Se eu aceitar, não vou ter como lhe pagar de volta.

— Nem eu espero que me pague. De maneira nenhuma.

É claro. Ele não iria querer que ela tentasse pagar a dívida de outra maneira. Não porque a respeitasse, ou a visse como uma semelhante, mas porque não a considerava atraente. Não se interessava por nada que ela pudesse ter para oferecer.

Jolee não queria se importar com isso, mas a demonstração de indiferença ainda a feria.

Devia estar maluca. Estava na área de espera de um hospital, cheia de dores, exausta, e ficava melindrada porque um homem não a considerava atraente!

A recepcionista voltou, acompanhada por uma mulher de jaleco branco, que segurou a porta aberta e sorriu.

— O médico vai atendê-la agora.

— Finalmente — resmungou Christian.

Jolee concordava com ele. Queria que aquilo acabasse logo para poder ir para casa. E, dali por diante, evitaria o vizinho a qualquer custo.

Depois de muito examinar e cutucar, a dra. Williams, uma mulher na casa dos cinquenta anos, com cabelos grisalhos e maneiras simpáticas, disse a Jolee o que ela já tinha adivinhado.

— Você tem alguns cortes e contusões. Seu ombro vai ficar bastante dolorido nos próximos dias. O corte no braço é grande, mas não é muito profundo. Deve ser mantido enfaixado, mas não requer atenção especial. E você tem um galo considerável na cabeça. — A médica rabiscou algumas anotações em sua prancheta. — Realmente, não há muito que eu possa prescrever, exceto analgésicos e repouso.

— Descansar seria ótimo.

— Tem alguém que possa passar a noite com você? Jolee hesitou.

— É aconselhável que haja alguém com você, pelo menos esta noite. Você tem uma concussão. O quadro não é grave o bastante para requerer internação, mas não é recomendável que durma sozinha, pois poderá sentir vertigens ou náuseas. Se isso acontecer, volte aqui imediatamente.

Jolee assentiu. A médica devia perceber que ela era sozinha, que não havia ninguém para passar a noite com- ela, mas não disse mais nada.

— Muito bem, vou pedir à enfermeira para providenciar a dose de analgésico para esta noite. Vou incluir a bandagem e o antisséptico para o ferimento, e uma relação de sintomas que devem ser observados para o quadro de concussão.

Jolee agradeceu, esperou que a mulher saísse, e começou a se vestir com dificuldade. Não seria fácil carregar bandejas e pegar copos e garrafas nas prateleiras mais altas, mas pelo menos poderia trabalhar. Era um alívio saber disso.

A enfermeira pediu que Jolee fosse esperar por ela na recepção.

Christian se levantou ao vê-la.

— E então? Tudo bem?

— Sim. Nada que o tempo e um pouco de repouso não curem. Como eu já havia dito, aliás.

A enfermeira surgiu na sala de espera.

— Aqui está — disse ela. — Tudo o que precisa para hoje. E a lista dos sintomas que deve observar para acompanhar o desenvolvimento do quadro de concussão. — A enfermeira olhou para Christian. — É você que vai passar a noite com ela?

— Sim.

— Não.

Os dois responderam ao mesmo tempo, e a enfermeira olhou para Jolee, séria.

— Moça, tem alguém para ficar com você pelo menos esta noite, não tem?

— Sim! Sim, é claro que tenho.

— Tudo bem — disse a mulher, hesitante. — Tudo bem. Espero que melhore depressa.

— Eu vou melhorar. Obrigada. — Jolee aceitou o material oferecido pela enfermeira. Só queria sair dali depressa. Mas ainda faltava uma etapa.

— A conta já está fechada — a enfermeira avisou.

Jolee nem queria ouvir o valor total. Sentia-se culpada por aquele homem ter de pagar, mesmo sabendo que ele quase a atropelara, e apesar de ele poder arcar com a despesa, obviamente. Por que um homem que se vestia daquele jeito e dirigia um Porsche morava em um *trailer* velho na frente da mulher mais falida do universo? Ele se dirigia ao balcão para pagar, sem parecer nem um pouco preocupado.

Jolee, covarde que era, ficou na área de espera.

Minutos depois, ele estava de volta. Se estava assustado com o que acabara de gastar, sua expressão não transmitia nada.

— Você seria um ás no pôquer — disse Jolee, caminhando ao lado dele em direção à saída.

— Por quê?

— Seus olhos. São lindos, misteriosos...

Christian não parou nem olhou para ela, mas estava chocado. Aquela mulher, que obviamente o detestava, depois de como a tratara, acabara de elogiá-lo. Era um elogio, não?

— Na verdade, não jogo pôquer há anos — ele respondeu. Não jogava desde os dias, em que se tornara conhecido por apostar em todas as mesas de Londres. — Tem certeza de que não se sente um pouco tonta?

Ela devia estar confusa para dizer aquele tipo de coisa.

— Não, estou só cansada — ela respondeu, sufocando um bocejo.

— Bem, vou levar você para casa o mais depressa possível. — Christian abriu a porta do carro.

— Não precisa correr. Não vai querer atropelar mais ninguém esta noite.

Ele sorriu, mas não disse nada.

O trajeto de volta ao estacionamento de *trailers* foi muito parecido com a ida ao hospital. Jolee mantinha os olhos fechados, e dessa vez Christian podia afirmar que ela havia cochilado.

Ele parou perto de seu *trailer*, desligou o motor, e ela abriu os olhos, olhando em volta.

— Obrigada — disse, sem estranhar que ele não houvesse parado diante de sua porta. Christian saltou do carro e correu a ajudá-la.

Jolee já estava em pé, usando a porta como apoio.

— Obrigada, eu continuo sozinha daqui.

Ele a segurou pelo braço que não estava ferido.

— A enfermeira disse que você precisa de alguém para ajudá-la esta noite.

— Bem, o seu *trailer* fica bem na frente do meu. Se eu precisar de alguma coisa...

Ele balançou a cabeça.

— Não. Você vai dormir no meu *trailer*.

— Ah, não! Prometo chamar se sentir alguma coisa, mas...

— Não. — Christian balançou a cabeça, veemente. — Você vai ficar no meu *trailer* — repetiu.

— Já disse que não!

— A outra opção é eu ficar no seu *trailer*, mas, se não me engano, você não tem sofá. É claro que podemos dividir sua cama, mas...

— Isso é ridículo! Estou perfeitamente bem para ir para casa sozinha e dormir na minha cama. Não preciso de você do meu lado.

— Tudo bem, então. Pode ir para a sua cama.

Ele começou a puxá-la para o *trailer*, mas Jolee resistiu.

— Você seria realmente capaz disso, não é?

— Sim. São ordens médicas.

— Está bem. Vou dormir no seu sofá.

— Na minha cama.

— No sofá.

— Na cama!

— Ah, pelo amor de Deus! Tudo bem. — Ela suspirou. — Eu durmo na sua cama. Mas você vai dormir no sofá.

— Pode ter certeza disso.

Jolee se deixou levar para o *trailer* de seu vizinho. Estava tão cansada que não tinha mais forças para lutar. Exausta, ela caiu no sofá assim que entrou.

— Deveria ir direto para a cama.

Ela assentiu, cansada demais para responder, mas foi se ajeitando sobre as almofadas.

— Quer alguma coisa para vestir?

Mais uma vez, ela moveu a cabeça em sentido afirmativo. Só queria descansar.

Christian saiu da sala, e Jolee fechou os olhos, mas ele voltou um minuto depois.

— Aqui está.

Ela abriu os olhos e o viu segurando uma camisa branca de algodão. De grife, é claro.

Jolee tocou a peça, e sentiu no algodão a maciez de um tecido caríssimo, de uma qualidade que ela jamais vestira antes.

— Obrigada. — Só então notou que ele tinha sangue no ombro e na camisa, que os cabelos estavam desalinhados e a calça amarrotada. — Você está horrível.

Ele olhou para si mesmo e sorriu.

Um sorriso adorável, ela pensou, bocejando e fechando os olhos. *Pena que ele já sabe disso.*

— Meu nome também não significa "bonito" em francês — murmurou ele.

Jolee abriu os olhos, pensando ter sonhado com o comentário.

— Meu nome é Christian. Christian Young. Ela sorriu.

— Christian é um belo nome. — Em seguida, fechou os olhos e dormiu.

Christian a observava. Sua respiração era lenta, profunda, cadenciada. Seu perfume impregnava o *trailer*. Seu rosto ainda estava pálido, mas havia um toque de cor nas faces. Ela ia ficar bem.

Sabia que Deus não iria se interessar por sua gratidão, mas agradeceu assim mesmo. Nunca dera muita credibilidade a Deus, nem mesmo quando estava vivo. Engraçado pensar nisso agora, quando não tinha mais chances de ser perdoado por Deus ou pelos homens.

Nunca acreditara que seria capaz de cumprir o Passo Sete de seu programa de Doze Passos. Mas lá estava ele, praticando a Humildade, pedindo a um poder superior para ajudá-lo a superar dificuldades.

Christian olhou para Jolee e viu outro rosto, o rosto que promovera aquela mudança nele. O rosto de uma mortal cujo único erro havia sido amar seu irmão vampiro. Será que Rhys ainda sofria por Jane? Certamente. Christian jamais esperaria perdão dele. Ou de Sebastian. Seu irmão caçula acertara ao tomar o partido de Rhys. Rhys estivera certo sobre Lilah desde o início, acertara ao dizer que ela era má, cruel, que nunca o amara, mas a obsessão por ela o impedira de ouvir o irmão. E agora Rhys nunca o perdoaria. Nunca.

Incapaz de continuar pensando no que fizera, Christian foi para o quarto. Lá, notou a camisa no chão e analisou as manchas de sangue, que via pela primeira vez desde o incidente. Mesmo seco, o sangue ainda tinha aquele aroma inebriante, aquele poder de atração. Aproximou o tecido do nariz e inspirou profundamente. O apetite respondeu, os músculos se retesaram, mas as presas não apareceram.

Ele jogou longe a peça de roupa. Estava apenas se torturando. Jamais poderia mordê-la. Mas a necessidade persistia, embora as presas não aparecessem.

Até aquele momento, nem sentira a necessidade. Seus poderes haviam mesmo desaparecido? Ou estivera tão preocupado com ela que não registrara o cheiro de sangue? Não sabia.

Mas sabia que podia sentir o cheiro dela no *trailer*. O cheiro de Jolee.

Ele voltou à sala. Ela não havia se movido. Sentia-se culpado, mas não sentia fome. Nem mesmo depois de ter cheirado o sangue na camisa. A necessidade desaparecera.

Mas, na noite anterior, sentira no corpo as evidências dessa necessidade. Sentira a ereção, o desejo de tocá-la. Tinha certeza de que aquilo havia sido a fome. Talvez o sangue extra ingerido houvesse causado o descontrole. Era possível que houvesse encontrado a quantidade perfeita, afinal, o suficiente para satisfazer, mas não para impedir sua convivência com os humanos.

Jolee se encolheu, quase encostando os joelhos na testa. Ficaria mais confortável na cama, pensou Christian. O colchão velho estava empelotado, mas era melhor do que as almofadas escorregadias do sofá.

Começou a movê-la, passando um braço sob seus joelhos e o outro atrás das costas, mas ela

gemeu.

— Não... — Era quase como se não suportasse acordar novamente.

Então, em vez de tirá-la do sofá, ele apenas a acomodou melhor, permitindo que esticasse as pernas. Depois foi ao quarto pegar um cobertor. Quando a cobriu, ela agradeceu, mas continuou dormindo.

Christian não conseguia se lembrar da última vez em que havia cuidado assim de alguém. Talvez de Elizabeth, sua irmã, mas não conseguia se lembrar.

Dor e remorso oprimiram seu peito. Mais uma mortal que havia ferido. Mais uma mortal que poderia ter salvado, não fosse a cegueira causada por sua obsessão por Lilah. Não tinha matado Elizabeth, mas, em última análise, era como se tivesse.

Talvez por isso se sentisse tão atraído por aquela mortal. Ela precisava de alguém. Precisava de alguém que a ajudasse, que a salvasse... Não sabia do quê, exatamente, mas a protegeria de algum jeito. Como devia ter protegido a irmã, os irmãos e Jane. E a si mesmo.

Christian sentou-se em uma cadeira e ficou vendo Jolee dormir. Seu corpo reagiu, mas ele ignorou a resposta intrigante. Incomodado, foi se sentar diante do computador e abriu a página do blog.

Acho que encontrei um jeito de reparar meus erros do passado. Sei que nunca terei o perdão de meus irmãos. Ou de Elizabeth. Ou de Jane. Mas posso ter o perdão de outro ser humano. Não sei muito bem onde essa estratégia se encaixa no meu programa de passos. Ela pode ser o Passo Nove: o Perdão, a chance de reparar os erros que cometi ferindo outras pessoas.

Ele olhou para Jolee. Definitivamente, ele a ferira, tanto no físico, quanto nos sentimentos.

Ela também pode ser o Passo Oito, que chamo de Disponibilidade. Tenho usado este blog como uma forma de me conectar a outras pessoas, mas acho que, talvez, eu precise de mais. Posso precisar da interação real, da pessoa, do contato com os humanos para que este plano seja um sucesso de verdade. Para mostrar meu desejo de mudar. Ou ela pode ser o Passo Doze: Serviço. Esse passo requer que eu ajude outras pessoas e compartilhe o que aprendi.

Aquela idéia já não era tão interessante como fora um dia. Mais uma vez, ele olhou para Jolee. De fato, gostava da idéia de ser "amigo" de uma mortal. Seria uma novidade.

Jolee respirava compassadamente. Christian não entendia as reações de seu corpo à presença dela. O impulso de tocá-la, a ereção sem as presas. Tudo o que sabia era que precisava estar perto dela. Não entendia a necessidade, mas Jolee despertava nele uma sensação diferente do vazio e da fome. E ele a protegeria. Era uma troca justa, segura. Olhou para a tela do computador.

Talvez ela seja uma combinação dos três passos. Nesse caso, atrevo-me a dizer que estou alcançando um grande sucesso com este programa.

Capítulo II

Jolee se espreguiçou e gemeu. Tinha a sensação de que havia sido atropelada por um caminhão. Abriu os olhos, olhou para o teto, depois virou a cabeça, notando a mobília. Mobília que ela não tinha. E a analogia do caminhão não era tão absurda.

Estava no *trailer* do vizinho. Christian. Ele finalmente dissera seu nome, ou havia sonhado?

A sala estava vazia. Não sabia que horas eram, porque cortinas grossas cobriam as janelas. A única luz era proveniente de uma lâmpada na cozinha.

Christian... agora tinha certeza de que ele dissera seu nome... não estava ali. Jolee se levantou devagar, caminhando com dificuldade por causa das dores, tentando encontrar um relógio. Não havia nenhum. Ela se aproximou da janela e afastou a cortina. Estava claro lá fora. Pela posição do sol, devia ser o meio da tarde. O *trailer* parecia um forno.

Jolee deixou a cortina fechada e foi até a cozinha. Precisava beber alguma coisa; tinha a boca tão seca como se tivesse passado horas lambendo um saco de farinha.

Abriu o armário à procura de um copo, mas encontrou uma estranha coleção de objetos. O Separador de Ovos. A panela Massa Plus, ambos ainda em suas caixas. Bolinho Mágico? Jolee pegou a caixa para ler a descrição do produto. "Você não precisa mais perder tempo preparando os bolinhos de carne para o jantar. Agora, com o Bolinho Mágico, isso ficou bem mais fácil!" Ela guardou a caixa no armário. Não era fácil fazer bolinho de carne?

Outro objeto chamou sua atenção. Atirador de Salada, ela leu na lateral da caixa. E ainda havia um Eurosealer naquele mesmo armário. Nada de pratos. Nem copos. Apenas produtos vendidos naqueles programas comerciais da televisão.

Que estranho...

Jolee encontrou um copo plástico que era, na verdade, a base do Superfatiador. O primeiro copo não aplacou sua sede. O segundo começou a saciá-la e, enquanto bebia gole a gole, começou a inspecionar o lugar. Sabia que não deveria ser bisbilhoteira, mas, depois do que encontrara no

armário, estava intrigada. Os outros armários estavam vazios. As gavetas também, com exceção de um grande pacote de canudos. Ela franziu a testa. Podia imaginar Christian bebendo taças de martini ou champanhe, mas nunca com um canudinho. Por outro lado, ele também não parecia ser do tipo de pessoa que assistia a programas de televidas. Se bem que, até aí, também não parecia ser do tipo que morava em um *trailer*. E a lista de improbabilidades só crescia.

Jolee se aproximou da geladeira e viu a lista presa à porta por um ímã:

Para ser humano:

Passo 1: Honestidade

Passo 2: Fé

Passo 3: Rendição

Passo 4: Análise da Alma

Passo 5: Integridade

Passo 6: Aceitação

Passo 7: Humildade

Passo 8: Disponibilidade

Passo 9: Perdão

Passo 10: Manutenção

Passo 11: Fazer Contato

Passo 12: Serviço.

Aquele homem precisava de uma lista sobre como ser humano? Não era um bom sinal, Jolee releu a lista, depois balançou a cabeça e abriu a porta da geladeira para estudar seu conteúdo. As únicas coisas ali eram embalagens de... suco, ou alguma coisa assim. Daí os canudinhos, ela deduziu.

Em comparação com aquela, a sua geladeira parecia a de um supermercado, pensou Jolee. Agora ela entendia por que ele nem tirara os aparelhos das embalagens. Não havia salada para fatiar, nem ovos para separar. E bolinhos de carne, então!

Aquilo estava lhe parecendo cada vez mais estranho. Exceto pelo zumbido do computador em cima da mesa, o *trailer* estava em silêncio. Onde ele estava?

Jolee foi procurá-lo e o encontrou no quarto, mergulhado na penumbra. Dormindo. Nu.

Jolee apressou-se a fechar a porta, embora, no fundo, tivesse de admitir que gostaria de ter ficado admirando-o um pouco mais. Bebeu o que restava da água no copo, esperando que o líquido frio dizimasse o súbito calor que se acendera dentro dela.

Não se lembrava de ter visto outro homem tão perfeito. E justamente por isso, tinha de sair dali o quanto antes. Como se não bastasse ter um rosto muito bonito, ele também tinha um físico de tirar o fôlego! E conhecia bem o ego que acompanhava esse conjunto. Ele a tratara com gentileza na noite anterior, mas logo voltaria a ser a criatura arrogante de antes.

Com toda a rapidez permitida pelo braço machucado e a fraqueza deixada pelo incidente da noite anterior, Jolee pegou sua bolsa, dobrou o edredom e viu a camisa de grife que ele lhe emprestara embolada sobre uma almofada. Em vez de vesti-la, havia usado a camisa como travesseiro!

Suspirando, esticou-a no encosto de uma cadeira. Como se não bastasse amassar a peça caríssima, também havia babado nela. Esperava que a mancha secasse até ele acordar.

O homem de corpo e rosto perfeitos tinha problemas. Problemas com os quais ela não podia, nem queria, lidar. Já tinha os próprios problemas para resolver, e não eram poucos. O mais imediato era descobrir como iria trabalhar a noite toda com o ombro e o braço no estado em que estavam, e com a cabeça ainda latejando.

Quando saiu, Jolee se deparou com a luz do sol e apertou os olhos, tomada de assalto pela dor de cabeça e pela náusea. Mesmo indisposta, fechou a porta e foi para casa, deixando as lembranças de Christian adormecidas com ele e seu corpo perfeito naquele quarto escuro.

Pela primeira vez desde que se mudara para o inferno de Shady Fork, Christian não acordou irritado. Não estava irritado com o passado que o obrigara a se mudar para aquele lugar horrível, nem com a fome que o induzia a adotar uma dieta severa, nem com os sons do exterior, nem com os malditos enfeites do jardim.

Seu primeiro pensamento foi para Jolee. Como ela estaria? Mas, aliada à preocupação, havia uma emoção ainda mais estranha. Era quase uma... empolgação.

Ele ainda vestia a calça, quando o sentimento desapareceu. Não sentia mais a presença dela no *trailer*. O lugar estava vazio, como sempre.

Christian foi até a sala, tentando sufocar o desapontamento. Ela devia ter voltado ao seu *trailer*. Era compreensível. Certamente, queria tomar um banho e vestir roupas limpas. Ele abotoou a camisa e calçou os sapatos.

Com exceção da lâmpada externa, o *trailer* estava às escuras. Jolee devia estar dormindo, Christian pensou enquanto subia os degraus. Era estranho... Estava concentrado, mas também não sentia a presença dela ali.

Girou a maçaneta, e a porta se abriu com facilidade.

Jolee não estava ali.

Ele tentou trancar a porta ao sair, mas desistiu ao constatar que a fechadura não funcionava. O que faria agora? Onde ela estava? Apreensão e irritação se mesclavam em seu peito. Ela deveria estar descansando. Por que aquela teimosia em desobedecer às ordens médicas?

E se tivesse passado mal e decidido voltar ao hospital? Certamente, ele não poderia ter ajudado se isso tivesse acontecido à luz do dia. Ela teria ido pedir ajuda a outro vizinho?

Christian decidiu passar pelo hospital, só por precaução. Já estava voltando ao *trailer* para pegar a chave do carro, quando sentiu o perfume de mel com canela.

O aroma estava no ar, ainda forte o bastante para poder senti-lo. Ele continuou caminhando na direção da estrada, seguindo o rastro. O cheiro se tornava sutilmente mais forte. A princípio, vampiros eram como cães, e o olfato era o último poder que desapareceria. Ele a sentia, e estava disposto a seguir seu rastro como uma versão olfativa das migalhas de João e Maria.

Ela devia ter ido ao local aonde sempre ia nas noites em que a via andando sozinha. Dolorida e frágil como estava, ela ainda assim saía para ir ao tal lugar. Por quê? A trilha o conduziu à estrada principal, e ele logo percebeu que Jolee estava voltando para casa, na noite anterior, quando ele quase a atropelara. Estava voltando do tal lugar aonde sempre ia.

Ainda era possível ver as marcas dos pneus no asfalto.

A trilha seguia alguns metros além desse ponto e, então, pela primeira vez, Christian reparou numa construção à margem da estrada. Uma placa de madeira pintada pendia do telhado, iluminada por lâmpadas escondidas entre as folhas das árvores em volta: Leo's Brew Pub e Karaokê Saloon. Multiétnico!

Uma outra placa, ainda maior que a primeira, com o nome do estabelecimento, pendia logo acima da porta: Associação Nacional de Karaokê. Luzes de Natal decoravam toda a fachada. Luminosos anunciando marcas variadas de bebidas alcoólicas pendiam das janelas.

Como nunca notara aquele lugar?

O pátio de cascalho à esquerda da entrada já abrigava vários automóveis. Havia música no interior. E vozes. De repente, ele sentiu a presença de Jolee. Era ali que ela ia todas as noites?

Christian aproximou-se. Espiando por uma janela, viu mais luzes de Natal iluminando as prateleiras. Vários grupos ocupavam as mesas de madeira, e todos bebiam. Dois homens jogavam bilhar em um canto do salão. No outro lado, havia um espaço aberto com um pequeno palco. Sobre ele, um monitor fora preso ao teto, e havia outro na parede, virado para o lado oposto. Os monitores estavam desligados, e não havia ninguém no palco. Outras pessoas ocupavam os bancos diante de um longo balcão no fundo da sala. E atrás do balcão estava... Jolee.

— Jolee, menina, você deveria estar em casa, na cama — Jed opinou novamente.

Antes, ela apenas rira do conselho, sentia dores, mas podia suportá-las. Porém, depois de alguns movimentos mais difíceis para alcançar garrafas nas prateleiras mais altas, sentia dores bem mais fortes. Quase insuportáveis.

Mas forçou um sorriso e disse:

— Esta é a melhor noite que já tive. Eu dou um jeito.

Jed balançou a cabeça.

— Deixe-me ajudar, então.

Ele já havia oferecido ajuda antes, e ela recusara. O pobre homem já tinha idade suficiente para estar aposentado, mas tirava o lixo, limpava os banheiros e lavava o chão do salão todas as noites, depois do fechamento do bar. Não queria abusar de sua boa vontade. Mas só naquela noite...

— Não, eu ajudo — anunciou uma voz firme antes que ela pudesse responder.

Jolee virou-se e viu Christian na ponta do balcão.

— O que faz aqui? — ela sussurrou, aproximando-se intrigada.

— A pergunta correta é por que *você* está aqui? Deveria estar descansando.

— Bem, algumas pessoas têm de trabalhar para viver.

— Seu chefe não lhe negaria duas noites de licença para tratamento de saúde.

— *Eu* sou minha chefe.

Christian a encarou por um instante, depois olhou em volta.

— O bar é seu?

— Por quê? Acha que uma mulher não pode ser dona de um bar?

— Não, eu... só não imagino por que iria querer ter um bar.

— Sabe de uma coisa? — ela disparou, furiosa. — Não preciso ouvir seus comentários rudes. Você é um canalha pretensioso e arrogante. Não tem o direito de entrar aqui criticando meu bar, só porque...

— Fui indelicado. Perdão.

Ela o encarou em silêncio por um instante.

— Obrigada pela visita. Agora pode ir.

— Não.

Ele começou a arregaçar as mangas de mais uma de suas camisas de grife, esta azul como seus olhos. As mangas erguidas revelavam braços musculosos. Jolee notou que o corte provocado pelo canivete de Vance havia desaparecido completamente. Devia ter sido ainda menor do que imaginava. E por que estava prestando tanta atenção aos braços musculosos do vizinho arrogante? Droga!

— O que está fazendo? — Jolee perguntou, confusa.

— Vou ajudar aqui — ele respondeu, já saltando por cima do balcão com a agilidade de um atleta.

— Tem uma entrada por ali — ela apontou, mal-humorada.

Como se não tivesse feito a mesma coisa várias vezes, embora não com toda aquela graça. E com a dor que sentia no ombro, não repetiria o movimento tão cedo!

Christian sorriu, um sorriso contido, quase um esboço, e mesmo assim ela perdeu o ar.

— Vou me lembrar disso na próxima vez.

— Bem, se quiser pular novamente por cima do balcão e ir embora, tudo bem.

— Não quero. Já disse que vou ajudar aqui.

Ele parecia sincero. Desesperado, até. E Jolee queria sua ajuda. *Precisava* de ajuda.

— Só hoje, então.

Ele assentiu.

— Tudo bem — ela suspirou resignada, confusa com a sensação de que estava aceitando muito mais do que ajuda por uma noite.

— Um homem não deveria ser tão bonito — Jolee resmungou ao ver Christian levar a bandeja para uma das mesas.

As mulheres sentadas ali não concordavam com ela, evidentemente, ou não olhariam para ele com tanto interesse. Os dois homens que as acompanhavam o encaravam com franca hostilidade. Até Jed o encarava com hostilidade.

Jolee tentou se concentrar no trabalho. Um gim-tônica. Ela se virou para pegar a garrafa na segunda prateleira, e de, repente Christian estava ali, ajudando na tarefa quase impossível.

— Obrigada — ela murmurou.

Ele sorriu. Um meio sorriso. Quase como se tivesse consciência de sua reação a ele.

— Como se sente?

— Bem — ela respondeu irritada, tentando esconder o quanto ele a perturbava com toda aquela atenção.

Jolee virou-se para preparar o drinque.

— Pronto — disse, caminhando para o outro extremo do bar, para longe dele.

Sem dizer nada, Christian pegou a bandeja e foi para o salão.

Era absurdo! O lugar estava cheio como jamais estivera, e ela era forçada a ficar ali, sem se mexer, aceitando a ajuda de um estranho arrogante.

— Olá — disse uma voz feminina quando Jolee pegava uma caneca de cerveja sob o balcão.

Ela se levantou, lamentando o movimento rápido que aumentava a dor de cabeça, e olhou para a mulher que parecia apreciar muito um delineador azul.

— Pois não?

— Eu... tenho uma dúvida. O homem que está servindo as mesas trabalha aqui todas as noites?

— Não. Ele só está me ajudando hoje.

— Ah... — Havia desapontamento na voz dela. — Eu ia dizer a todas as minhas amigas para vir ver esse modelo de perfeição!

Jolee sorriu com frieza.

— Sinto muito.

— Eu também. — A mulher voltou à mesa, já olhando novamente para Christian.

Para o traseiro de Christian.

E Jolee tinha de admitir que era um belo traseiro. *Pare com isso!*

Ela pegou um pano úmido e o pressionou contra a testa. A sensação era agradável. Não podia se sentir atraída por um homem que, não fosse pela culpa de quase tê-la esmagado sob as rodas de seu Porsche, a estaria tratando como... bem, como outra coisa que ele poderia ter esmagado com as rodas de seu carro.

— Onde encontrou o menino bonito? — Jed perguntou em tom aborrecido.

— Ele é meu vizinho.

— Bem, ele gostaria de ser mais do que isso.

— Ficou maluco? Acho que está precisando descansar!

— Não. Eu vejo como ele olha para você. E como se estivesse... com fome.

Bem, considerando o estado de sua geladeira e dos armários, não era de estranhar que sentisse fome.

— Está imaginando coisas — ela insistiu. — Ele só está me ajudando porque se sente culpado.

Christian aproximou-se do balcão com mais um pedido.

— Esses mor... Essas pessoas bebem de verdade!

Jolee irritou-se. Com o comentário, com o tom admirado, e com a maneira como se referia a seus clientes. Do que ia chamá-los? Mor... o quê?

— Essas mor... pessoas... — ela respondeu, imitando o tom superior — estão pagando para se divertir. Não estão interessadas no seu julgamento.

Christian não parecia aborrecido com sua atitude.

— Como se sente? — ele perguntou.

Ela o ignorou e foi preparar o pedido. Podia sentir que ele a observava, mas fingia ignorá-lo.

— Jolee? Qual é o problema?

— O problema é que você pensa que é melhor que todo mundo!

— Ei, eu só fiz uma observação! Nunca servi drinques em um bar. Não sabia que o trabalho era tão duro. Não tive intenção de ofender ninguém.

Ela o estudou por um momento e não encontrou nada além de honestidade em suas palavras. Honestidade. Número Um em sua lista de doze passos, se não estava enganada.

Era impossível não se sentir culpada. Ele estava ali trabalhando duro para ajudá-la, e deveria se sentir grata por isso.

— Ah, tudo bem. Desculpe pelo mau humor.

— Tudo bem. Eu mereço. — Ele sorriu, pegou a bandeja, e voltou ao salão.

Jolee o observou sem saber em que parte dele devia acreditar. O nobre altruísta que ia ajudá-la, ou o homem arrogante e distante que a olhava de cima?

Esta noite ele não agia com arrogância. Estava ali trabalhando como um simples garçom, e era... bom. Talvez não fosse melhor que seus clientes, ou melhor que ela, mas, definitivamente, era diferente das pessoas que ela conhecia.

A mulher que havia perguntado por ele o chamou para pedir mais uma bebida. Ela parecia indecisa, e tocou a mão dele várias vezes enquanto examinava o cardápio. Quando finalmente escolheu o que queria, e pediu sua bebida, ela esperou que Christian se virasse para beliscar seu traseiro.

Jolee não conteve uma gargalhada. Ah, sim, a experiência de trabalhar no bar o tornaria muito mais humilde!

E Christian havia chamado seu *trailer* de inferno. Aquele lugar era pura agonia! Mortais barulhentos, música ainda mais estridente, o cheiro azedo de cerveja e fumaça de cigarro. E sob toda essa mistura de estímulos repulsivos, o inconfundível cheiro de sangue provocando sua fome. Estimulando. Só isso já teria sido difícil de suportar, mas, com todos os outros estímulos associados, a experiência se tornava devastadora.

E como se não bastasse, uma mulher com maquiagem de palhaço acabara de apertar seu traseiro! Seu primeiro impulso havia sido virar-se e morder a mão dela como um cão raivoso.

Mas ele vira Jolee atrás do balcão, sorrindo. Era a primeira vez que a via sorrir desde a noite em que a insultara. De repente, o beliscão e os outros ataques aos seus sentidos não tinham mais importância.

— Por que está rindo? — ele perguntou ao se aproximar do balcão.

— Você acabou de ser beliscado.

— Ah! É bom saber que alguém se diverte com isso.

— Ela veio me perguntar se você trabalha aqui todas as noites.

— Bem, eu posso vir. — Não! Acabara de oferecer-se para continuar trabalhando naquela casa de loucos?

O sorriso desapareceu do rosto de Jolee.

— Não. Agradeço por sua ajuda hoje, mas amanhã eu já estarei em condições de cuidar de tudo.

Ele não acreditava nisso, mas não discutiu sua afirmação. Não queria arruinar a trégua frágil que haviam estabelecido. Em silêncio, ele pegou mais dois drinques para levar aos clientes que os haviam pedido.

Depois de atender às mesas, ele voltou para perto de Jolee. Queria vê-la sorrir novamente. Falar com ela. Mas ela estava na ponta do balcão, conversando com outra pessoa: Ele voltou ao

salão para recolher os copos vazios, mantendo-se bem longe da palhaça de mãos errantes. E ainda trabalhava no salão, quando sentiu a agitação de Jolee.

Acima de todos os ruídos e estímulos no salão, podia sentir as vibrações que emanavam dela com clareza inconfundível.

Ele voltou para perto do balcão. Jolee continuava conversando com a mesma pessoa, mas não havia como ignorar o medo que emanava dela. Pânico. Ansiedade. Desconforto. Aquele homem a estava importunando?

Pulando sobre o balcão, Christian se aproximou dela, mantendo uma certa distância, mas chegando perto o bastante para poder ouvir o que estavam falando.

— Ora, benzinho, achei que ficaria feliz por me ver — o homem estava dizendo.

— Mark, como me encontrou aqui?

— Vance.

— As notícias correm...

— Este lugar é bem agradável.

Christian examinou o desconhecido rapidamente. Cabelos castanhos e oleosos com as pontas cacheadas sob o boné de beisebol. Olhos castanhos emoldurados por sobrancelhas largas e desalinhadas. E bigode. Era possível sentir o cheiro de gordura e suor na camiseta e na calça jeans do sujeito.

— Muito bom — Mark aprovou. — Parece que está se saindo muito bem sozinha, Jo.

— O que quer aqui, Mark?

— Um antigo namorado não pode aparecer para uma visita? Para uma cerveja, talvez?

O quê? Aquele sujeito asqueroso fora namorado de Jolee? Da sua Jolee?

Christian parou.

Sua Jolee? De onde surgira essa idéia?

Bem, não tinha importância. Não gostava de pensar naquelas mãos imundas tocando a pele alva e macia de Jolee.

Nem naquela boca retorcida beijando os lábios carnudos. E por que se importava? Sabia que queria tocá-la e beijá-la por causa de sua fome. Não havia outra razão.

— Uma cerveja — Jolee concordou, virando-se para ir servir a bebida em uma caneca.

Ela viu Christian e sorriu, mas sem a alegria de antes. Jolee deixou a cerveja diante de Mark, sobre o balcão, e virou-se para se afastar, mas ele a agarrou pelo braço machucado.

Christian ergueu os ombros ao ouvi-la gemer.

— O que aconteceu? — Mark perguntou, tocando a bandagem com o polegar de unha suja.

— Um acidente, apenas. Preciso voltar ao trabalho. Ele a soltou.

— É claro. — Ele bebeu toda a cerveja de um só gole. Jolee passou por Christian para ir servir um homem de boné verde no outro extremo do balcão.

— Tudo bem? — ele perguntou quando Jolee passou a seu lado.

Ela assentiu, oferecendo um sorriso rápido que não iluminou seus olhos.

— Sim, tudo bem. É só um rapaz da minha cidade.

Não, um ex-namorado. Podia sentir que ela ainda estava ansiosa, mas, em vez de questioná-la, voltou ao salão para continuar servindo Os clientes.

A noite prosseguiu com os dois trabalhando duro, até que, por volta de uma e meia da manhã, a maioria dos clientes já havia partido. Inclusive a mulher de mãos errantes, para alívio de Christian. Só restavam os jogadores de bilhar, um velho que passara a noite toda sentado ao lado do barril de cerveja, e Mark.

Christian limpava as mesas, colocando os copos em uma cuba cinzenta. Não era um trabalho muito agradável. Jolee ia lavando os copos e os pratos na pia atrás do balcão.

Também não devia ser um trabalho dos mais agradáveis, pensou.

— Jolee — Mark a chamou. — Mais uma.

Christian já havia notado que a cerveja com que ela concordara se transformara em várias canecas.

Ela não respondeu, nem serviu outra bebida. Em vez disso, caminhou até a ponta do balcão para falar com ele em voz baixa.

Mark, que já havia bebido demais, não tinha o mesmo autocontrole.

— Está querendo mandar em mim. Exatamente como quando estávamos juntos. Sempre querendo controlar a situação.

Christian pegou a cuba móvel e foi levar os copos para a pia atrás do balcão.

— Mark, não faça escândalo. Você já bebeu demais para quem ainda vai dirigir — respondeu

Jolee em tom calmo.

— Eu posso dormir na caminhonete. Ou na sua casa. Não é mesmo, benzinho?

— Não.

Ele a encarou, furioso.

— Por que não? Agora é boa demais para mim? Vance disse que você se mudou porque pensava ser boa demais para gente como nós.

— Não foi por isso que parti.

Christian ouvia a conversa com interesse. Por que ela se mudara para Shady Fork? O que poderia ser pior do que aquele inferno?

— Mark, você está bêbado. Saia. Vá dormir na caminhonete. — Ela se virou, mas, como antes, Mark a segurou pelo braço. E dessa vez ele a puxou com força.

Jolee gritou de dor.

Christian surgiu ao lado dela e agarrou a camiseta imunda e suada de Mark.

— Solte-a.

Assustado e desorientado pela cerveja que havia ingerido, Mark olhou para a mão que segurava a frente de sua camiseta, depois para o rosto do desconhecido. Finalmente, ele perguntou a Jolee:

— Que diabo é isto?

— Solte-a — Mark repetiu.

Mark a soltou. Jolee recuou dois passos.

— Por isso você partiu? — Mark indagou. Ela não respondeu.

Mark olhou para Christian.

— Não se anime demais com ela. Não vale a pena. Ela é uma vagabunda. Todos os Dugan são frac...

O soco na boca o impediu de concluir a frase. Mark caiu contra o encosto da cadeira alta e ficou ali pendurado, quase inconsciente. Christian nem se virou para ver qual era a reação de Jolee. Em vez disso, saltou por cima do balcão, agarrou o homem pelo ombro, e saiu do bar arrastando-o como se fosse um fardo.

— Christian — Jolee chamou finalmente.

Ele se virou e a viu olhando em sua direção com ar chocado. Mas ela não parecia preocupada com o sujeito que acabara de deixar inconsciente.

— Eu já volto. Como você mesma sugeriu, Mark precisa dormir para curar a bebedeira.

Ele saiu do edifício, mas não antes de ouvir o sujeito que passara a noite sentado ao lado do barril de cerveja comentar:

— Gosto desse rapaz.

Jolee calculava o lucro da noite na gigantesca e antiga calculadora do escritório, no fundo do bar, e pensava com incredulidade em tudo o que havia acontecido nos últimos dias. Havia mais alguém de Sawyersville para aparecer? Três horas de viagem até seu novo endereço não eram suficientes?

Mas o pior era Christian se misturando a esse passado. Não queria nem imaginar o que ele estava pensando sobre ela.

Olhou para o visor da calculadora e piscou. Devia haver algum erro.

Dizendo a si mesma que tinha de prestar mais atenção ao trabalho, Jolee limpou a tela e começou a digitar os números novamente, certa de que a máquina velha estava com algum defeito.

O bar estava fechado. Esperava que, quando terminasse de fechar o caixa, Christian já houvesse partido. Não queria falar com ele. Não sabia o que dizer.

Ela pressionou a tecla para obter o total, e ficou olhando para a tela. O mesmo valor da soma anterior. Havia sido uma noite fantástica. Se continuasse assim, logo poderia contratar um ajudante.

Devia ir agradecer a Christian pela ajuda. Mas... e se o vizinho arrogante houvesse voltado? Não sabia se poderia suportar mais insultos. E agora ele tinha motivos de sobra para pensar o pior dela. Um irmão drogado, um desconhecido dizendo que ela era uma vagabunda... Vinha de um lugar de pessoas ríspidas, mas não era como elas. E não suportaria constatar que Christian pensava o contrário.

Ela guardou o dinheiro no cofre, verificou a fechadura, fechou o livro contábil, guardou lápis e canetas na gaveta da escrivaninha, e percebeu que não havia mais nada para fazer ali. Tinha de sair.

O salão estava limpo, pronto para ser fechado. Os copos haviam sido guardados. As mesas foram limpas com álcool. E, para aumentar sua surpresa, Christian e Jed estavam sentados em uma das mesas, bebendo.

— Ah, aí está você — disse o velho zelador.

— Já fizeram tudo — ela constatou. — Obrigada. Jed sorriu.

— Venha comemorar conosco essa noite fantástica.

Ela apreciava o convite, mas só conseguia pensar em todos os eventos que não mereciam uma celebração.

— Eu... estou cansada. Vamos deixar para outra vez.

— É claro — Jed concordou.

Ele se levantou, pegou o maço de cigarros, e estendeu a mão para Christian.

— Foi um prazer, meu jovem.

Christian assentiu, apertando a mão de Jed, mas havia em seu rosto uma expressão peculiar.

— O prazer foi meu, Jed,

O zelador despediu-se e saiu pela porta do fundo, acendendo um cigarro.

— Espero vê-lo mais vezes por aqui, Christian! — ele gritou da saída.

Christian assentiu, mas não prometeu voltar.

Jolee se censurou pelo sentimento de decepção. Devia estar feliz por ele não se sentir ansioso para voltar. Não era isso o que queria?

Ela foi trancar a porta por onde Jed havia saído, e hesitou antes de olhar para Christian.

Ele estava em pé, esperando.

— Obrigada... por hoje — ela disse, nervosa por estarem sozinhos ali.

— Foi bom poder ajudar.

Ele caminhava lentamente em sua direção.

Jolee continha o impulso de fugir. Os olhos dele pareciam devorá-la, vagando lentamente por seu rosto e se detendo na boca por um instante, antes de descer e continuar a análise em seu corpo.

— Como está o ombro?

— Ombro? Que ombro?

Ela moveu a cabeça distraída compondo uma resposta afirmativa. Tinha de parar de encará-lo, mas...

Tinha a estranha sensação de que ele desejava tocá-la. Mas devia estar enganada. Sim, era isso. Já havia cometido esse erro anteriormente. Não podia repeti-lo. Era ela quem queria tocá-lo.

Queria? Como era possível, se nem o entendia? Bem, havia uma grande diferença entre atração física e interesse emocional. E não se deixaria dominar pelo físico. Além do mais, ele não estaria interessado.

Ela desviou o olhar.

— Meu ombro está bem — disse. — Um pouco dolorido, mas bem melhor. Obrigada pela ajuda. Eu não teria conseguido sobreviver a esta noite sem você.

Esperava que ele entendesse que sua gratidão também se estendia a Mark. Não queria falar sobre o incidente mais do que o necessário, porque ainda estava constrangida.

Agitada, ela foi buscar a bolsa atrás do balcão.

— Pronto para ir embora? — perguntou, exagerando na animação do tom,

Ele respondeu movendo a cabeça em sentido afirmativo.

Jolee apagou as luzes, verificou todas as portas e janelas, e saiu pelo escritório. Christian pegou as canecas que ele e Jed haviam usado e as deixou na pia antes de segui-la.

A caminhonete de Mark estava no estacionamento. Jolee podia ouvir os roncoss altos dali, da porta do bar. Sabia que ele iria embora na manhã seguinte. O constrangimento o impediria de prolongar a estadia. E ele iria embora levando um lábio cortado e o queixo dolorido. Infelizmente, não conseguia sentir pena dele. Não era partidária da violência, mas Mark pedia por isso há um bom tempo.

— Onde está seu carro? — ela perguntou.

— Eu vim andando.

— Por quê?

— Não sei. Senti vontade de andar, só isso.

— Como soube onde eu estava?

— Ah, eu... tive um pressentimento.

Jolee teria feito mais perguntas, mas a situação era tão confusa, que ela nem sabia por onde começar. Christian aproveitou o silêncio:

— Por que deixou sua cidade natal?

Ela tropeçou, e ele estendeu a mão para ampará-la.

— Tudo bem?

— Sim. — Ela removeu o cotovelo da mão dele. Sentia um calor abrasador onde os dedos a tocaram.

— Eu queria conhecer outros lugares — ela mentiu, tentando não revelar mais do que o absolutamente necessário.

— Por isso veio para Shady Fork?

— Existem lugares piores. E você também está aqui, não?

— Sim, estou. Sua cidade era um desses lugares piores?

Ela suspirou. O que poderia dizer? Ele sabia que estava mentindo. Era melhor ser honesta sem entrar em detalhes.

— Sim, Sawyersville era um deles.

— O que havia de tão ruim lá?

— Precisamos mesmo falar sobre isso?

— Não.

— Que bom. — Não queria falar sobre sua família disfuncional. Ou sobre as coisas de que sua família era acusada... muitas delas verdadeiras. E todos os nomes de que fora chamada, e o jeito como fora tratada, tudo por causa do comportamento dos familiares. Bem, ele já ouvira alguns desses nomes.

— Não quero parecer bisbilhoteiro. Só pensei que poderíamos nos tornar mais... amigos.

Ela parou para encará-lo.

— Quer ser meu amigo?

Jolee não poderia estar mais chocada. E não poderia sentir mais entusiasmo, esperança, alegria e... E nada. Não confiava nesse homem, mas queria sua amizade? Estava tão desesperada assim? Sim, estava. Desesperada e sozinha.

Sim, havia decidido que queria ser amigo dela, mas agora que ela repetia a palavra, a idéia parecia quase tola. O que sabia sobre ser amigo de alguém? Não tinha um amigo mortal há quase duzentos anos e, para ser honesto, nunca havia sido amigo de uma mulher mortal, nem mesmo quando ele era mortal. Sim, gostava de companhia feminina, mas ser amigo sempre tivera outra conotação.

Com exceção da irmã, que ele tratava mais como um bichinho de estimação, e às vezes como um incômodo, o que sabia sobre ser amigo de uma mulher? Nada.

Mesmo assim, ele respondeu:

— Sim, eu quero.

— Por quê?

— Eu... quero conhecê-la melhor.

Ela franziu a testa, e depois, sem dizer nada, virou-se e continuou caminhando pelo acostamento da estrada.

Que diabo ela estava fazendo? Christian a seguiu, imaginando se a batida na cabeça havia causado alguma lesão mais grave. A lua brilhava no céu, e pela primeira vez ele notou o caminho estreito aberto na relva alta. Ela seguia por essa trilha, e caminhou até uma velha cerca de madeira.

Havia animais por ali. Podia senti-los, embora não pudesse identificar se eram cabras, bois, ou outro tipo de criação.

Ela apoiou os braços na cerca e ficou olhando para o pasto.

— Jolee?

— Adoro ouvir você dizer meu nome, mas ainda tento me convencer de que é melhor ficar longe de você.

— Por quê?

— Não quero confiar em você.

Não devia. Ele não era do tipo confiável. Mas, criatura gananciosa que era, ele ainda assim ansiava pela confiança dessa mortal.

— Por que não?

— O que acha de mim? Honestamente? Quero dizer, num minuto está me socorrendo como um cavaleiro em sua armadura brilhante, mas em seguida me trata como se eu fosse um... nada.

Os fatos eram inegáveis. Mas não eram inexplicáveis.

— Jolee, naquela noite em que fui rude com você, eu estava vivendo um mau...

— Momento — ela concluiu.

— Bem, era um período um pouco mais longo, para ser sincero. Bem mais longo. Mas... sim, é mais ou menos isso. E tem razão quando diz que sou confuso. Eu mesmo me confundo.

— Por quê?

Era impressionante como ela mudava de disposição rapidamente. Bastava sentir que alguém

precisava de ajuda, e todo o senso de autopreservação desaparecia, dando lugar à preocupação genuína e à atenção com o próximo. Alguém ainda a magoaria de verdade, e era por isso que precisava ficar por perto.

— Não tive muitos amigos — ele disse. — Nenhum, para ser mais exato. Acho que às vezes não sei como reagir. Mas você poderia me ajudar.

Não acabara de convencer-se de que precisava ficar perto dessa mulher para protegê-la? Agora era ele quem pedia ajuda. De uma mortal.

Ela suspirou.

— Não sei, Christian. Parte de mim quer muito a sua amizade. Mas a verdade é que não tenho um histórico muito positivo de relacionamentos com o sexo oposto, mesmo que sejam só relacionamentos platônicos. Tenho um certo receio.

— Por causa de amigos como Mark?

— Sim, entre outros.

— Prefiro pensar que não sou como ele.

— Não. Definitivamente, você não é como Mark.

— Saiu de sua cidade por causa dele?

— Não. Nós namoramos há alguns anos. Nada sério. Ele sempre apareceu de vez em quando, mas nunca imaginei que Mark me encontraria aqui. Por alguma razão, ele não desiste de mim. Deve ser porque eu terminei a relação, e ele nunca havia passado por isso antes.

— Talvez, porque nunca teve outro relacionamento antes de você. Caso contrário, Mark teria uma larga experiência com rompimentos amorosos impostos — Christian opinou.

— Por que diz isso?

— Ah, eu... — Devia mudar de assunto. Afinal, sabia que estava cavando um buraco sob os próprios pés. — Francamente, não imagino que tipo de mulher poderia querer aquele...

Christian calou-se. Mais um comentário impróprio.

— Eu namorei Mark. Que tipo de mulher acha que sou? Um buraco cada vez mais fundo.

— Acho... que é uma mulher que quer mais. Que pode ter mais.

Ela relaxou.

— Acha mesmo?

Sim, achava.

De repente, ele percebia que não a conhecia. Não sabia o que a motivava. Não tinha idéia do que ela queria realmente. Sabia que Jolee era dona de um bar e vivia em um *trailer* na frente do dele, em uma área quase condenada.

Nada disso falava, necessariamente, de uma pessoa ávida por escapar de uma existência difícil. Mas ele sabia que ela queria mais da vida.

— Sim, eu acho que você quer mais, e não vejo nada de errado nisso.

— Não sei. Às vezes acho que é impossível. Algumas pessoas simplesmente não nasceram para ter coisas melhores. É muito difícil e... decepcionante.

Mas o esforço vale a pena. Todo mundo precisa de sonhos e objetivos.

Agora estava indo longe demais! Ele, um vampiro vivendo no purgatório autoimposto, falava a uma mortal sobre a importância dos sonhos e dos objetivos? Ele, que havia passado toda a existência focado em um sonho, um objetivo? Lilah. Só para descobrir que ela não merecia sua obsessão. Ela não era nem de longe quem ele havia imaginado. E agora achava que podia dar conselhos a Jolee? Era ridículo. Absolutamente ridículo.

Ela o encarou e sorriu.

De repente, Christian decidiu que o conselho havia sido um golpe de mestre.

— Você está certo. Eu sei que está. Eu só... estou vivendo um momento de autopiedade. Ignore, está bem?

Não podia ignorá-la. Não quando ela sorria daquela maneira.

— Eu sei tudo sobre autopiedade — ele disse.

— Bem, se prometer ignorar a minha, eu ignoro a sua — ela propôs sorrindo.

— Combinado.

Os carneiros se aproximavam da cerca. Christian se debruçou sobre ela, observando os animais na companhia de Jolee, sentindo uma estranha paz.

— Por que bateu em Mark? — ela perguntou de repente.

— Não queria que ele continuasse falando de você daquele jeito. Você não merece.

Ela o fitou em silêncio por um instante. Então, antes que Christian percebesse o que pretendia fazer, ela o abraçou.

Foi um abraço rápido, impulsivo. Mas o cheiro parecia ter ficado nele depois do fim do contato. Um contato breve que aquecera seu corpo como uma fogueira.

A ânsia surgiu com força assustadora. Queria apertá-la contra o peito e absorver mais de seu calor, mas ele se conteve. Em vez disso, afastou-se ainda mais. Ela sorriu, expressando o quanto estava embaraçada com sua atitude. E arrependida, também.

Ele começou a falar, esperando com isso acalmar seu anseio e o constrangimento de Jolee.

— É tarde. É melhor irmos embora.

Ela voltou à trilha.

Christian sentiu o desejo aumentar ao notar como a calça jeans moldava com perfeição suas curvas suaves. O efeito daquele abraço ainda queimava em sua pele. Ele respirou fundo, tentando sufocar o desejo.

A ereção era dolorosa dentro da calça. Mas as presas não haviam aparecido.

O rebanho de ovelhas se afastou tomado por súbita agitação. Os animais podiam senti-lo agora, sua avidez tornando-o um predador fácil de identificar.

Jolee parou na estrada de terra para esperar por ele.

Houve um tempo em que não a teria deixado escapar. Naquele tempo, quando queria se alimentar, simplesmente saciava sua necessidade sem hesitação ou remorso. Teria se alimentado dela, teria buscado sua satisfação. *E* poderia satisfazê-la, também, com sua mordida. Agora, não tinha mais essa possibilidade. Não era homem nem vampiro.

Agora, era só uma criatura perdida no mundo e na vida, uma sombra parada no meio de um campo no oeste da Virgínia. Alguém que só afetava as ovelhas.

Jolee esperava por Christian e se sentia estúpida. Por que o abraçara? Deixara-se levar por um impulso, e agora estava ardendo de desejo, tudo por causa de um contato breve, uma fração de segundo.

Ele também parecia desconfortável, mas não porque a desejava, estava certa disso. Ele disse que queria sua amizade, não que queria que se jogasse em cima dele!

Mas ficara tão feliz com o convite à amizade, com a constatação de que ele não acreditara nas palavras detestáveis de Mark, com a lembrança de que ele agredira outro homem para defendê-la, que não resistira e o abraçara.

Era perfeitamente capaz de defender-se. Não era o que fazia há anos? Mas, essa noite, não teria tido a energia necessária para conter o ataque de Mark. Estava dolorida, exausta, emocionalmente esgotada. E Christian a ajudara.

Ele começou a caminhar pela trilha, aproximando-se dela. Ao mesmo tempo, as ovelhas no pasto baliram e correram em direção oposta, mas ela nem pensou na estranheza do movimento. Estava mais preocupada com o que Christian pensava dela agora.

Mas era impossível adivinhar seus pensamentos. A escuridão encobria seu rosto, e mesmo que houvesse luz, ela sabia que a máscara do jogador de pôquer já devia ter sido posta de volta em seu lugar.

Nenhum dos dois disse nada enquanto voltaram a caminhar pela estrada para o estacionamento de *trailers*. Christian ia do lado de fora da trilha, mais perto da pista, protegendo-a novamente. Ela não queria perder esse tipo de coisa. Ainda não.

O silêncio ameaçava sufocá-la. Jolee não queria que a noite terminasse assim. Nos últimos tempos, havia passado por muita angústia e muito estresse, e não desperdiçaria a única coisa agradável que surgira era sua vida. E a amizade de Christian seria agradável. Sua atração por ele era tortura, mas controlável. Não deixaria que o desejo arruinasse uma amizade. Precisava mais de um amigo do que de um amante.

Estavam entrando no perímetro do estacionamento. Ela sabia que precisava dizer alguma coisa.

— Espero que saiba que aquele abraço foi só uma forma de demonstrar minha gratidão.

— Eu sei — ele respondeu com voz baixa e rouca, sem encará-la.

— Porque sei que só quer ser meu amigo. E é isso o que eu quero, também.

Ele não respondeu, o que só aumentou seu nervosismo.

— Eu jamais daria em cima de você, porque sei que não me considera uma mulher atraente, e, bem, não daria em cima de você de jeito nenhum, porque não sou esse tipo de garota. Então...

Christian parou e segurou a mão dela.

— Eu gostei do abraço. E sei que só queria demonstrar gratidão.

O alívio diminuiu um pouco a opressão em seu peito.

— Eu... fico feliz. Não queria que você pensasse que o que Mark disse é... verdade.

— Não penso.

Ela sorriu e conteve o impulso de abraçá-lo novamente.

— Que bom — respondeu, afagando a mão que segurava a dela.

Eles continuaram andando de mãos dadas. Nenhum dos dois parecia ter pressa de chegar.

— Jolee.

— Hum?

Ele parou para encará-la. Havia um brilho estranho em seus olhos e uma inegável intensidade em sua expressão.

Os dedos que tocaram seu rosto eram frios.

— Eu não acho que não é atraente.

— Não? — Sabia que a resposta era tola, mas estava tão perturbada com o contato físico, com o efeito que ele provocava, que não conseguia pensar em nada melhor.

— Não — ele murmurou.

A cabeça dele se aproximava devagar. A boca encontrou a dela, e só então Jolee acreditou que ele realmente tinha a intenção de beijá-la. Ela gemeu, assustada com a ocorrência e com a sensação maravilhosa dos lábios sobre os dela, frios como seus dedos, mas deixando uma trilha de fogo onde tocavam, movendo-se com cuidado e sem pressa.

Não foi um beijo de dominação ou paixão. Foi lento, gentil, até um pouco hesitante. Mas isso não amenizava sua reação. Pelo contrário, o beijo suave a incendiava mais do que uma abordagem ousada, segura.

Ela gemeu de novo. E então, o beijo chegou ao fim. Na verdade, ele interrompeu o contato completamente, soltando sua mão.

Jolee sentiu o corpo protestar. Não queria parar. Nunca sentira nada tão perfeito, tão certo. Mas, em vez de manifestar seu protesto, ela respirou fundo e abriu os olhos.

Christian mantinha o olhar fixo no chão. Estava arrependido? Ou havia ficado abalado, com ela, pela perfeição da experiência?

— Christian?

Ele levantou a cabeça devagar. Estava pálido, tenso. Quase como se a pele se distendesse sobre os músculos.

— Tudo bem? — ela indagou preocupada, dando um passo em sua direção.

— Preciso ir. — A voz soou profunda e rouca.

— O que aconteceu?

— Não posso falar agora. — Ele começou a recuar, caminhando de costas para o *trailer*. — Vejo você amanhã — disse.

Ela assentiu, embora quisesse segui-lo e perguntar o que havia acontecido. E havia algo muito errado. Como ele podia passar de um beijo terno a essa atitude quase maníaca?

Ele subiu a escada e fechou a porta com violência. Jolee continuou no meio do estacionamento, atordoada. O que havia acontecido? A palidez, os olhos abertos, a súbita ansiedade. Já vira todos esses comportamentos antes.

Não, não queria pensar nisso. Não depois do melhor beijo de sua vida. Não depois de ter reagido como se nunca houvesse beijado outro homem. Mas, desde o início, sabia que havia algo de muito estranho com Christian. Ou então, o que ele estaria fazendo em Shady Fork? E sabia qual era o significado de todos esses sintomas: palidez, comportamento transtornado e ansiedade. Muitas vezes os vira em Vance.

Havia sido estupidez esquecer. Ele podia ser lindo. E muitas vezes era galante. E beijava como nenhum outro homem que ela jamais conhecera. Mas ele tinha um problema. E... Ela não conseguia respirar, tal a opressão em seu peito. Sabia bem quais eram os sintomas de um problema com drogas.

Christian andava de um lado para o outro na frente da janela protegida pela cortina. Ela continuava na estrada, olhando para o *trailer* com ar perplexo. Ele continuou andando, tentando acalmar a aflição dentro dele. Torcendo para que ela entrasse no *trailer* e levasse a tentação para longe de seus olhos.

Desde a transformação, nunca se sentira inclinado a beijar uma mortal. Para que perder tempo seduzindo, se podia apenas pegar o que queria? Muito mais eficiente.

Ou essa era a opinião de Lilah, e simplesmente a seguira porque era isso o que sempre fazia?

Lilah acreditava que um vampiro só devia encontrar satisfação sexual com outros vampiros. Eles eram superiores aos mortais em virtude de sua força, habilidade, e sabedoria. Não deviam se rebaixar associando-se a criaturas inferiores. Aceitara essa teoria, não só por se julgar realmente superior aos mortais, mas porque, assim, ela era só sua. Lilah podia se alimentar de outros seres, mas não obtinha nenhum prazer sexual com a experiência; o amor dela era só dele. É claro, essa havia sido mais uma mentira na qual acreditara somente porque queria acreditar.

E nem mesmo essas lembranças amargas diminuía seu desejo por Jolee. Jamais provara um beijo como o dela. Lilah só usava seus beijos como uma ferramenta para provocar, para conseguir o que queria. Eram beijos sem calor, sem doçura, beijos cujo único propósito era manipular. Dominar. Na época, Christian se sentira fascinado pela provocação calculada. Agora, nem conseguia lembrar por quê.

A resposta doce de Jolee e sua delicada rendição eram infinitamente mais provocantes. Um beijo correspondido e desfrutado por puro prazer. Jamais havia experimentado nada tão magnífico. E ainda vibrava com o calor que seu corpo havia absorvido durante os breves momentos de contato. Ele mordeu o lábio, esperando sentir as presas. Nada. E o membro ainda pulsava contra o zíper da calça.

O que estava acontecendo com ele? Devia ser capaz de controlar o desejo. Com a fome saciada, não

devia ter reações como aquela.

Ele foi até a geladeira e pegou sua última embalagem de sangue. A refeição da noite seguinte. Christian abriu a gaveta, pegou um canudinho, e furou a embalagem.

Ele esvaziou a embalagem em poucos segundos. E esperou. Esperou que o sangue inundasse seu sistema e o acalmasse. Nada. Ainda tinha uma ereção pulsante e o sangue fervente.

— Droga!

Alguma coisa não estava certa ali. Teria exagerado na dieta restritiva? Devia ser isso. Para conviver com Jolee, precisava saciar sua necessidade de alimento. Não podia perder o controle e beijá-la de novo. Não podia deixá-la pensar que tinha algum interesse romântico nessa relação. Isso ia muito além de sua capacidade. Manter uma amizade com ela já seria demais. Não tinha exatamente muita prática nisso.

Mas seria amigo dela. Jolee precisava dele e, na verdade, ele precisava dela. Com exceção das ereções ocasionais, estava se saindo bem em sua vida pseudo-humana. Com uma alimentação um pouco melhor, teria novamente o controle sobre suas reações.

Precisava encontrar uma solução para esse problema da atração por Jolee. E ainda esta noite. Talvez devesse voltar ao estacionamento do bar e se alimentar do sangue de Mark. Mas não acreditava que pudesse. Mesmo que seu corpo cooperasse, o cheiro de suor e gordura o nausearia. As ovelhas, talvez? Não. De jeito nenhum.

Restava apenas o hospital. Precisava de mais sangue. Beber grandes porções não queria dizer que estava destruindo seu plano. Afinal, uma bolsa não era um ser vivo. Por isso adotara esse sistema de nutrição. E só para provar que se tornara um vampiro mais gentil e bondoso, sempre pegava as bolsas com a data de validade expirada. E pensar que um dia havia recusado vinho de safras menos que perfeitas! Agora bebia sangue vencido. Mas tinha que fazer o que era necessário, e não podia correr o risco de agir de forma imprevisível perto de Jolee, ou pior, de assustá-la.

Precisava se alimentar.

Tomada a decisão, ele esperou que a fome se tornasse premente, como sempre acontecia quando estava prestes a beber sangue. A antecipação ainda o atormentava, mas não sentia a grande ansiedade que esperava. Na verdade, estava mais propenso a ver Jolee novamente do que a procurar alimento. O racionamento afetara também suas reações, além das habilidades sobrenaturais. Isso explicaria o beijo. Estivera faminto por Jolee, mas, como não podia se alimentar dela, ele havia... beijado Jolee?

A explicação parecia improvável, mas era a única que ele conseguia encontrar. Gostava de Jolee, o que já era muito estranho, mas sentir-se atraído por ela?

Não. A reação ao toque das mãos dela, aos seus lábios... Era a fome. E planejava saciá-la. Esta noite. Então, voltaria a vê-la somente como uma mortal agradável.

Ele pegou a chave do carro. Esperava sinceramente que a recepcionista de avental branco com sua eterna prancheta fosse uma doadora de sangue.

Haveria uma noite quando não iria para o trabalho sem estar obcecada por alguma coisa? Jolee terminou de colocar o troco no caixa, lavou as mãos, e depois começou a encher os pequenos recipientes com o amendoim que guardava em um grande pote plástico sob o balcão. A tarefa não a distraía de sua atual fixação.

O beijo de Christian.

Por que ele a beijara? E por que se deixara afetar tanto? Desde que se mudara para o *trailer*, sabia que ele tinha algum tipo de problema sério. O carro, as roupas, tudo nele gritava que algo não estava certo. Mas, na noite anterior, ela se deixara esquecer disso. Tudo por causa de um rosto bonito e de algumas boas ações. E um beijo.

Ela suspirou. Ah, o beijo...

Por isso estava nessa confusão. Mas nem tocaria nesse assunto quando o visse de novo, porque havia algo mais importante a ser debatido. Sua dependência de drogas. Se ele era um viciado, precisava de amigos. Acreditava nisso.

E estava disposta a ajudá-lo. Porém, a experiência com Vance a fizera compreender que só poderia ajudá-lo se ele quisesse.

Na última noite, durante as horas que passara acordada, havia compreendido o que era aquela lista na porta do refrigerador. Um programa de doze passos. Não havia compreendido o título "Ser Humano", mas agora sabia o que significava.

Aparentemente, ele já queria ajuda. E estava disposta a oferecer toda ajuda que ele pudesse querer. Mas não teria nenhum envolvimento romântico com ele.

Envolvimento. Não sabia nem se era esse o significado do beijo. Talvez ele quisesse apenas mostrar que ela era uma mulher atraente.

Jolee pegou a bandeja com os potes de amendoim e foi distribuí-los pelas mesas. Teria outra noite agitada?

E Christian? Apareceria novamente? Ela disse a si mesma que era melhor que ele não aparecesse, mas isso não a impedia de ter esperanças. Não poderiam conversar ali, mas pelo menos poderia ver como ele estava e como agia.

A porta do fundo se abriu, e ela pulou.

— Desculpe — Jed resmungou. — Não queria assustá-la. Jolee sorriu.

— Eu estava distraída.

Jed sorriu como se soubesse com que ela se distraía, mas seguiu para seu lugar ao lado do barril.

— Como vai o braço?

— Muito melhor — respondeu.

Jolee olhou para o relógio. Eram cinco horas; abriu a porta principal e virou a placa exibindo que o estabelecimento estava "Aberto". Abria àquela hora para atender ao pessoal da *happy hour*, uma clientela que ainda não havia conquistado, mas para a qual tinha muitas esperanças. Depois da porta, abriu todas as janelas. Era uma noite quente, e o lugar não tinha ar-condicionado. Ou melhor, tinha, mas estava quebrado. Outra despesa em sua lista.

— Bem, espero que tenhamos mais uma noite como a última — disse ela, indo para trás do balcão para servir uma cerveja para Jed e água gelada para ela mesma. Dali, ela ficou observando a porta.

Eram oito e meia, e Jolee começava a considerar duas possibilidades: o bar não teria o mesmo movimento da noite anterior, e Christian não ia aparecer. Ela serviu a cerveja de Dale, um dos dois, cinco ou seis clientes que haviam aparecido para beber.

— O movimento está fraco — ele comentou.

— Pois é, e ontem à noite o bar esteve cheio.

— Bem, ainda é cedo.

Ela assentiu. Era noite de sexta-feira; devia ter mais movimento do que na quinta.

Jolee foi escolher uma música na *jukebox*. *Sundown*, de Gordon Lightfoot. Era uma canção apropriada para o momento. Cantarolando, ela foi se sentar perto de Jed ao lado do barril de chope. Bem, não era a primeira noite longa e sem lucros que ela teria de enfrentar, e sabia que não seria a última. Havia sido precipitada em contar com o aumento do movimento.

Como havia sido precipitação se sentir atraída por Christian.

Ela olhou para a área do karaokê. Tinha ali uma vasta seleção de músicas, e mesmo sem ninguém para cantar, talvez a nova atividade pudesse animar um pouco mais o lugar.

Jolee foi até lá. O sistema era sofisticado, com três CD-players e um conjunto de controles para unificar som e tela. Ela pressionou o botão de ligar e tudo ganhou vida. Depois, ela examinou o conteúdo da pasta de CDs. Country, rock, disco e até canções religiosas. Havia de tudo ali.

Mas nada lançado nos últimos seis meses, porque não tinha dinheiro para manter a lista atualizada. Mesmo assim, eram centenas de escolhas. Ela encontrou um clássico de Neil Diamond e, mais importante, uma canção que ela não possuía na *jukebox*. Depois de inserir o número da música e apertar "*play*", ela ajustou o volume. *Crackling Rose* começou a tocar, animada e divertida. Os

poucos clientes se voltaram para o pequeno palco da área, acompanhando a letra na tela.

Ela sorriu e encolheu os ombros.

— Achei que era uma boa hora para ver se está tudo funcionando — disse.

O movimento era fraco, e provavelmente ela daria conta de servir as bebidas e comandar o equipamento. Pelo menos manteria a mente ocupada. Estava cansada dos próprios pensamentos. Ela posicionou o microfone no pedestal e ligou o interruptor na mesa de som.

O microfone emitiu um ruído estridente anunciando que estava funcionando. Todos se assustaram. Jolee tirou o pedestal do fundo do palco, onde a proximidade com os outros equipamentos causava a horrível microfonia.

— Perdão — ela pediu aos clientes, deixando o pedestal na frente do palco.

A música chegou ao fim, e ela escolheu outra, uma velha música country de que se lembrava da infância e que também não fazia parte da seleção da *jukebox*. Em seguida, retornou ao balcão levando três pastas do karaokê.

Ela deixou uma perto de Dale, a outra no extremo oposto do balcão. Jolee foi até a mesa de um freqüentador regular, um homem que aparecia toda sexta e todo sábado para uma jarra de chope. Ele nunca falava, exceto para fazer o pedido, e se sentava sempre na mesa do canto, de onde observava os outros clientes. Ela pôs a terceira pasta sobre sua mesa.

— Se sentir vontade de cantar... — sugeriu.

Ele a encarou sem dizer nada. Depois assentiu, e a conversa acabou aí. Ela sorriu enquanto se afastava. Ele era esquisito, mas leal.

Jolee se certificou de que todos estavam bem servidos, depois foi escolher outra canção. As músicas soavam um pouco estranhas, já que eram apenas melodias sem vocais, mas ninguém parecia se incomodar. Pelo contrário, os poucos clientes pareciam mais animados, agora que podiam se ocupar lendo as letras na tela. Não era exatamente a atmosfera que queria construir, mas estava se aproximando dela.

— Você canta? — Dale perguntou quando ela se aproximou com mais uma cerveja.

Ela hesitou. Não havia sido essa a razão pela qual escolhera aquele estabelecimento em especial? Sua maneira de preencher um sonho que estava fora de seu alcance?

— Eu canto — ela respondeu, embora fosse difícil admitir. Amava cantar, mas ainda ouvia as vozes do passado debochando de sua pretensão, negando seu talento.

— Então, cante alguma coisa para nós, Jolee, menina. Você deve ser a primeira a usar novamente essa coisa — Jed sugeriu.

Ela olhou em volta. Todos a olhavam com grande expectativa. Até o homem silencioso no canto parecia incentivá-la com os olhos.

Ela sorriu com evidente nervosismo, mas foi para o palco.

O que uma pessoa cantava para inaugurar o karaokê do próprio bar? Examinando a coleção de CDs, não conseguia pensar em nada. Então, uma canção apareceu. Não era algo que ela escolheria normalmente, mas a conhecia bem e gostava dela. E a letra se encaixava muito bem em como se sentia esta noite.

Ela removeu o CD da proteção plástica. *The Game of Love*, de Santana, com a participação de Michelle Branch.

Não era o clássico que ela teria preferido cantar, mas... por que não? Seria terapêutico.

Uma canção sobre a confusão de uma mulher no amor, e como uma situação com seu amado leva a outra situação ainda mais complicada. Muito apropriado, considerando que cada encontro com Christian parecia transformar o relacionamento em algo muito diferente do que haviam planejado.

Ela introduziu o CD no *player* e se posicionou diante do microfone. Jolee respirou profundamente. Isso era o que havia esperado fazer desde que havia comprado o estabelecimento. Adorava cantar.

A introdução soou e ela tirou o microfone do pedestal. A letra surgiu na tela. Ela olhava para os clientes e, ainda nervosa, começou a cantar os primeiros versos.

A música era animada pelas notas inconfundíveis da guitarra de Carlos Santana. Ela gostava do ritmo, e em pouco tempo se perdeu na canção, esquecendo o nervosismo. No primeiro refrão, sua voz já soava mais forte e confiante.

Não precisava do auxílio do monitor, porque conhecia a letra. Podia olhar para sua pequena platéia. Jed acompanhava batendo com os dedos no balcão. Dale sorria. Os dois homens que jogavam bilhar interromperam a partida para assistir ao show improvisado. Até o cliente silencioso no canto seguia o ritmo com um pé.

Ela sorriu. Sentia-se muito bem. Maravilhosa.

Na metade da canção, a confiança de Jolee era total, e ela cantava com sentimento e se movia no ritmo. Sentia-se melhor do que em muitos dias. Bem, com exceção dos poucos momentos do beijo, é claro. Mas sabia que, quando a canção terminasse, não se sentiria confusa, abandonada, e irritada com ela mesma.

Depois do intervalo, ela olhou para o monitor para ter certeza de entrar no tempo certo. As palavras surgiram, e ela cantou com disposição. Olhando para a platéia com uma expressão suplicante, ela recitava os versos que indagavam por que seu amor não ia mais procurá-la. Mas não era a platéia que via. Tudo o que via era ele. Christian estava parado na porta, absolutamente perplexo, os olhos fixos nela.

Ele ouvira a canção ao descer do carro e ficara admirado com a voz suave e envolvente. Não reconheceu a música, mas algo naquela voz era familiar, hipnótico. Abrir a porta e ver Jolee sobre o pequeno palco havia sido uma imensa surpresa. Ela cantava como se nunca houvesse feito outra coisa na vida.

Ao final da canção, os poucos clientes aplaudiram com entusiasmo. Ela deixou o microfone no pedestal e foi escolher outra música.

Por que não ia recebê-lo? Estaria aborrecida com o beijo? Era bem possível. Primeiro dissera que queria sua amizade, depois a beijara. Ele também teria ficado confuso com suas ações, se não soubesse que eram provocadas pela avidez por sangue, não por simples luxúria.

Agora que estava satisfeito, podia se comportar como um simples e normal... vampiro. Ele conteve o riso. Vampiro normal era uma contradição, não era? Bem, podia agir com um mínimo de normalidade.

Ele acenou para Jed, que respondeu com um movimento de cabeça e um sorriso contido, e se dirigiu a Jolee.

— Olá — disse, espantado com a paz que o invadia simplesmente por estar perto dela.

— Olá — ela respondeu. Suas faces estavam coradas, e ele sabia que a agitação não era só pela apresentação. Por que ela estaria embaraçada? Jolee tinha uma...

— Você tem uma bela voz — ele disse enquanto o pensamento se completava. — Eu já devia saber. Mesmo quando fala, sua voz é linda.

— Obrigada. — O rubor tornou-se mais intenso.

Ele sorriu.

Era estranho... Por que ainda notava como a camiseta realçava seus seios, ou de que forma ela havia penteado os cabelos? Com sangue humano correndo nas veias, devia ter voltado ao normal. Por que se interessava pela aparência de uma mortal?

Jolee introduziu outro CD *no player* e voltou a frente do palco movendo-se com cuidado para evitar qualquer contato físico. A distância o decepcionava. Devia estar satisfeito não? Já não havia decidido que seria melhor que ela não pensasse que havia algum interesse romântico de sua parte? Isso seria estranho.

Ele a seguiu até a área atrás do balcão, e ela se assustou ao sentir sua presença.

— O que está fazendo?

— Ajudando.

— O quê? Por quê?

— Porque você precisa de ajuda.

— Não, obrigada. O movimento é fraco. Eu posso cuidar de tudo sozinha.

Ela tinha razão. Não havia quase ninguém para servir.

Mesmo assim...

— Precisa de alguém aqui para garantir a segurança.

— Tenho garantido a segurança do bar e a *minha* segurança sem nenhuma ajuda, obrigada.

Era verdade, e isso era outra coisa que o surpreendia. Como ela conseguia?

— Notei que há sempre um homem estranho e ameaçador tentando se aproximar de você — ele argumentou.

— Foram só dois, e eu teria cuidado deles mesmo sem a sua ajuda. Além do mais, Jed está aqui todas as noites.

— É claro. E o que ele vai fazer? Queimar o agressor com seu cigarro?

— Escute, não pode trabalhar aqui. Primeiro, porque não tenho como pagar pelo seu trabalho.

— Não preciso de dinheiro.

— Segundo, porque já sei sobre o seu problema.

Isso o fez parar. Ela conhecia seu problema? Sabia que ele era um vampiro? Impossível. Não havia perdido o controle nos momentos em que se deixara vencer pela atração por ela. Jolee não vira nada.

— Que problema? — ele perguntou cauteloso.

— Hoje você parece muito melhor, mas sei que está usando drogas. Não posso ter um viciado trabalhando para mim.

— Drogas? Viciado? Mas que diabo...

Bem, se ela o visse na noite anterior, com certeza pensaria que era um dependente em busca de sua droga. Havia sido nessas condições que entrara no hospital procurando pelo banco de sangue. E a situação havia sido especialmente delicada quando sua habilidade de mudar de forma o abandonara, e ele passara de sombra a sólido com uma bolsa de B negativo pendurada na boca. Não devia ter tentado usar seus poderes naquele estado de fraqueza.

Felizmente, o zelador que o vira tinha seus problemas, também. Apavorado, ele havia tirado do bolso uma garrafa de bolso da qual sorvera vários goles antes de sair correndo. Mas, se arriscar tudo para se alimentar não era uma dependência, então, não conhecia o significado da palavra. Mas não era o

tipo de viciado que ela pensava. É claro, dependência de sangue não poderia estar entre os primeiros lugares de sua lista de palpites.

— Não uso drogas. Nunca usei. — Tudo bem, estivera envolvido em um incidente numa sala de ópio na China, mas fazia mais de cento e cinquenta anos que isso acontecera, por isso não contava agora. Ela o encarou com evidente ceticismo.

— Então, por que ficou tão pálido e trêmulo ontem à noite?

— Eu não havia me alimentado.

A expressão dela era a mesma, sinal claro de que não estava convencida. E, ironicamente, o que ele dizia era verdade.

— Então, estava só com fome?

"Fome" não era um termo suficientemente forte para descrever a avidez sobrenatural por um tipo específico de alimento, mas teria de se contentar com essa explicação.

— Eu sou... hipoglicêmico — improvisou.

— Uma repentina queda na taxa de açúcar no sangue deixa você pálido e desorientado como estava ontem?

Por que tinha a sensação de que ela gostaria de ter usado uma palavra mais descritiva no lugar de Desorientado? Transtornado, talvez?

— Isso mesmo. — Queda do açúcar no sangue, queda no sangue... Pelo menos estava próximo.

Jolee considerou a explicação e pensou que, esta noite, Christian parecia ótimo. Em todos os sentidos. Não parecia depender de nenhuma droga.

E agora que pensava nisso, Vance estava sempre pálido e transtornado. Seu irmão nunca tivera aquela aparência de um deus grego.

Hipoglicemia. Então, era esse o problema.

Ela sorriu.

— Desculpe.

— Tudo bem. Posso trabalhar agora, chefe? — ele brincou, brindando o mundo com um de seus raros e fabulosos sorrisos.

— Christian, não posso pagar...

— Já disse que não preciso de dinheiro.

— Então, por que está aqui? Por que veio para Shady Fork e foi morar em um *trailer*?

— Eu... preciso me isolar por um tempo. Tenho questões pessoais para resolver, e para isso preciso ficar longe do mundo. Quero me ocupar com alguma coisa, e gosto daqui, embora não saiba por quê.

— É, o bar conquista as pessoas — ela sorriu.

— Exatamente. Então, estou contratado? Ela hesitou.

O homem da mesa no canto se aproximou do balcão e colocou uma folha de papel sobre a superfície de madeira arranhada.

O papel tinha uma sequência de números e o título de uma canção. Ela levou um instante para perceber que o cliente queria cantar.

— Está vendo? — Christian agarrou a oportunidade. — Precisa de mim no bar, ou não vai conseguir cuidar do karaokê.

Jolee pegou o papel e sorriu, reconhecendo que a oferta de ajuda era, de fato, a solução perfeita.

— Tem certeza? — ela ainda perguntou uma última vez.

— Sim, eu tenho.

Depois da apresentação do primeiro cliente, Dale se animou e foi cantar também. Jolee comandava o equipamento com um sorriso radiante no rosto, e Christian servia as mesas enquanto tentava entender por que ainda se sentia tão atraído por ela, apesar de ter se alimentado na noite anterior. Não havia sido o suficiente?

— Coma.

A voz o surpreendeu. Ele se virou e viu Jolee segurando uma maçã.

— O que é isso? Por que acha que preciso comer?

— Você está ficando pálido, como ontem. Não quero que passe mal.

Ele não sabia o que dizer. Sentia uma mistura de desejo e ternura que o desconcertava. Só Jolee pensaria em alimentá-lo quando ele pensava em agarrá-la.

Bem, considerando a ereção que pulsava dentro de sua calça, agarrá-la não seria suficiente.

— Está se sentindo bem?

Ele assentiu, ainda atordoado e confuso com as reações que aquela mulher lhe provocava.

— Tem certeza?

Não. Mas ele assentiu novamente.

— Coma a maçã — ela ordenou, deixando a fruta sobre o balcão e voltando ao karaokê.

Ele olhou para a fruta. Se todas as soluções estivessem nela...

— Está maluco por ela, não é?

Christian olhou para Jed, que o encarava sorrindo. Depois olhou para Jolee. Ela trabalhava com animação e alegria, e balançava o corpo ao ritmo da canção que um cliente cantava. Mais uma vez, ele sentiu o membro pulsar dentro da calça. Mas as presas não pressionavam sua gengiva, como devia acontecer.

Ele franziu a testa.

Isso simplesmente não acontecia. Luxúria era algo que estava sempre associada à fome. Uma nunca aparecia sem a outra. Mas a situação provava o contrário.

Era absurdo, mas... queria fazer sexo com Jolee.

Jolee limpava as mesas e recolhia copos vazios, absolutamente satisfeita.

— Foi uma noite fantástica — ela disse. — Sei que não ganhei muito dinheiro, mas fiquei feliz com as pessoas cantando. E me diverti muito!

Christian não podia dizer o mesmo. Para ele, a noite havia sido de tortura.

— Acho que o karaokê vai atrair uma clientela maior — ela continuou, levando a bandeja para a pia onde ele lavava canecas e copos.

Jolee parou ao seu lado, esperando sua vez de lavar a louça. Christian sentiu seu perfume e absorveu o calor de seu corpo.

— É um prazer sem igual — ela suspirou.

— O quê? — ele disparou confuso.

— O karaokê. As pessoas sentem prazer cantando.

— Ah, sim... É claro.

— Acho que vou fazer alguns panfletos anunciando a volta do karaokê. Alguma coisa como: "Quando você já imaginava que nunca mais ia acontecer, ele está de volta! ou "Nunca diga nunca! O karaokê voltou ao bar do Leo!". O que acha?

Ela só podia estar brincando! *Quando você já imaginava que nunca mais ia acontecer! Nunca diga nunca!* Ela não podia saber sobre seus sentimentos a respeito de mortais e sexo. Mas alguém em

algun lugar devia estar brincando com ele.

— Qual é o problema, Christian? Não está gostando da minha idéia? — Ela o cutucou com o cotovelo.

— Eu...

— Ah, esqueça. — Ela riu. — Preciso ir fechar o caixa. — Ela o enlaçou pela cintura, afagando suas costas num gesto carinhoso. — Obrigada pela ajuda. Muito obrigada mesmo.

Ele assentiu, rígido, temendo se mover e apertá-la entre os braços e... o quê?

Jolee desapareceu além da porta do escritório, e ele deixou sair o ar que mantivera preso nos pulmões. Quando pensava ter encontrado o ultimo círculo do inferno, descia mais um degrau. Isso era tortura.

— Vá em frente, garoto — disse Jed da porta do banheiro masculino.

— Eu vou... Não sei do que está falando — Christian respondeu em tom seco.

— É claro que sabe! — o homem caminhou até o balcão. — Passou a noite toda olhando pra ela como se quisesse devorá-la.

— Somos só amigos.

— Ela vai aceitar ir além da amizade.

— Por quê? — Por que uma mortal doce e linda como Jolee aceitaria se envolver com um vampiro condenado por toda a eternidade?

— Dê uma olhada no espelho, rapaz! Uma mulher não resiste a homens como você.

Jed estava certo. Vampiros eram muito atraentes, e talvez Jolee não resistisse, mas a beleza era tudo o que ele tinha a oferecer.

— Está cuidando dela. Cuidando, protegendo... Eu sei que estão interessados um no outro.

Christian teria rido, não fosse o desespero que o consumia.

— Do que estão falando? — Jolee perguntou ao sair do escritório.

— Nada em especial — Jed respondeu. Depois, ele bocejou. — Bem, eu vou dormir. A velhice cansa... Mas vocês não sabem disso.

Christian o encarou com uma sobrancelha erguida. Era muito mais velho que Jed.

O homem se despediu dele com um sorriso cúmplice e saiu do bar pela porta dos fundos.

Christian se concentrou nos copos.

— Jed gosta de você — Jolee comentou depois de trancar a porta.

— Ele é um... um homem incrível. Bem, está tudo limpo e guardado.

Ela sorriu satisfeita.

— Então, vamos para casa.

Jolee acomodou-se no banco do passageiro do carro de Christian. Havia oferecido uma carona a ela, é claro, mas não conseguira esconder a relutância. Ela preferiu ignorá-la. Estava feliz demais nesse momento, e felicidade era um bem raro ultimamente.

Da última vez estivera inconsciente, mas agora ela podia ver bem cada detalhe do carro, o painel luminoso e os inúmeros controles.

— Uau! Estou no Batmóvel?

Ele não respondeu. O comentário parecia tê-lo irritado ainda mais.

— Foi só uma piada.

— Eu sei.

As oscilações de humor de Christian beiravam o ridículo. Seria a hipoglicemia?

— Devia ter sempre um pacote de biscoitos, ou uma caixinha de suco. Há sempre suco de laranja no bar. Pode beber quando quiser.

— Do que está falando?

— Comida. É evidente que precisa comer. Está ficando irritado, tenso...

— Não estou.

Ela encolheu os ombros, mas não acreditava na negativa.

Minutos depois eles entraram no estacionamento dos *trailers*. Christian manobrou o carro e esperou que ela descesse.

— Quer entrar? — Jolee sabia que passava das duas da manhã, mas também sabia que ele costumava estar acordado essa hora. *Não sei por que, mas queria que ele entrasse.*

Não, isso não era verdade. Sabia por quê. Queria ter um tempo com o Christian que entrara no bar naquela noite. O que insistira em trabalhar no bar. O que permanecera a seu lado, mesmo quando pensara que não precisava dele. O que a beijara na noite anterior.

Sabia que devia desconsiderar todos os sentimentos relacionados à atração por Christian. Passara a noite toda dizendo a si mesma que só queria um amigo, mas a mente traiçoeira insistia em trazer de volta as lembranças daquele beijo.

— Se quiser entrar, posso preparar alguma coisa para nós — ela ofereceu.

— Obrigado, mas preciso ir para casa.

Ela assentiu, sentindo-se um pouco abandonada. A reação a confundia. Estava feliz com a noite no bar, apesar do movimento reduzido, mas não queria ficar sozinha. Mesmo assim, ela sorriu e abriu a porta do carro.

— Boa noite então. Até... amanhã? Ele assentiu sem encará-la. Definitivamente, jamais entenderia esse homem.

Jolee desceu do carro e bateu a porta. Repetindo o ritual noturno, ela foi para o quarto, acendendo todas as luzes pelo caminho. Por mais que tentasse ser frugal, eletricidade era algo de que não podia abrir mão. Não gostava da escuridão, especialmente naquele lugar velho e feio. Por alguma razão, a falta de luz a inquietava ainda mais em Shady Fork.

Ela entrou no quarto e olhou para a cama coberta por um edredom com estampadas da Moranguinho. Havia comprado a peça por cinco dólares em um bazar de garagem logo que chegara ali. Havia sido um ótimo negócio, mas também fora a realização de um sonho. Moranguinho era um personagem popular de sua infância, mas nunca tivera nada dela. Ela imaginou Christian deitado entre os laços rosa e os morangos vermelhos. Nem os lacinhos o privariam de sua potente masculinidade.

Jolee ligou o rádio. A música da década de sessenta diminuía a sensação de solidão. Ela vestiu o pijama, short e camiseta, que também comprara em uma liquidação.

Christian ia duvidar de seu bom gosto e de sua maturidade, se pudesse vê-la dormindo vestida daquele jeito e coberta com aquele edredom. Bem, ele não veria nada disso. Não estava interessado nela. Na verdade, não media esforço para manter uma certa distância entre eles. Tinha de esquecer aquele beijo, ou acabaria perdendo a razão.

Ela estava terminando de escovar os dentes, quando ouviu as batidas na porta do *trailer*. Batidas violentas, impacientes.

Assustada, ela foi abrir torcendo para que não fosse Vance mais uma vez. O alívio a invadiu quando ela viu o rosto de Christian pelo visor.

— Olá — disse, surpresa e curiosa sobre o que o fizera mudar de idéia.

— Posso entrar?

— Sim, é claro. — Ela se afastou.

Ele entrou com as mãos nos bolsos da calça preta que vestia naquela noite. A camisa também era a

mesma de antes. Uma noite de trabalho no bar, e ele ainda parecia um modelo de roupas de grife.

— Algum problema? — Jolee perguntou, constrangida com o pijama infantil.

— Não, eu... Sim.

— O que é? Precisa comer? Ele piscou aturdido.

— Como se isso pudesse me ajudar...

Jolee aproximou-se. O que ele queria dizer? Talvez precisasse de socorro médico. Sua coloração era boa, os olhos permaneciam focados... Ele não parecia transtornado como na noite anterior. Apenas um pouco... tenso.

— Posso ajudar de alguma forma? Precisa de um médico? Nunca dirigi um carro como o seu, mas prometo ser cuidadosa, se quiser que eu...

— Um médico também não pode me ajudar. O tom de voz a alarmou.

— Christian, qual é o problema?

Ele balançou a cabeça, e seu rosto foi dominado por uma expressão de incredulidade.

— Eu desejo você.

Capítulo III

Christian não havia planejado confessar seu desejo. Na verdade, já havia decidido que ele era inviável. Ponto-final. Convencera-se de que veria Jolee novamente e não sentiria nada por ela.

No *trailer*, o desejo se acalmara um pouco, e ele pudera acreditar nessa teoria. Ainda pensara nela como nos últimos dias, mas a tensão recuara, como a... ereção. Sinais de que a fome daria uma trégua. Sinais de que poderia pensar com clareza mesmo estando perto dela. Idiota que era, decidira testar sua teoria e fora procurá-la no *trailer*.

E o restante acabava de comprovar que se enganara. Um erro fatal.

Mesmo naquele pijama ridículo, mesmo com aquele horrível esmalte cor-de-rosa nas unhas dos pés... Ela era a perfeição.

Estava admirando os pés de uma mortal?

Christian decidiu que estava condenado.

— Disse que... me deseja?

Ela não estava chocada. Estava furiosa.

— Eu posso explicar. Não consigo nem entender por que vim até aqui e...

— Nem perca seu tempo tentando entender, porque não estou interessada na sua explicação — ela disparou em tom firme.

Se o olhar pudesse matar, ela o teria derrubado ali mesmo, na entrada do *trailer*.

Jolee podia não estar interessada em suas explicações, mas se interessava pela idéia de um envolvimento sexual. Ou se enganara também quanto ao desejo que sentira nos lábios dela ao beijá-la? Teria sido apenas o seu desejo? Não sabia de mais nada.

— Não quero me sentir atraído por você — ele disse, tentando se desculpar de alguma forma. — Simplesmente não consigo controlar meus pensamentos. Ou meu corpo — ele acrescentou, olhando para baixo, para o volume visível na calça.

Jolee arregalou os olhos, mas se controlou e retomou a atitude fria.

— É melhor se esforçar mais, então.

Ela abriu a porta mais uma vez, indicando que ele devia sair. Havia agora outra emoção estampada em seu rosto. Mágoa. A raiva ainda era mais forte, mas a dor também estava ali, visível.

De repente ele entendeu tudo. Era um completo idiota mesmo! Ela se sentia atraída, por ele, e ao admitir sua atração, também a insultara. Suas palavras foram rudes, e agora ela pensava que o desânimo era por estar atraído por ela em particular. E não era nada disso. O que o incomodava era estar atraído por uma mortal. Não podia dizer isso, é claro, mas precisava dar uma explicação. Não tolerava sentir seu sofrimento e, ainda mais incômodo, não suportava saber que ele havia causado esse sofrimento. Mais uma revelação chocante.

— Não tive a intenção de aborrecer você — ele começou, tentando decidir como se explicar,

— Não teve? E que parte de sua encantadora confissão você achou que não me aborreceria? A parte em que admite me querer apenas sexualmente? Ou aquele em que não quer me querer de jeito nenhum?

— Não quero você só sexualmente. — E agora, o que estava dizendo? Se isso era verdade, para que mais a queria?

Ela franziu a testa, também confusa.

— Então, o que quer de mim?

— Eu... — Não sabia. Como poderia saber? Isso era loucura! — Não sei. Desde que a conheci, tenho sentido coisas que imaginava mortas em mim há muito tempo. — Queria continuar elaborando, mas não sabia o que estava acontecendo dentro dele. Queria fazer sexo com ela... não devia. Quero ser amigo dela... não devia. Queria protegê-la de todo mal... não devia. A menos que ele fosse esse mal.

Jolee fechou a porta e se aproximou. Ele sentiu os dedos em seu braço, e foi como se o queimassem.

— Christian? Por favor, me diga o que está pensando.

— Eu... não quero querer você, porque não posso oferecer nada em troca. Não sou um homem.. Não posso lhe dar o relacionamento que você merece. Não saberia... como.

— E que tipo de relacionamento acha que mereço?

— Você merece um homem que possa lhe dar tudo.

— E você não pode?

— Não.

— O que tem para oferecer?

— Nada!

Depois de um momento, ela assentiu.

— Bem, isso é um pouco menos do que me disponho a aceitar.

— Não devia aceitar menos do que tudo.

Ela sorriu, mas havia tristeza em seus olhos.

— Então, o que fazemos? Continuamos amigos?

Era o que queria, mas não sabia se podia.

— Não sei.

— Eu gostaria muito de ser sua amiga.

— Eu também. Mesmo sabendo que, se fosse sensato, partiria hoje, esta noite. Entraria no carro e me afastaria o máximo possível antes de o novo dia nascer.

— Escute, vamos dormir. Vamos pensar em tudo isso, e amanhã cedo veremos como nos sentimos. Talvez tudo mude à luz do dia.

— Sim, tem razão. — Essa era sua esperança. Desejava-a com tanto ardor, que não sabia se poderia continuar perto dela sem perder o controle.

Ele se virou para sair.

— Christian?

Ele parou e olhou para trás.

— Por que me disse tudo isso?

— Eu não planejei. Apenas... aconteceu.

Ela assentiu, embora não entendesse nada.

— Bem, se isso o ajuda em alguma coisa, também tenho tentado não me sentir atraída por você.

Ele não respondeu. Se fosse para falar, teria de dizer que ela acabara de piorar a situação.

Jolee o viu sair do *trailer* sem entender nada do que tinha acontecido ali. Havia sido como se ele precisasse declarar seus sentimentos, como se, com isso, esperasse fazê-los desaparecer. Era como admitir raiva e mágoa. Quando a emoção recebia um rótulo, podia ser trabalhada e começava a perder força, até desaparecer. Nesse caso, ela temia que a confissão do desejo mútuo só tornasse a situação ainda mais difícil de ignorar, mais tentadora.

Mas ele admitira abertamente que não podia oferecer nada além de uma relação física, e isso era algo que ela não aceitaria. Não queria se conformar com pouco.

Christian tinha uma maneira bem estranha de ir ao centro da questão, mas, à sua maneira sem tato e desajeitada, ele era mais honesto que a maioria dos homens que conhecia. E nunca deixava de intrigá-la. Por que sentia que não podia amar novamente? Outra mulher, talvez... Uma mulher que ainda fazia parte da vida dele? Por isso ele estava ali? Porque fugia de alguém. Mais uma razão para esquecer o que sentia por ele.

Ela caminhou até a janela. Podia ver as luzes piscando no interior do *trailer* de Christian. A televisão estava ligada. Depois de tudo, haviam retornado ao ponto de partida.

Jolee retornou ao quarto e se deitou sob o edredom. Sabia que ia demorar para dormir, mas não tinha muito mais a fazer.

Gostaria de que as coisas fossem diferentes, mas não podiam ser. Estava triste, mas não surpresa. Sua vida sempre havia sido cheia de desapontamentos e coisas que nunca estavam ao seu alcance. Não se surpreendia por Christian ser uma delas.

— Onde está Christian? — Jed perguntou ao entrar no bar.

— Não sei — respondeu Jolee. — Na casa dele, acho. — Hoje acordara e renovara a promessa de não se deixar obcecar pelo homem que confessara nada ter a oferecer.

Estava farta desses tipos. Tinha de concentrar-se no que era importante: o sucesso do bar e seu sucesso. Havia sido tolice pensar que esse era um bom momento para se envolver com alguém. Não tinha tempo para um relacionamento.

E mesmo assim continuava olhando para a porta, esperando ver Christian entrar. Sabia que ele não viria. Já havia dito que não podia pagar por seus serviços, e agora estavam vivendo um momento delicado daquela estranha relação. Não poderia culpá-lo por se manter afastado. Pelo contrário, teria de agradecer a ele por poupá-la da tentação.

Um trovão ribombou ao longe. Felizmente, conseguira chegar no trabalho antes de a tempestade cair, mas chovia forte havia cerca de meia hora. O mau tempo não prejudicava os negócios. O bar estava cheio, mais movimentado do que na noite anterior, e eram pouco mais de sete da noite, ainda. Várias mesas estavam ocupadas, e um grupo de jovens se divertia jogando bilhar, rindo e contando piadas. Havia no ar uma atmosfera vibrante, como se a tempestade tivesse deixado a todos inquietos.

Outro trovão ecoou, dessa vez mais perto. Ela olhou pela janela fechada e respirou fundo, limpando o suor da testa. Esperava que a chuva fizesse cair um pouco a temperatura, embora o calor induzisse ao maior consumo de bebidas.

Ela pegou a bandeja cheia e foi para o salão. Equilibrando o peso com o braço ainda dolorido, caminhava por entre as mesas, parando aqui e ali para deixar os drinques.

— Obrigado, querida — disse um homem sorridente de grandes olhos azuis.

Jolee correspondeu ao sorriso, distraída. Seu braço tremia sob o peso da bandeja, mas ela seguiu para a próxima mesa. Temendo derrubar todas as bebidas, parou para ajeitar melhor o peso, mas a bandeja desapareceu de repente.

Ela se virou assustada, confusa por não ouvir o estrondo dos copos se quebrando no chão, e viu Christian olhando para ela com ar desaprovador, a bandeja apoiada em uma das mãos.

— Não deveria estar carregando peso.

— Bem, preciso servir os drinques.

— Eu sirvo as bebidas. Você vai ligar o karaokê.

Ela ergueu uma sobancelha ao ouvir o tom autoritário, mas fez como ele dizia. Odiava admitir, mas estava feliz por ele ter aparecido. E não só porque agora podia ligar o karaokê.

Christian terminou de servir os drinques com alguma dificuldade, porque não sabia quem havia pedido o quê, mas, finalmente, voltou ao balcão.

Um raio de luz cortou o céu, e um trovão ecoou bem perto.

— Eu sabia que ia aparecer — comentou Jed.

— Ah, sabia?

— Sim, sabia.

Christian sorriu e balançou a cabeça. Jed tinha certeza de que ele e Jolee seriam um casal, mas acabaria decepcionado. Pena...

Estava ali por dois motivos, apenas. Para ajudar Jolee, porque ela precisava de ajuda, e para provar algo para si mesmo. Olhou em volta, esperando encontrar o sujeito de quem precisava para realizar aquele segundo propósito.

Havia uma morena bonita perto da mesa de bilhar. A mulher olhou em sua direção. Christian sorriu, e ela retribuiu, cora certa timidez e um evidente interesse nos olhos castanhos.

— O que está fazendo? — Jed murmurou.

— Sorrindo para uma bela mulher — Christian respondeu.

— Ah, sim, mas a *sua* bela mulher está bem ali. — Ele apontou para o karaokê.

Christian olhou para ela, e seu corpo respondeu de imediato.

— Ela não é *minha*, Jed.

Christian encheu uma caneca com cerveja e foi servir a bebida a Dale em seu lugar de costume, no banco que ficava na extremidade do balcão.

Jed balançou a cabeça.

Bem, Jed podia não acreditar nele, mas ele provaria que estava certo. Provaria a si mesmo. Jolee não tinha nada de especial. Sua recém-descoberta atração por uma mortal poderia acontecer com qualquer mulher, não só com Jolee. E quando isso acontecesse, poderia se libertar daquela obsessão. Não pretendia realizar essa atração por qualquer mulher mortal, mas, quando tivesse certeza de que seus sentimentos não eram específicos por Jolee, poderia talvez, superar completamente o episódio. Estava obcecado por ela porque, no momento, era uma novidade. Logo seria apenas uma dentre as muitas mortais que o excitavam.

Aproximou-se de um grupo sentado perto da mesa de bilhar.

— Precisam de alguma coisa? — perguntou olhando fixamente para a morena.

Ela também o encarava, mas olhou de soslaio por cima de um ombro uma vez. O grupo pediu outra jarra de chope. Christian moveu a cabeça em sentido afirmativo e depois se aproximou da mesa de bilhar.

— Olá — disse, parando ao lado dela.

— Olá. — A moça sorriu.

Tinha um sorriso bonito, apesar dos lábios pequenos. Não eram cheios e carnudos como os de... Ele analisou o corpo. Seios fartos e quadris arredondados. A perfeita figura de ampolheta vestida com saia curta e camiseta justa. Mas as pernas eram curtas, com tornozelos grossos. Não eram pernas longas e torneadas como as de...

Ele rangeu os dentes. Não estava funcionando.

— Quer pedir alguma coisa? — Christian perguntou.

— Um vinho branco gelado com groselha e açúcar ela respondeu com uma voz aguda, quase estridente.

Ele assentiu, sem se dar o trabalho de corresponder ao sorriso. Aquela mortal não seria a que provaria sua teoria. Pelo contrário, ela só deixava ainda mais claro que havia algo de especial em Jolee. Mas haveria outras mulheres no bar naquela noite, e uma delas despertaria seu interesse.

— Olá, todo mundo — Jolee disse ao microfone com sua voz doce e melodiosa. — Enquanto o tempo permitir, o karaokê estará funcionando, então, por favor, divirtam-se. Eu estarei à disposição para colocar as músicas que vocês pedirem. Quem quiser escolher, só precisa pedir as pastas, as canetas e os formulários. Depois, tragam seus pedidos ao palco, e eu tocarei as canções por ordem de solicitação. Obrigada.

Christian forçou-se a desviar os olhos dela e foi até o balcão. Encheu uma jarra de chope e foi até a geladeira pegar a garrafa de... Era vinho de groselha ou de morango?

Ele pegou um de frutas silvestres, tirou a tampa, e a jogou na lata de lixo. Depois pegou a jarra de chope e voltou ao salão.

Jolee levava a pasta de músicas à mesa ao lado daquela onde haviam pedido a jarra. Ela riu de alguma coisa que um dos clientes disse. O som rico e musical encheu o ar, cercando-o, aquecendo todo o seu corpo.

Ele olhou irritado para Jolee, mas ela nem notou. Estava conversando animada com um homem que a encarava como se fosse um lobo faminto. Pois ela que se interessasse pelo sujeito! Não deveria se incomodar com isso. Afinal, já a rejeitara. Mais ou menos. Quase. Bem, estaria melhor se ela

quisesse outro.

Mas Jolee já se afastara do sujeito, indo distribuir as pastas com as listas de músicas em outras mesas. O homem com quem ela estivera falando ainda a devorava com os olhos.

Christian entregou as bebidas, surpreso por não ter esmagado a garrafa com a mistura de vinho, frutas e açúcar.

A morena sorriu de novo ao ser servida, e ele sentiu... Nada. E voltou ao balcão profundamente frustrado com o fracasso de seus planos.

Um trovão estrondeou do lado de fora e, no mesmo instante, a porta se abriu. Um grupo de quatro mulheres entrou, rindo e sacudindo a chuva dos cabelos e das roupas.

Devia ser um sinal...

As quatro olharam em volta, procurando por uma mesa e, quando o viram, cochicharam e se cutucaram, optando pelo balcão, onde Christian esperava por novos pedidos. Uma daquelas mulheres devia ter a capacidade de excitá-lo com meia dúzia de palavras e um sorriso doce. Tinha certeza disso.

Jolee olhou para o balcão, onde Christian atendia um grupo de mulheres. Duas delas se debruçavam sobre a superfície de madeira, oferecendo visões generosas de seus atributos. Elas estavam no mesmo lugar desde que haviam entrado no bar, duas horas antes. Christian só se afastava para servir bebidas, e logo voltava para se cercar de atenção.

A mulher no palco terminou de cantar, e Jolee aplaudiu com os outros clientes. Christian não aplaudia. Estava distraído demais com seu harém.

Ela preparou o equipamento para aquele cliente esquisito que nunca falava com ninguém, mas que cantava com uma animação contagiante, e deixou-o com o microfone para ir para trás do balcão.

— Christian, posso falar com você um instante?

Ele assentiu e a seguiu para o extremo oposto do balcão, longe do grupo de mulheres, que não disfarçaram o desapontamento.

Pois que se enfurecessem! Ela estava aborrecida, e queria que o mundo inteiro sentisse o gosto amargo que ela estava sentindo na boca. Tudo bem, sabia que não deveria se incomodar. Afinal, se Christian era leviano e volúvel como demonstrava, não devia nem querer sua amizade. Se estava interessado apenas em um relacionamento físico, não deveria nem olhar duas vezes em sua direção.

Ela o encarou com os braços cruzados.

— Não me importo se vai flertar com as clientes — disparou.

— O que disse?

— O que você ouviu. Mas não quero que os outros freqüentadores sejam negligenciados porque você está babando em cima de meia dúzia de mulheres no balcão.

— Está com ciúmes. — Ele sorriu. Jolee rangeu os dentes.

— Não me incomoda se quer conversar ou flertar com metade da população feminina local. Só quero que faça o seu trabalho. O trabalho que *você* insistiu em fazer.

Christian ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Jolee sentia vontade de gritar. Em vez disso, virou-se e voltou à área do karaokê, onde Hitch, o cliente esquisito, terminava sua gritaria e seus movimentos convulsivos e desordenados.

Não se deixaria abalar por Christian. De que adiantaria? Seu comportamento naquela noite era a prova de que ele não merecia um segundo de sua preocupação, a confirmação de que acertara ao decidir não se envolver com ele, nem mesmo para um caso sem importância.

— Ei, aqui!

Jolee olhou para um dos homens que tentava flertar com ela desde o início da noite, e sorriu.

— Sim? Precisa de alguma coisa?

— Não, eu... estava pensando quando vamos ouvir você cantar. Você canta, não é?

— Sim, eu canto. Vou escolher uma música, está bem?

— E vai cantar só para mim?

— Ah, é claro! Só para você — ela brincou.

Talvez cantar pudesse fazê-la esquecer que Christian a estava fazendo muito infeliz.

* * *

Christian notou no momento em que o sujeito se levantou de sua mesa e foi até o palco. Como sempre, o ciúme retorceu seu estômago. Havia sido assim a noite toda, cada vez que algum homem falava com ela.

Mas o homem voltou rapidamente ao seu lugar, de onde continuou seguindo Jolee com os olhos como se quisesse devorá-la. No balcão, as quatro mulheres olhavam para ele com a mesma expressão de avidez e cobiça, mas ele não sentia nenhuma satisfação por ser alvo daqueles olhares tão... explícitos. Falar com elas não tinha como objetivo despertar o ciúme de Jolee. Só queria descobrir se se sentia atraído por uma delas. E não estava sentindo nada. Nem mesmo um leve interesse.

— Bem, acho que é minha vez de segurar o microfone — Jolee anunciou, chamando a atenção de todos para o palco. Seu cabelo começara a se soltar do coque habitual, e algumas mechas caíam sobre a testa suada. Ela estava corada e um pouco agitada, como se tivesse acabado de fazer amor.

Christian imaginou o corpo quente contra o dele, as pernas envolvendo sua cintura, a boca sorvendo a dele. A imagem persistia em sua mente como uma gravura, por mais que tentasse apagá-la.

Jolee começou a cantar. Sua voz era doce, sedutora...

Ele a olhava, fascinado. Seu corpo já excitado parecia prestes a explodir, rasgar o confinamento das roupas. O desejo pulsava em suas veias, respondendo ao tom de voz, à maneira como ela segurava o microfone, aos movimentos dos lábios carnudos e úmidos. Ela fechou os olhos, movendo os quadris no ritmo lento da melodia.

Christian olhou em volta. Todos os homens na sala estavam hipnotizados. Todos queriam Jolee. Mas nenhum deles teria a chance de conhecer as delícias daquele corpo. Porque somente ele faria amor com aquela mulher.

A chuva ainda caía forte sobre o telhado do bar. No interior, o silêncio era total. Jolee ouvia o ocasional tilintar de copos, ou o arrastar de uma cadeira, mas, além disso, era só a chuva.

Ela estava no escritório, tentando conciliar comandas e o dinheiro que recolhera do caixa. Aquela havia sido sua noite de maior sucesso desde a inauguração. Deveria estar feliz, mas só queria ir para casa e se enfiar na cama.

Christian estava lavando os copos. Já havia dito que ele podia ir embora, que ela cuidaria de tudo sozinha, mas havia sido inútil.

— Não pode ir para casa a pé com esse temporal — ele havia argumentado.

A chuva talvez servisse para aplacar sua fúria. Sim, porque estava furiosa. Christian era capaz de levar qualquer mulher normal à loucura! Primeiro havia passado a maior parte da noite flertando como um marinheiro em sua noite de folga. Depois, no restante do tempo, ele a cercara como se quisesse matar todos os homens que olhavam em sua direção.

Jolee fechou a conta da noite e anotou o total no livro contábil. Queria ir para casa. Sabia que fugir não resolveria o problema, mas, naquela noite, não havia muito mais que pudesse fazer. Estava com calor, cansada, e emocionalmente destruída.

Outro trovão ecoou ao longe.

— Jolee?

Ela se sobressaltou, girando a cadeira para olhar para a porta. Era Jed.

— Desculpe se a assustei. Só queria dizer boa-noite.

Jed ia embora? Ficaria sozinha com Christian? Aquilo não era bom.

— Está chovendo forte. Por que não espera um pouco? Talvez a chuva diminua.

— Não vou me desfazer feito papel. — Ele riu. — Além do mais, preciso descansar.

— Não se sente bem?

— Estou ótimo! Sou velho, só isso.

— Quer que o acompanhe até o bangalô?

— Não, obrigado. Também não sou *tão* velho assim. Posso ir sozinho. Fique aqui. Christian está quase terminando lá fora.

Ela assentiu. Bem, quanto mais cedo pudesse deixar o bar, mais cedo se livraria da presença de Christian.

— Boa noite, então — disse ela.

Jed acenou e desapareceu no corredor. Jolee continuou olhando para a porta, ouvindo Jed dar boa-noite a Christian. Dez minutos mais tarde, já com o caixa fechado e o cofre trancado, ela percebeu que não havia mais nenhum barulho no salão. Relutante, caminhou para a porta. Christian não deveria deixá-la nervosa. Não deveria sentir nada por ele. Tudo o que tinha a fazer era ir até o salão e anunciar que estava pronta para ir embora. Não precisava nem conversar.

As luzes já haviam sido apagadas, e ela demorou um instante para localizá-lo. Christian estava sentado em uma cadeira, com os cotovelos sobre a mesa e a cabeça apoiada nas mãos, como se sentisse dor.

— Christian?

Ele se sobressaltou e olhou em sua direção.

— O que foi? Não se sente bem outra vez?

Ele se levantou sem dizer nada. O homem não conseguia passar uma noite sem se comportar como se fosse um lunático?

— Escute, estou exausta, suada, e morta de calor. Preciso de um banho. Preciso comer. E depois preciso dormir.

Ele assentiu. Por um momento, Jolee pensou que ele a seguiria para a porta, mas continuou parado no mesmo lugar.

Pois bem, iria embora naquele momento, nem que fosse a pé.

Um raio cortou o céu. O trovão explodiu perto demais, como se quisesse anunciar que caminhar não era uma boa idéia.

Christian falou atrás dela.

— Adorei ouvir você cantar. Todos os homens adoraram.

Não sabia por que ele estava dizendo isso agora. E nem queria saber. Não seria só um jogo para Christian.

— Obrigada.

— Eu... não consigo deixar de querer você.

O homem era a personificação do absurdo!

— Bem, como já disse antes, vai ter de tentar.

Ela voltou ao escritório para pegar a bolsa e as chaves. Só queria sair dali. E, para isso, Christian tinha de sair também.

— Podemos ir? Preciso trancar a porta.

Ele saiu sem dizer nada. A chuva agora era um pouco menos intensa. O frescor dos pingos sobre a pele era agradável, um alívio depois da noite frenética no bar abafado. Jolee trancou a porta do fundo pelo lado de fora. A caminhada de volta seria longa. Havia muito barro na trilha, e a noite era escura. Relâmpagos prometiam outra tempestade nos próximos minutos. Seria uma demonstração de sensatez suportar a presença de Christian por mais alguns minutos, só pelo tempo do trajeto até o *trailer*. Então, finalmente poderia ficar sozinha com sua obsessão por aquele homem.

Estava quase chegando ao carro, quando ele a segurou pelo pulso.

— Jolee, precisamos conversar.

— Sobre o quê? — ela disparou irritada.

— Sobre nós.

— Não existe "nós".

— Sim, existe.

— Estou começando a acreditar que você é maluco.

— Eu também.

Ele tocou seu rosto com reverência e delicadeza. Os olhos estavam fixos nos dela, tão intensos

que pareciam cintilar.

— Por que está fazendo isso, Christian?

— Não consigo me controlar. Não com você.

Ele inclinou a cabeça, e Jolee soube que devia detê-lo. Tinha de parar com essa insanidade agora. Mas os lábios encontraram os dela, e ela correspondeu, apesar da razão sugerir o contrário.

Um trovão explodiu bem perto delas, trazendo de volta a realidade. Jolee afastou-se, e ele não tentou retê-la em seus braços.

— Por que está fazendo isso? — Sabia que soava aflita, mas estava, mesmo, então, por que esconder? Isso tinha que parar antes que fizesse algo de que se arrependeria. Antes de se machucar.

— Já disse com toda a franqueza que não tenho nenhum interesse em um caso. Volte para suas admiradoras. Tenho certeza de que alguma delas vai aceitá-lo.

— Eu sei que sim. E queria muito me sentir atraído por uma delas.

Ela balançou a cabeça, incapaz de acreditar que ele fazia isso novamente. Por que tinha de ser tão... sem noção?

— Não quero saber das suas dificuldades para encontrar companhia na cama.

— Eu nunca quis levar nenhuma delas para a cama. Só queria provar a mim mesmo que podia me sentir atraído por alguém além de você. Mas não senti nada. Durante a noite toda, só desejei você.

As palavras não deviam causar alegria. Afinal, o que significavam realmente? Devia estar ficando maluca cora toda essa história.

— Eu... não entendo o que quer de mim, Christian.

— Quero estar com você. Você é meu primeiro pensamento quando acordo. E o último antes de dormir. Tentei me afastar, mas não consigo. Seu sorriso, sua doçura... Tudo em você me atrai de volta.

Ninguém jamais havia dito essas coisas para ela antes. Os homens sabiam o que dizer quando queriam alguma coisa de uma mulher. Eram mestres da manipulação. Podia acreditar no que ouvia agora?

— O que você quer, afinal? E o que pode dar em troca? — Precisava saber quais eram as regras do relacionamento.

— Eu não sei como ser um... namorado, mas é isso o que pretendo tentar ser para você. — Ele apreciava muito infeliz. — Jolee, eu quero você. É isso.

Ela o estudou, tentando ignorar as batidas frenéticas de seu coração.

— Também quero você. — E era verdade. Queria esse homem mais do que se permitira acreditar. — Mas eu não sei... Não sei se posso confiar em você. Estou assustada.

— Eu também estou — ele respondeu, segurando as mãos dela.

— Já sofreu por alguém antes?

Christian fechou os olhos.

— Sim, já fui profundamente ferido.

Ela segurou seu rosto entre as mãos e esperou que ele a fitasse. Então, lentamente, ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo.

Os lábios se encontraram. Um trovão explodiu bem perto dali, mas dessa vez nenhum dos dois interrompeu o beijo. Christian a envolveu com os braços, puxando-a contra o peito.

O beijo tornou-se mais profundo, sensual. As línguas se encontraram. Christian a empurrou contra o carro. Jolee tentou se convencer de que isso estava acontecendo depressa demais. Precisavam se conhecer melhor antes. Precisavam sair, conversar. Estavam ao ar livre, na chuva!

Ele a pressionava contra o carro com o corpo. A fricção entre os corpos criava um calor que a invadia e dominava. As mãos acariciavam seu corpo, explorando com ousadia cada vez maior. Sem deixar de beijá-la, ele a ergueu do chão e a pôs sentada sobre o capo do carro. Christian estava entre suas pernas, impedindo-a de escorregar pela superfície lisa e molhada. Era um contato íntimo, excitante.

A mão encontrou a barra de sua camiseta e deslizou pela pele macia até encontrar um seio: Jolee sentia os mamilos túrgidos, formigando, pedindo pela carícia. Ele segurou um deles entre o polegar e o indicador, pressionando-o sob o sutiã.

— Oh, meu Deus, Christian... — ela gemeu, inclinando as costas numa oferta incondicional e provocante.

— Isso é bom? — ele murmurou, como se realmente não tivesse certeza.

Ela assentiu com os olhos fechados. Como aquele homem podia não saber que a levava à loucura?

— Quero ver você. Quero ver sua pele, ver a cor de seus mamilos, sentir que sabor eles têm...

Isso era loucura! Estava na chuva, sobre o capo de um carro no estacionamento de seu bar, e só conseguia pensar naqueles lábios em seus seios, em todo o seu corpo...

— Sim... — ela murmurou.

Naquele momento, teria concordado com tudo! Christian não sabia o que estava fazendo. Agia por instinto, apenas. E cada instinto nele ordenava que tocasse essa mulher. Com as mãos, a boca, a língua... Precisava explorar cada milímetro dela.

Ele se inclinou e lambeu as gotas de chuva em seu rosto.

Jolee gemeu e o apertou entre as pernas.

Ele também gemeu, sentindo sua ereção pulsar contra ela. Sabia que o que faziam era loucura, mas não conseguia parar.

Cuidadoso, ele despiu a camiseta de Jolee, deixando a roupa molhada sobre o capo, ao lado dela.

Sua pele era perfeita. Os seios perfeitos pareciam transbordar do sutiã cor-de-rosa, e era possível ver a ereção e as sombras escuras dos mamilos sob o tecido encharcado e transparente.

Ele se inclinou e sugou um daqueles botões túrgidos. Jolee gritou, agarrando-se em seus ombros, pressionando o quadril contra o dele. O desejo dela o envolveu como uma corrente elétrica, explodindo em sua mente como os trovões que cortavam o ar da noite. Ele sugou com mais força, e ela gritou novamente.

Era incrível, mas seria capaz de levá-la ao clímax apenas com a boca e a língua em seus seios. A descoberta era inebriante, especialmente por considerar que não satisfazia uma mortal havia quase duzentos anos. A excitação de Jolee alimentava a sua.

Os lábios se encontraram de novo, famintos e ávidos.

Christian se perdeu na doçura do beijo, até o contato ameaçar sua sanidade. Esperava que a loucura desencadeasse a fome, mas nada acontecia. Tudo o que sentia era um imenso desejo.

Ele se levantou um pouco para tocar seus seios, explorando o formato com a palma da mão. Jolee se retorcia. Christian encontrou o fecho do sutiã no vale entre os seios e o abriu. Agora podia vê-la por inteiro. Ou quase.

Ele a segurou pelos pulsos e abriu seus braços, apreciando-a, devorando a visão de beleza única. A chuva lavava seu peito e os pingos brilhavam como jóias sobre a pele acetinada. Ele se inclinou e lambeu as gotas dos mamilos rosados.

Jolee gemeu. Ele deslizou as mãos por seu corpo até encontrar o botão de seu short.

Ela o fitava com os olhos transbordando desejo e paixão. Um desejo que o envolvia e inundava, penetrando por sua pele e suplicando por satisfação. E ele queria satisfazê-la. Queria dar tudo a ela.

Devagar, abriu o zíper e baixou o short apenas o suficiente para ver a calcinha cor-de-rosa, e para introduzir os dedos sob o elástico delicado. Jolee reagiu violentamente ao toque, e os dedos só

havam roçado os pelos que encobriam seu sexo. Ele a acariciou de novo. Havia esquecido a sensação de tocar uma mulher de forma tão íntima. Podia sentir a pele úmida, quente e macia...

Ele a afagou novamente, e dessa vez encontrou o botão aninhado no alto da fenda úmida e delicada. Ele começou a deslizar um dedo em torno daquela elevação, testando quanta pressão usar.

— Oh, meu Deus... — ela gemeu. — Meu Deus...

Ela gritou, os músculos se retesando. Quando o prazer de Jolee começou a perfumar o ar, inspirador e provocante, Christian sentiu os dentes mordendo sua carne, penetrando em seu pescoço.

Desajeitado e apavorado, ele se soltou do braço, afastando-se dela, vendo outra mulher em seu lugar.

— Lilah...

Jolee nunca teria acreditado que algo tão maravilhoso pudesse se tornar tão horrível em poucos segundos. Cobrindo os seios com um braço, ela pegou a camiseta ensopada e amarrotada e sacudiu-a com desespero, tentando vesti-la.

Christian segurou sua mão, contendo os movimentos frenéticos. Em seguida, ele despiu a própria camisa e a colocou sobre seus ombros. Jolee escorregou pelo capo e, em pé, fechou o sutiã. Era uma idiota!

Com mãos trêmulas, conseguiu abotoar a camisa, sentindo as mãos sobre seus ombros tentando virá-la. Ela resistiu. Não se sentia capaz de encará-lo. Acreditara realmente que ele era honesto, que queria um relacionamento, ou não teria deixado as coisas ir tão longe.

Ela desistiu dos botões e sobrepôs a camisa sobre o corpo. Com pernas trêmulas, encontrou a bolsa caída em uma poça, onde a soltara no primeiro beijo. A água penetrara no tecido.

— Maravilha — resmungou, pendurando a bolsa no ombro sem se preocupar com a camisa cara, já caminhando para a estrada.

— Jolee — chamou Christian, com voz baixa e preocupada.

Seus passos ecoavam nas poças d'água. Ele a seguia.

— Por favor, espere!

— Não.

— Não pode andar a pé com esse tempo. Ela riu.

— O tempo não parecia ser problema há alguns minutos.

Jolee continuou andando. De repente, seus pés saíram do chão, e ela se sentiu flutuar no ar.

Christian a carregava como se ela não tivesse peso, e a levava de volta ao carro. Ela se debateu, tentando soltar-se.

— Ponha-me no chão!

Ele agia como se nem a escutasse. Com facilidade espantosa, abriu a porta do carro e a pôs lá dentro. Mesmo furiosa, era impossível não se impressionar com aquele tipo de força. Podia abrir a porta e correr, mas de que adiantaria? Ele a alcançaria e traria de volta. Ficaria ali sentada, bem quieta, e aproveitaria a carona para casa. Como devia ter feito desde o início. Sem dar ouvidos ao que ele dizia.

Sem dizer nada, Christian ligou o motor e partiu, pisando fundo no acelerador.

Minutos depois ele parava diante do *trailer* de Jolee. Antes mesmo de o carro parar completamente, ela abriu a porta e saltou, correndo para o *trailer*. Jolee trancou a porta, correu para a sala, e parou, piscando para conter as lágrimas, ofegante pelo nervosismo. Não iria chorar por isso. Ele não merecia suas lágrimas.

Por mais furiosa que estivesse com ele, estava mais ainda consigo mesma. O episódio no estacionamento não teria acontecido, se ela não permitisse. Confiara nele, mesmo sabendo que Christian não queria um relacionamento.

Ele mesmo havia dito que fora magoado. E ela já deduzira que havia outra mulher. Lilah. E era o nome dela que ele repetia quando estava com outra mulher. Lilah ainda ocupava seus pensamentos.

Batidas na porta interromperam seus pensamentos. Jolee não se moveu. Nem olhou na direção do som. Era Christian, é claro, e não queria falar com ele. Nem agora, nem nunca.

Ele bateu novamente. Dessa vez a porta estremeceu sob a força de sua determinação. Mesmo assim, ela não se moveu.

Não até perceber que ele não desistiria, e que a velha fechadura não resistiria. Ela se virou, pensando em colocar uma cadeira sob a maçaneta, mas Christian já havia entrado. Era impressionante! Não o ouvira abrir e fechar a porta, mas lá estava ele, no meio de sua sala!

— Saia.

— Não. Precisamos conversar.

— Não vejo nenhum propósito nisso. Vá embora.

— Não. E você precisa de uma fechadura decente.

— Christian, vá embora. Não posso... Não quero! Só quero voltar à vida que tinha antes de conhecer você.

— Eu também adoraria, mas não vai acontecer.

— Eu posso pelo menos tentar. E posso começar hoje. Agora. Por favor, saia.

— Jolee, não posso sair e deixar você aqui magoada. Não quando seu sofrimento é minha culpa.

— Eu vou ficar bem. Não pode mudar o que aconteceu, e não pode se culpar por eu ter acreditado que você me daria algo que já havia confessado não ter para dar. Só precisamos parar com isso. Agora!

Christian assentiu. Por um momento, Jolee pensou que ele fosse sair.

Mas continuava ali parado, olhando em volta como se procurasse alguma coisa. Finalmente, os olhos encontraram o rosto dela.

— Conheci Lilah há muito tempo.

Jolee abriu a boca para dizer que não estava interessada, mas não disse nada. Queria ouvir a história de Christian.

— Ela era linda, charmosa, e sedutora, e me apaixonei à primeira vista. Ela parecia sentir o mesmo por mim. Acreditei que era o amor da minha vida, minha alma gêmea.

Jolee ouvia tentando entender por que era tão doloroso confirmar que ele amava outra mulher. Não havia nada entre eles.

— Minha família não a aceitava — ele continuou. — Meu irmão mais velho, Rhys, tentou me dizer que ela não era o que eu pensava. Que ela não me amava. Eu não ouvia ninguém. Simplesmente os ignorei e me afastei de todos. Não permitiria que ninguém se colocasse entre mim e Lilah. Na minha cabeça, havíamos nascido um para o outro, e todos invejavam o que tínhamos. E só tarde demais percebi que não tínhamos nada. Absolutamente nada.

— O que aconteceu?

Era difícil responder. Não podia contar a Jolee todas as coisas que fizera sob o comando de Lilah. Toda a dor que causara porque isso a agradava e excitava. Todas as vezes que mordera mortais, violentamente, brutalmente, só para excitá-la. Sangue era a única coisa que a punha em brasa, e ela adorava assistir aos seus ataques. Em sua loucura por satisfazê-la, gratificara aquela mulher de todas as maneiras possíveis. Com violência e derramamento de sangue. E o apetite de Lilah pelos dois era insaciável.

Para ter amor, praticara a crueldade. Por que não enxergara a verdade antes? Antes de ter feito o que fizera com Jane, com seu irmão...

Seu irmão!

Christian se concentrou em Jolee. A mortal delicada e doce que despertava nele lembranças de tudo o que era bom, que o fazia perceber que a paixão não tinha que ferir. Satisfação não precisava acabar em dor. Não podia perder Jolee. Sabia que, de alguma forma, ela estava ligada à sua redenção. Precisava obter seu perdão.

— Minha família estava certa. Lilah nunca me amou. Ela era uma criatura cruel, vingativa, que não queria nada mais do que controlar e manipular.

— Bem, muita gente continua amando pessoas terríveis.

— Eu a odeio. — Era verdade. Não havia mais nada daquele amor nele. Nada. Nem mesmo o estranho vazio que o amargurara depois de ter matado o sentimento.

— A linha que separa amor e ódio é muito fina — Jolee observou.

— Eu sei. E por muitos anos confundi amor e ódio. É um erro que não pretendo repetir.

— Então, por que disse o nome dela?

Havia dito o nome de Lilah porque, ao sentir o orgasmo de Jolee e seus dentes no pescoço, associara a sensação à presença de Lilah. Por duzentos anos, nunca conseguira experimentar uma coisa sem a outra. Alívio e violência estavam sempre juntos, porque Lilah não gostava apenas de assistir, mas gostava de morder, também. E Christian havia sido seu brinquedo favorito nos momentos de luxúria. Mordidas sádicas, violentas, que agora o faziam questionar como pudera sobreviver.

Como explicar a Jolee que a paixão o transformara em um boneco, em uma vítima sem vontade própria?

Christian decidiu se aproximar da verdade tanto quanto era possível.

— Lilah tinha o hábito de morder meu pescoço quando chegava ao clímax. Quando senti seus dentes, entrei em pânico. De repente, foi como se Lilah estivesse de volta. Sinto muito.

— Está dizendo que ela mordia você... de verdade?

— Exatamente. De verdade e com força.

— Para machucar?

Ela se encolheu ao vê-lo assentir.

— Nosso relacionamento não era normal — Christian explicou.

— Ela... sentia prazer causando dor? — Pensar que uma mulher havia sido cruel com Christian a enojava, mas precisava saber de tudo. Precisava entender o que causava aquelas estranhas mudanças de comportamento e humor.

— Sim.

Precisava saber toda a verdade, mesmo que isso a dilacerasse.

— E você... gostava disso?

— Agora percebo que não, mas, na época, estava absolutamente fascinado por ela. Teria concordado com tudo o que ela quisesse. E concordei.

Jolee conhecia muitas mulheres que pensavam de maneira semelhante, acreditavam que situações ruins eram aceitáveis, ou que era possível repará-las com amor.

Ela se aproximou de Christian.

— Agora entendo por que diz que não sabe como manter um relacionamento.

Ele também se aproximou dela.

— Estou um pouco sem prática com pessoas normais.

— Bem, não sei se vou poder ajudar nesse aspecto. Ele sorriu.

— Acho que você se aproxima mais do que eu da definição de "normal" — disse, tocando seu rosto.

— Tenho uma proposta a fazer: vamos começar de novo. Talvez, se trabalharmos juntos e devagar, possamos entender e pôr em prática toda essa idéia de um relacionamento. — Ela sorriu,

repentinamente segura de que era isso o que queria.

Um alívio intenso invadiu Christian.

— Eu gostaria muito.

Ainda não sabia exatamente o que tinha para oferecer, mas precisava estar perto dela. Pensaria em como terminar tudo quando isso fosse inevitável, mas, até lá, só queria estar perto dela. Pensar no passado com Lilah só tornava a necessidade ainda mais imperiosa. Precisava estar com essa mortal. Ela o fazia se sentir mais humano do que todos os doze passos de seu programa, todos os registros do blog. Precisava de sua bondade para apagar a maldade de Lilah. Sua própria maldade.

— Sei que ir devagar pode parecer ridículo, considerando que já tive um orgasmo com você em cima do capô do seu carro, mas ainda acho que devemos ir devagar. Talvez namorar.

Namorar? Sim, já ouvira o termo, mas nunca havia parado para pensar em como seria colocá-lo em prática. Um passeio em uma daquelas carruagens do Hyde Park? Não. Antiquado demais. Que tipo de namoro Jolee queria?

— Nunca namorou? — ela perguntou, notando sua hesitação.

— Eu... acho que não. Era chocante. E engraçado.

— Mas sabe o que é namorar, não sabe?

— Sim, vamos juntos a alguns lugares, fazemos algumas coisas...

Ela sorriu.

— Exatamente. E, o mais importante, nos conhecemos.

Agora começava a ficar interessante. Queria saber tudo sobre ela. E queria levá-la a algum lugar e tratá-la como a mulher fabulosa que era, como sabia que ela nunca fora tratada. Só não sabia aonde poderia levá-la no meio da noite em Shady Fork.

— O que acha de marcarmos nosso primeiro encontro oficial para amanhã? — ela perguntou. — É domingo. Temos a noite de folga.

Notar que não havia perdido Jolee nem o emprego no bar enchia seu peito de felicidade. Ele assentiu.

— O que gostaria de fazer?

— Jantar, talvez?

— E claro. — Não podia comer, mas adoraria vê-la saboreando os alimentos.

— Ótimo. Então, nos encontramos às sete para o nosso primeiro encontro.

— Às oito. Sou muito melhor à noite — ele disse, sentindo que a culpa ofuscava a alegria por um instante. Jamais poderia estar com ela como um homem normal.

Então ela riu, atraindo novamente toda a sua atenção.

— Pensando bem, também sou uma pessoa de hábitos noturnos. Oito horas.

Ele sabia que não devia ignorar a culpa, mas era isso o que estava fazendo.

Queria aquele encontro, e não mediria esforços para fazer tudo dar certo entre eles.

Eram quase sete e meia, e Jolee ainda não sabia o que ia vestir para o encontro daquela noite. Precisava de uma roupa que não fosse usada para dormir ou trabalhar, e suas opções eram limitadas.

Ela escolheu um vestido lilás simples, mas elegante. Havia trabalhado à noite e nos finais de semana por um mês, empacotando compras em um supermercado, para comprar aquele vestido para o baile do colégio. Estudava em uma cidade sozinha, por isso se animara para ir ao baile, esperando que a reputação dos Dugan não a seguisse até lá. Mas se enganara, e acabara descobrindo que o rapaz que a convidara só estava interessado em sua fama de "fácil". A noite havia sido desastrosa.

Deixou o vestido de lado. Era a melhor coisa que tinha, mas não precisava dessas lembranças como companhia. Sem mencionar que o vestido estava um pouco ultrapassado.

Ela escolheu uma saia de brim. A bainha estava um pouco desfiada, a cintura estava folgada, resultado de muito trabalho e pouca comida, mas era o que tinha. Cobriria a cintura da saia com a blusa vermelha, uma cor que combinava com seu tom de pele, e cujas mangas curtas cobriam o hematoma em seu ombro. O curativo no antebraço continuaria visível, mas tudo bem. O sapato era mais complicado. Tudo o que tinha era um par sujo de tênis e um par de chinelos de borracha cor-de-rosa. E o par de tênis ainda estava molhado depois da tempestade da noite anterior. Teria de usar os chinelos.

Ela escovou os cabelos, que deixou soltos, e aplicou a maquiagem discreta, apenas para encobrir a palidez e realçar um pouco os olhos e a tonalidade do cabelo, seus pontos fortes.

O esmalte *pink* que encontrou no armário do banheiro estava velho e grosso, mas ela pintou as unhas dos pés, torcendo o nariz para o resultado. Não sabia se as unhas pintadas fariam o chinelo parecer melhor.

Depois de aplicar a sombra e o rímel, decidiu não usar batom. Não precisava de mais nada chamando atenção para sua boca. Podia competir com Angelina Jolie no quesito lábios carnudos.

Ao ouvir as batidas na porta, saiu da frente do espelho. Não podia fazer mais nada para melhorar sua aparência.

— Você está linda — disse Christian, quando ela abriu a porta.

Ele estava simplesmente maravilhoso no paletó preto que fazia seus ombros parecer ainda mais largos. A calça preta realçava as pernas longas e fortes, e a camisa azul-cobalto tornava seus olhos ainda mais cristalinos e profundos. Dramáticos. Os cabelos cor de mel pareciam ainda mais luminosos, com reflexos dourados e um estilo despenteado que sugeria que ele havia acabado de sair da cama.

Era constrangedor perceber como estava mal-arrumada comparada a ele.

— Você está muito elegante. Parece um... astro do rock.

— E isso é bom?

— Tenho uma queda por músicos.

— Vou me lembrar disso.

Então, ele estendeu a mão, e pela primeira vez ela percebeu que Christian estava segurando alguma coisa.

— O que é isso? — Jolee perguntou.

— Um presente. Um símbolo da minha estima pela mulher que convidei para sair. Não é assim que tem que ser?

Ela sorriu, encantada com a delicadeza do gesto. Não tinha importância se o presente estava embrulhado em papel pardo do tipo usado nos saquinhos de padaria.

Ela abriu a embalagem.

— Uau! E um... HairDini.

— Sei que devia trazer flores ou bombons, mas não tive tempo para ir procurar.

— Mas tinha um HairDini à mão?

— Nunca se sabe quando ele vai ser necessário.

Ela riu.

— É o presente mais lindo que já ganhei! Obrigada.

— Se esse é o mais lindo, prefiro nem pensar no que ganhou antes.

— Na verdade, não é o presente, mas a sua atitude.

— Ah! Adora me ver constrangido, não é?

— Não! — Ela riu. — Tudo bem, sim.

Christian também riu, fascinado com a beleza daquele sorriso.

— E o presente vai ser muito útil — ela confessou com honestidade, examinando o conjunto de prendedores para cabelo. — Nunca consigo manter todos os cachos num coque.

— Agora que a vi com o cabelo solto, acho melhor pegar o presente de volta.

Ele tocou uma mecha sedosa e encaracolada. Queria beijá-la. E pela súbita intensificação do perfume de canela e mel, ela queria a mesma coisa. Mas já haviam combinado progredir lentamente.

— Podemos ir?

Jolee deixou o conjunto de presilhas sobre o balcão da cozinha.

— Sim, podemos.

Ele a conduziu ao carro e abriu a porta. Jolee tentou entrar, mas a saia, que terminava logo acima do joelho, impedia o movimento. Ela precisou erguer um pouco a bainha, e sorriu constrangida para Christian depois de se acomodar. Ele não correspondeu ao sorriso. Em vez disso, fechou a porta, engoliu em seco, e foi se sentar diante do volante, dizendo a si mesmo que tinha de se comportar.

A verdade era que não conseguia deixar de pensar nela. Até sonhara com ela, e nem sabia que vampiros podiam sonhar em seu estado de dormência. Mas sonhara com Jolee em cima do capo do carro.

— Então, aonde vamos?

Christian olhou para ela.

— É surpresa — respondeu.

Jolee sorriu, animada.

Ele deu a partida no carro e seguiu na direção do restaurante. Na noite anterior, havia andado de carro pela região até quase amanhecer, procurando pelo melhor lugar para levar Jolee.

Encontrara vários restaurantes, mas não ficara impressionado até ver o West Pines Country Club. Comparado a seus padrões, o clube nem era assim tão luxuoso. Mas havia gostado do restaurante instalado em uma antiga mansão vitoriana às margens do lago. Sabia que a vista não seria tão espetacular à noite, mas eles mantinham mesas ao ar livre, e poderiam ouvir as ondas lambendo a margem do lago e ver as estrelas. Esperava que essa fosse uma boa escolha para sua primeira tentativa de romantismo.

— Então, como alguém se torna obcecado por produtos domésticos e compras pela tevê?

— Como assim? — ele estranhou.

— O HairDini — ela explicou com um sorriso divertido.

— Ah, eu... costumo assistir à tevê até tarde.

— Entendo. E gosta de programas comerciais? Ele assentiu.

— Esse lugar aonde vamos não fica em Shady Fork? — ela perguntou, notando que passavam pelo centro da cidade e seguiam em frente pela estrada.

— Não acho que haja algum lugar especialmente bom aqui.

— Ah...

— Vai gostar do lugar que escolhi.

Ela assentiu, mas não comentou.

Jolee começou a ficar aflita ao notar que Christian tomava a direção de West Pines. Não costumava ir lá, mas sabia que a cidade era maior e mais agradável que Shady Fork. Era tolice ficar apreensiva, ele devia ter feito a escolha com base no número de restaurantes que havia por lá, mas, ainda assim...

Sabia que ele a levaria um lugar elegante. E por que não pensara nisso antes? Ele tinha dinheiro, vestia-se como um modelo, dirigia um Porsche... Devia ter imaginado que sua idéia de um encontro seria muito diferente da dele.

E deveria ter sido mais clara quanto às próprias expectativas. Quando ele parou o carro diante da mansão onde funcionava o requintado restaurante, ela se sentiu enjoada.

— Não podemos entrar.

— É claro que podemos — Christian respondeu, calmo.

— Olhe para mim! Não estou vestida para um lugar como esse!

— Você está linda.

— Estou usando uma saia de brim.

— E daí? Minha roupa é de fibra sintética. Quem se importa? Escute, vamos entrar. Se você não quiser ficar, nós saímos. Quero que a noite seja perfeita para você. — Ele segurou sua mão e a beijou.

Jolee se sentiu derreter. Impulsiva, inclinou para beijá-lo nos lábios. Estava recuando para dizer que qualquer lugar seria bom se estivesse com ele, quando Christian segurou sua nuca e a puxou de volta, beijando-a com paixão.

Quando o beijo chegou ao fim, tudo o que ela conseguiu dizer foi:

— Tudo bem.

Christian observava a expressão de Jolee. Ela olhava em volta, registrando todos os detalhes como se estivesse encantada. De sua parte, ele achava o local agradável, mas nada de excepcional.

— É lindo! — murmurou Jolee. — Pode imaginar a vida em um lugar assim? Ah... Que bobagem a minha. Deve ter morado em lugares como este.

Vivera em lugares muito mais luxuosos, mas não podia sequer lembrar os detalhes, muito menos imaginar como seria sentir esse tipo de fascinação que ela demonstrava agora.

Christian assentiu, distraído, perdido no sorriso lindo. Desejando poder dividir com ela todos aqueles lugares.

— Boa noite.

Christian sentiu a tensão de Jolee com a aproximação do *maitre*, e segurou sua mão.

— Tenho uma reserva.

— Para dois?

— Sim. Christian Young.

— Ah, é claro. Por aqui, por favor.

O *maitre* os levou à área externa do restaurante, e afastou a cadeira mais próxima da balaustrada, esperando que ela se sentasse. Jolee hesitou, mas sorriu para o homem e se acomodou à mesa. Quando ele se afastou, dizendo que o garçom iria atendê-los em seguida, Jolee relaxou e olhou em volta com ar encantado.

— Este lugar é simplesmente lindo — disse.

— Fico feliz por ter gostado.

O garçom chegou para anotar o pedido das bebidas, e Christian estudou a carta de vinhos.

— Você bebe Domaine Serene?

Ela sorriu e levantou uma sobrancelha.

— Eu nem sei o que é isso.

— É um *pinot noir*.

— Ah... sim, eu... gostaria de experimentar.

— Gosta de vinho tinto?

— Não sei. Nunca bebi.

— Nunca bebeu vinho tinto? Mas você é dona de um bar!

— Irônico, não é? — Ela riu.

— Por que um bar, se não costuma beber?

— Bem, eu sei como servir. Preparo drinques desde que aprendi a andar, praticamente.

Christian franziu a testa.

— Por que uma criança aprende a preparar bebidas?

Ela baixou o olhar, percebendo que acabara de falar mais do que pretendia.

— Bem, quando minha mãe estava bêbada demais para preparar o próprio drink, alguém tinha que ajudá-la.

Christian se sentiu mal por ela. Mais do que isso, sentiu raiva de um adulto capaz de fazer isso com uma criança. Com a própria filha. Mas as emoções não apareciam em seu rosto. Se revelasse algum sentimento, ela podia parar de falar, e queria saber tudo sobre Jolee.

— Não se incomoda por servir bebidas agora?

— Agora eu não sirvo mais as bebidas. Tenho um bonitão fazendo isso por mim.

Era delicioso ver o brilho em seus olhos e perceber que sua disposição mudava só por falar sobre ele, mas não queria perder a chance de conhecê-la melhor.

— Por que um bar?

— Porque é algo que sei fazer. Na verdade, superei o problema que minha mãe tinha com a bebida. Ela fez o melhor que podia com as condições que tinha. Quanto ao bar, o que me interessou nele não foi exatamente o estoque de garrafas.

— Não?

— Não. Eu queria o karaokê. Minha mãe bebia para escapar dos problemas. E eu cantava. Cresci ouvindo rádio, usando a música para esquecer tudo o que acontecia na minha vida. Eu imaginava que era uma cantora famosa viajando pelo mundo.

— E por que não tentou realizar seu sonho?

— Bem, primeiro, porque sou covarde. Segundo, porque não sei se sou boa o bastante para ser uma

estrela. O bar é um exemplo. Todas as noites, há uma série de pessoas talentosas cantando naquele pequeno palco.

— E algumas menos talentosas. — Ele riu.

— É verdade. Mas gosto do karaokê, porque posso cantar e ouvir outras pessoas cantando. Mesmo as menos talentosas. *É* terapêutico. Além do mais, quero provar para mim mesma que posso ter sucesso em alguma coisa. Quero ter certeza de que posso administrar meu próprio negócio.

— E isso é muito importante para você, não é?

— Muito.

O garçom se aproximou com o vinho, e ele observou atentamente a expressão de Jolee, percebendo que, após o impacto inicial causado pelo novo sabor, ela apreciava a bebida.

— E você? — ela perguntou. — Como ficou tão rico que pode trabalhar de graça em um bar no fim do mundo?

— Herdei um bom dinheiro e fiz investimentos lucrativos — ele respondeu em tom neutro. Não conseguia se orgulhar da própria fortuna, especialmente agora, depois de vê-la trabalhar tanto para manter o bar e sobreviver dele.

— Isso exige conhecimento.

Christian assentiu, mas não disse nada. Essa era outra área da qual não sentia muito orgulho.

Felizmente, o garçom voltou para anotar o pedido. Christian pediu filé-mignon mal-passado. Jolee escolheu salmão grelhado e chá gelado.

— E os outros membros de sua família? — ele perguntou. — Tem outros irmãos?

— Sim.

— Jolee, não quero causar nenhum desconforto — disse, tocando a mão dela sobre a mesa. — Só quero saber mais sobre você.

Ela o encarou por um instante, depois suspirou.

— Tenho cinco irmãos e duas irmãs.

— Família grande.

— Grande e disfuncional.

Queria mudar de assunto. Já havia sido embaraçoso admitir que a mãe era alcoólatra. E ele havia conhecido Vance. Não queria falar sobre os outros. Mas, se queria ter um relacionamento de verdade

com esse homem, tinha de ser honesta com ele. Ele tinha o direito de saber quem era ela e quais eram suas origens. Queria provar que era diferente, em vez de fugir e negar o passado. E se ele não pudesse aceitá-la com sua história, então, não servia para ela.

— Bem... Vance não é uma exceção à regra. Meus cinco irmãos estão sempre se metendo em confusões com a lei. Na última vez em que tive notícias da família, Rex, o mais velho, estava preso por assalto, e Harlen, outro dos meus irmãos, também estava preso por homicídio. Tenho certeza de que é só uma questão de tempo para Vance, o mais novo, ser preso por posse de drogas. Ele já esteve no Ashland Correctional duas vezes. Não sei onde estão os outros dois, Rusty e Bobby Jon, mas posso imaginar em que tipo de coisa estão se metendo por aí.

Ela olhou para Christian para ver qual era sua reação, mas ele simplesmente a ouvia atento.

— Minha irmã, Libby Ann, se divorciou há pouco do terceiro marido e foi morar com o irmão dele, levando os cinco filhos. A qualquer momento ela vai aparecer casada ou grávida outra vez. E minha irmã mais velha, Fanny, fugiu de casa quando eu tinha sete anos. Soube que ela está em Vegas, trabalhando em um palco de *strip*, mas não sei se é verdade.

Christian tocou seu rosto.

— Jolee, você me causa uma admiração cada vez maior.

O quê? Ele não estava incomodado com a descrição dos membros de sua família? Estava... orgulhoso?

— Você é maluco? Acabei de contar que minha família faria da família Manson um exemplo para a comunidade!

— Bem, todas as famílias têm alguns esqueletos no armário.

— Inclusive a sua?

— É, pode-se dizer que sim.

— Que esqueletos?

Ele balançou a cabeça, como se quisesse dizer que não ia contar.

— Ei, espere um pouco, acabei de contar tudo sobre a minha família!

— Jolee, a verdade é que, para todos os efeitos, eu não tenho família. E se você pudesse conversar com meus irmãos, eles diriam que *eu* sou o esqueleto.

Ela parou. Sabia que ele estava falando sobre Lilah.

— Desculpe.

— Não, eu peço desculpas — ele a corrigiu, bebendo um gole de vinho.

Jolee também sorveu um pouco do dela. Estava começando a pensar que, talvez, não fossem tão diferentes, afinal. Ambos se recuperavam de um passado traumático. Ambos eram solitários. E os dois precisavam aprender a confiar. Talvez tivessem pontos de partida diferentes, mas estavam lidando com questões bem semelhantes. *E* precisavam um do outro.

— Tudo bem, já chega de falar sobre o passado — ela decidiu, sorrindo. — Vamos pensar em outro assunto.

— Que assunto?— ele perguntou, relaxando.

— Hum... Qual é o personagem de desenho animado de que você mais gosta?

Ele franziu a testa.

— Esse assunto é muito importante — Jolee garantiu.

— Bem, acho que... Mickey Mouse.

— Eu sabia! — ela exclamou, como se a resposta fosse reveladora.

— E o seu, qual é?

— A Minnie, é claro!

Apesar da dor causada pela lembrança dos irmãos, Jolee conseguia mudar a atmosfera com sua conversa divertida. Ela fazia aquelas perguntas engraçadas o tempo todo, e Christian a acompanhava, sentindo-se mais leve e contente do que podia se lembrar. Sabia, por exemplo, que ela queria viajar, que adorava verde, mas não gostava de ervilhas.

Passara a vida toda refletindo sobre o significado da gratificação, fazendo um enorme esforço para se sentir realizado, e nunca, em nenhum momento se sentira tão feliz e realizado quanto agora, na companhia de Jolee. Com ela, era como se visse muitas coisas pela primeira vez.

Ela terminou o salmão com um suspiro.

— Estava absolutamente delicioso!

Christian sorriu. Era fascinante vê-la comer. Ela comia como se nunca tivesse provado os alimentos antes, como se cada tempero fosse uma grande novidade.

E talvez fosse. Sabia agora que ir a restaurantes era uma experiência que ela não tivera no passado. E agora o dinheiro era pouco, insuficiente para comer fora. Talvez ela nem tivesse o suficiente para comer todos os dias.

Por isso ela era tão esguia, tão delicada?

O garçom chegou para recolher os pratos.

— Querem o cardápio de sobremesas?

— Sim — Christian respondeu. Jolee sorriu para ele.

— O que é? — ele estranhou.

— Deve gostar muito de açúcar. Mal tocou na comida, mas quer pedir sobremesa.

— Ah, eu... sim — ele concordou, embora houvesse pedido o menu para ela. Queria que Jolee comesse, porque ele já se havia alimentado antes de sair do *trailer*, consumindo o conteúdo de uma das bolsas que havia roubado do hospital. Estava satisfeito. Mesmo assim, conseguira engolir alguns pedaços do filé, e sentira apenas uma ou outra onda de náusea. Felizmente, a carne estava mal-passada.

— Deveria se alimentar melhor — disse ela. — Vai acabar sentindo tonturas.

Uma onda de calor o invadiu. Quem poderia imaginar que ver a preocupação no rosto de alguém poderia ser tão agradável? Christian quase respondeu que ela precisava de alimento mais do que ele, mas conteve-se. Já conhecia Jolee o suficiente para saber que ela se ofenderia, imaginando que ele vira nela algum defeito. E não era esse o caso. Sempre que olhava para ela, via apenas perfeição.

O garçom voltou com o cardápio, mas Jolee nem abriu o dela. Estava olhando para a margem do lago, para a alameda de pedras entre palmeiras que servia de ponte entre as mesas e o ambiente natural.

— Quer caminhar um pouco? Ela sorriu, animada.

— Eu adoraria!

Christian chamou o garçom e pediu a conta.

Alguns minutos mais tarde, percorriam o caminho sinuoso até a margem do lago. Uma brisa morna fazia balançar as folhas das árvores, e as ondas lambiam as pedras da margem.

— Ah, veja aquilo! — Jolee exclamou, apontando para um pequeno caramanchão quase escondido entre as copas floridas.

Ela segurou a mão de Christian e o levou até lá. O caramanchão possuía bancos fixos em duas de suas paredes.

Ela soltou sua mão e entrou, olhando de lá para a água. A lua e as estrelas eram refletidas pela superfície crispada e escura.

— É lindo... — ela murmurou, fechando os olhos e erguendo o rosto. O vento brincava com as mechas de seus cabelos, e ele queria tocá-los.

— Feliz? — perguntou, tentando conter o impulso. Ela o encarou e sorriu.

— Estou no paraíso.

De repente ela o abraçou, colando o corpo ao dele.

— Não — Christian respondeu num sussurro. — *Eu* estou no paraíso.

Ele segurou o queixo de Jolee, ergueu seu rosto e a beijou.

— Oh, Christian — Jolee gemeu. — Não quero esperar... Não quero ir devagar. Quero fazer amor com você. Hoje. Esta noite.

Sabia que haviam decidido ir devagar e se conhecer, mas a proposta de Jolee era irrecusável. Era o eco de sua vontade, a realização de um sonho.

— Tem certeza? — E se fosse só uma decisão impulsiva resultante da paixão?

— Nunca tive mais certeza em toda a minha vida.

— Isso não é muito... devagar.

— Eu sei.

— Não quero que se arrependa depois. Ela riu.

— O fato de estar tentando me convencer a desistir disso só me faz ter mais certeza ainda.

— E isso era tudo o que eu precisava ter feito para convencê-la.'

Ela riu novamente.

— Pode acrescentar um beijo, também.

Ele não esperou que ela repetisse a sugestão. Ardendo de desejo, Christian tomou-a nos braços e beijou-a.

Um gemido de prazer vibrou no peito de Jolee, passando diretamente para o peito dele. Antes que pudesse pensar no que fazia, ele levantou sua camisa, inclinou-se e sugou um mamilo túrgido através do tecido do sutiã.

Jolee quase caiu, tal a intensidade da onda de prazer que a invadiu.

Christian sabia que devia parar. Devia levá-la para o carro, para casa, e fazer amor com ela lá. Mas não tinha certeza de que suportaria esperar tanto. Queria satisfazê-la agora. Precisava sentir seu alívio convulsivo perfumando o ar em torno deles.

Com uma das mãos, ele continuou acariciando um seio, enquanto a outra descia lentamente por seu

corpo e encontrava a barra da saia, levantando-a. Ele a tocou por cima da calcinha preta, afagando-a com mais pressão e arrancando gemidos de seu peito, um som baixo e rouco. Ele a beijou para sufocar os ruídos, não por não gostar deles, mas por sentir outras presenças próximas. Não havia ninguém perto o bastante para poder vê-los, mas por certo poderiam ouvi-los.

Ela correspondeu ao beijo com loucura, introduzindo a língua em sua boca, contorcendo-se como se quisesse aumentar a pressão das mãos que a tocavam. Christian afastou uma parte da calcinha para um lado, encontrando a região sensível. Jolee teria gritado, não fosse a boca sobre a sua. Christian já acariciava descrevendo círculos com um dedo, pressionando o pequeno botão enquanto, com outro dedo, a penetrava, deliciando-se com a sensação.

O polegar descreveu mais alguns círculos em torno da saliência sensível, sentindo o corpo de Jolee comprimir seu dedo, apertando-o, enquanto se contorcia em ondas sucessivas de prazer. Canela e mel perfumavam o ar.

Christian temia explodir também, tal o prazer que sentia com o clímax de Jolee. A ereção ameaçava rasgar a calça, mas ele se obrigou a ignorar a própria necessidade. Queria a satisfação dela mais do que a sua própria.

— Uau... — Ela suspirou, sorridente. — Isso foi... uau!

Christian também sorriu. Precisavam voltar ao *trailer*.

Não queria saber qual dos dois. Só queria fazer amor com Jolee.

Ele a beijou, continuando com a carícia íntima, porém sobre a calcinha. Era como se não conseguisse parar.

— Oh!

A voz feminina atrás dele o fez soltá-la imediatamente. Jolee abaixou a saia. Ele interrompeu o beijo e olhou por cima de um ombro. Havia duas mulheres na entrada do caramanchão, e ambas tinham os olhos muito abertos e o queixo caído.

A mais alta reagiu primeiro:

— Desculpem. Não sabíamos que havia alguém aqui.

A loira mais baixa assentiu, ainda boquiaberta. Nenhuma das duas se movia.

Christian escondia Jolee com a largura dos ombros.

— Boa noite, então — disse, sem se importar com o tom rude.

Jolee estava mortificada. Quanto antes as duas bisbilhoteiras saíssem dali, melhor.

— Boa noite — ele repetiu irritado, e só então as duas entenderam que deviam se retirar.

E afastaram-se apressadas.

Uma delas comentou:

— É inacreditável! Um local público!

— Viu como ela estava vestida? — disse a outra. — Hoje em dia, qualquer uma pode entrar em qualquer lugar!

— Bem, é evidente que ele só queria isso quando a trouxe aqui. E só precisou acabar de jantar para cobrar a conta!

As duas se afastaram rindo.

Christian pensou em segui-las e dizer umas verdades àquelas duas criaturas ridículas, mas isso só causaria um constrangimento ainda maior a Jolee.

— Eu gostaria de ir embora — ela disse.

— Jolee...

— Por favor.

Ele assentiu, segurando a mão dela. Pelo menos uma vez, gostaria de dar a ela um orgasmo sem ter de vê-la desmoronar em seguida.

No carro, Jolee só conseguia pensar na humilhação e no desgosto que sentia. Vira por cima de ombro de Christian as duas mulheres elegantes, de unhas feitas e roupas caras, e reconhecera nelas o mesmo tipo de gente que olhava com desdém para sua família. Mas estava mais aborrecida com ela mesma.

Praticamente implorara por um orgasmo, e num lugar público!

Ela fechou os olhos. Passara a vida toda jurando que nunca se comportaria como a família. Uma família que existia para gratificar os próprios impulsos, sem se importar com as consequências. Mas se deixara acariciar por Christian em um restaurante elegante, no caramanchão à beira do lago, onde qualquer um poderia vê-los.

A descrição do que fizeram era rude, mas verdadeira. E pior era ter de reconhecer que havia gostado. Sim, gostara tanto que nem pensara no ambiente ou na impressão que poderiam causar. Na impressão que ela poderia causar a ele.

— Elas não viram nada.

A voz de Christian só aumentou seu constrangimento, mas ela assentiu. As mulheres viram o suficiente. E haviam falado mais do que o suficiente.

De repente, ele reduziu a velocidade, ligou a seta e parou no acostamento.

— Jolee, olhe para mim — ele exigiu. Ela obedeceu.

— O que está acontecendo?

Não queria falar sobre aquilo agora. Ainda estava envergonhada demais para ter uma conversa franca.

Uma vaga lembrança invadiu sua mente. Uma imagem de sua irmã, Libby Ann, encostada à parede do Chubby's Diner na Route 8, em Sawyersville. Um garoto do lugar, um menino que nunca falara com as pessoas da família Dugan, estava em pé diante dela com a calça abaixada, movendo-se de maneira óbvia. Bem ali, ao lado da lixeira malcheirosa.

A memória a fez sentir náuseas. O que ela acabara de fazer não havia sido muito diferente. A única diferença era que estivera à margem de um lindo lago, não ao lado de uma lixeira de metal.

Mesmo assim, não conseguia olhar para Christian. Um homem que também não teria perdido seu tempo com gente como os Dugan. E como aquele garoto... Jolee não conseguia lembrar o nome dele, mas lembrava nitidamente o som de sua gargalhada quando ele partira com os amigos, deixando Libby Ann encostada àquela parede... Christian também iria embora?

— Podemos ir para casa? — perguntou.

Ele não se moveu por um instante. Depois, ajeitou-se no assento e engatou a marcha do automóvel.

Jolee só queria se trancar no *trailer* e repensar tudo o que estava fazendo.

Christian estava pensando nas palavras daquelas mulheres detestáveis no restaurante. Elas haviam sugerido que ele estava usando Jolee, e era verdade, embora em outro sentido. Usava-a para sentir-se mais humano, e conseguia excelentes resultados. Sentia-se humano de uma maneira que seu "plano" não chegara nem perto de realizar. Encontrava paz no sorriso dela. Redenção em seu toque. Normalidade em seu afeto. E embora tudo isso fosse passageiro, pois sabia que um dia leria de deixá-la, precisava de tudo isso agora. Era egoísta, injusto com ela, mas não podia se afastar de Jolee. Ainda não. E tomaria todas as precauções para garantir que nunca a magoaria. Nunca.

Ele pisou no acelerador, ansioso para chegar ao *trailer*. Lá poderia abraçá-la e apagar toda a angústia de seus olhos. Ele entrou no estacionamento e parou entre seu *trailer* e o dela.

— Quer ir para casa?

Jolee assentiu, e ele seguiu até a porta do *trailer* que ela habitava. Desligou o motor e desceu, mas ela já estava fora do carro antes que pudesse contorná-lo.

— Obrigada pelo jantar — ela murmurou sem encará-lo.

— Não, sou eu que agradeço.

Ela assentiu, ainda de olhos baixos, e começou a caminhar para o *trailer*.

— Boa noite — disse.

Christian segurou sua mão e a deteve. Ela o encarou, finalmente, e a dor em seus olhos o atingiu como um golpe físico.

— Não vamos nos despedir ainda. Não dessa maneira.

Ela hesitou, mas assentiu novamente. Jolee continuou andando para o *trailer*, mas não soltou a mão dele. Christian considerou o gesto como um sinal positivo e experimentou um certo alívio. Não se sentiria relaxado até tê-la nos braços novamente, mas já era um começo.

No interior do *trailer*, ela o soltou e se dirigiu à cozinha.

— Quer um chá? Acho que ainda tenho algum aqui. Não tenho café. Na verdade, não tenho nem um bule para preparar café.

— Jolee, eu não quero nada. Quero que venha até aqui e me escute, só isso.

Ela o fitou por cima de um ombro, depois caminhou de volta à sala. Sem dizer nada, Christian a enlaçou pela cintura e a beijou nos lábios. Ela correspondeu, passando os braços em torno de seu pescoço. O beijo durou alguns instantes. Depois, ele a fitou e perguntou:

— Ficou embaraçada porque aquelas mulheres nos viram, ou está com vergonha do que fizemos?

— Os dois.

— Por quê?

Ela mordeu o lábio, tentando decidir se devia ou não dizer a verdade.

— Jolee, confie em mim. Ela o encarou.

— Por que quer ficar comigo? Não somos do mesmo mundo. O que pode ter visto em mim que não tenha encontrado em nenhuma outra mulher? Você tem classe, cultura, e eu... Eu sou só uma criatura miserável que vai passar o resto da vida num *trailer* velho.

— Não. Está enganada.

— Ah, sim? Preste atenção. Você me levou para jantar em um restaurante elegante e romântico, e eu estou usando saia de brim e chinelo de borracha. E como se não bastasse, ainda o embaracei com meu excesso de... afeto.

— Acha que fiquei embaraçado?

— Deveria.

— De jeito nenhum. Se agiu daquela maneira demonstrando seu afeto por mim, eu não poderia ter me

sentido embaraçado. Eu... adorei!

Ela sorriu, apesar do rubor em seu rosto.

— E também acho que a culpa foi toda minha. Eu a í beijei.

— Mas eu fiz a proposta.

— Hum... Tem razão. Quer retirá-la agora? Jolee riu, mas balançou a cabeça com desânimo.

— Ah, Christian, você ouviu o que aquelas mulheres disseram. Quer mesmo estar com uma pessoa que é tão diferente de você?

— Sim, eu quero — ele respondeu sem nenhuma hesitação, puxando-a contra o peito.

Queria estar com ela justamente por isso. Por ela ser diferente, e por fazê-lo esquecer.

Jolee se sentiu aliviada com a segurança da resposta. Não havia dúvida, vergonha, ou piedade no tom de voz. Apenas afeto e paixão.

— O único problema é que vai acabar com uma péssima reputação, se continuarmos nos amando em lugares públicos — ele disse.

— Sim, acho que devemos abandonar esse hábito — ela concordou, rindo.

— Por que não começamos agora? Estamos em um local privado...

Assim que os lábios se encontraram, o incêndio explodiu. Era um fogo que os consumia, e eles se tocavam com avidez, explorando, descobrindo, provocando.

Jolee o ajudava a despir o paletó e a camisa, que foram imediatamente esquecidos no chão. Ele mesmo havia tirado a gravata pouco antes. Em seguida, foi a vez de a blusa de Jolee se juntar à pilha. Ela o acariciava acompanhando o desenho dos músculos firmes, definidos, e beijava a pele dourada do peito largo e forte. Precisava conter o impulso de mordê-lo. Não queria despertar lembranças desagradáveis. Os dedos acariciavam seu ventre firme e reto, puxando, o cós da calça de maneira sugestiva. Contornando-o, ela se colocou atrás dele e o abraçou, afagando suas costas com o rosto enquanto as mãos buscavam o volume sob o zíper da calça. O ar escapou de seus pulmões num gemido fascinado quando ela o sentiu com intimidade pela primeira vez.

Christian gemeu e virou-se para encará-la. Segurando sua mão, ele a puxou.

— Aonde... vamos? — Jolee gaguejou aturdida.

— Quero você na cama. Agora.

No quarto, ela acendeu a luz e beijou-o. Christian correspondeu de forma ardente, quase selvagem, tão quente que ela se surpreendeu por não sentir as queimaduras onde as mãos a tocavam.

Minutos depois, estava nua, deitada sobre a cama, com Christian reverenciando seu corpo de todas as maneiras, com as mãos, os lábios, a língua e o próprio corpo.

Fascinada, ela o viu descer o zíper devagar, deixando a calça cair no chão. Seus olhos buscaram o volume que, até então, ela apenas sentira. Era uma imagem magnífica de poder e força. A promessa do mais absoluto prazer.

Christian voltou à cama e se deitou sobre ela. Em seguida abaixou-se e deslizou a língua por toda a extensão de seu sexo pulsante e quente.

Jolee gritou, agarrando o edredom e se contorcendo. A língua dele se movia depressa, imitando o ato sexual, e ela sentiu o abdômen se contrair antecipando a explosão.

Christian sentiu no ar o cheiro de mel e canela, e pouco depois provou o sabor de seu clímax. Ela era sacudida por espasmos consecutivos, e a musculatura íntima acariciava sua língua e ameaçava levá-lo à loucura.

Quando as ondas perderam força, Christian a abraçou.

— Uau! — ela disse.

— Isso quer dizer que foi bom?

— Muito!

De repente ele ficou tenso.

— O que foi? — Jolee indagou apreensiva.

— Estou esperando alguma coisa arruinar esse momento. Ela riu.

— Acho que quebramos a maldição.

Talvez, mas ainda havia algo que o enchia de pavor.

Sentia o desejo, mantinha a ereção, mas ainda não havia experimentado a fome. Como isso era possível? Não pensaria nisso agora. Ainda estava cheio de orgulho e alegria por ter lembrado como e onde tocar uma mulher. E estava surpreso, também? De onde havia tirado a idéia de que a cópula humana era básica e sem graça? Após duzentos anos sem fazer amor, vivia agora a experiência mais esplêndida de toda a sua longa existência.

E queria continuar. Queria penetrá-la e sentir seu corpo unido ao dela. Até então, sexo para ele era aquela coisa rápida e febril que praticava com as meretrizes atrás de White Chapel, ou com as criadas que descarregavam o feno de suas carroças perto dos estábulos de sua mansão. Séculos atrás... Por isso Lilah conseguira convencê-lo de que o sexo mortal era tão tolo. Nunca antes vivera um momento como esse.

Ele afagou as costas de Jolee. Se a houvesse conhecido antes, teria se sentido tentado por Lilah? Não. Nem mesmo com seus poderes de vampiro, ela jamais chegaria aos pés da mortal em seus braços.

Deus! Por que não a encontrara antes? O rosto de Rhys passou por sua mente. A dor, o sofrimento... o ódio. Ódio por Christian pelo que fizera a ele. Pelo que fizera com Jane. A mortal que seu irmão amava.

Jolee o encarou com a testa franzida.

— Você está bem?

Não merecia sua preocupação. E não a teria, se ela soubesse a verdade.

Ele tocou seu rosto e sorriu, beijando seus lábios.

— Não me envolvo com um homem há mais de dois anos — ela contou. — Quero que saiba que não sou o tipo de mulher que pula na cama de todos os homens que conhece. Você é... especial.

— Não me deito com uma mulher há mais tempo que isso — ele respondeu com um sorriso triste. — Muito mais tempo.

— Não? — Ela estranhou. — Quando se separou de Lilah?

— Há cerca de seis meses.

— Mas então não... com Lilah...

— Ela não gostava de sexo convencional.

— Do que ela gostava? — Jolee corou violentamente. — Desculpe. Eu não devia ter perguntado.

Precisava falar. Sentia uma intensa necessidade de ser honesto com ela, tanto quanto fosse possível.

— Como já disse, ela preferia a violência. Só demonstrava gentileza quando era necessário para manipular. Ela era muito boa nisso: manipulação e controle. E gostava de encontrar alívio para suas necessidades físicas usando a violência. Minha gratificação era somente agradá-la..

— E você se sentia satisfeito?

— Nem sempre.

— Pobrezinho... — Ela o beijou no pescoço. — E agora eu não sou muito melhor que ela. Não usei de violência, mas também não o satisfiz.

— Ah, sim, você me deu muita satisfação. Mais do que pode imaginar

— Mas quero lhe dar mais. Muito mais... — A mão que descansava em seu peito desceu lentamente, passando pelo ventre até alcançar a linha dos pelos acima do membro ereto. O toque o fez pulsar com ansiedade.

Ela se ergueu sobre um cotovelo e beijou seu peito.

— Agora é minha vez — disse, lambendo um mamilo.

— Quer brincar?

Ela assentiu, deslizando um dedo por toda a extensão de seu membro. Christian gemeu.

— Você é quente — Jolee comentou num tom malicioso e provocante. — E enorme... — Os dedos envolveram o membro pulsante, e ela começou a acariciá-lo com lentidão desesperadora.

Ele fechou os olhos. Aquilo era muito bom. Não queria nem pensar em como seria penetrá-la realmente.

— Não entendo como ela podia não sentir vontade de tocá-lo.

Christian precisou de alguns segundos para entender de quem ela estava falando. Duzentos anos de obsessão, e Jolee apagava tudo com um toque de seus dedos.

Sem deixar de acariciá-lo, ela se inclinou para beijá-lo no peito e no ventre, descrevendo pequenos movimentos com a língua quente e úmida. Os lábios carnudos estavam cada vez mais próximos de sua ereção.

Ele gemeu de novo.

A língua rosada lambeu a ponta do membro pulsante. Os lábios se entreabriram.

Ela sorriu, lambendo toda a extensão do pênis ereto. Dessa vez, lambeu a ponta em círculos como se saboreasse um sorvete. E gemeu como se aprovasse o sabor.

Christian sentia que não podia mais se conter.

Quando ela abriu a boca para envolver toda a extensão de seu membro com os lábios, ele sentiu que estava a um passo da poderosa explosão. Não queria desistir daquele prazer fantástico, mas não queria chegar ao clímax sem penetrá-la. Por isso ele a segurou pelos ombros e a puxou para cima, deitando-a no colchão estreito. Então, sem esperar por mais nada, ele se colocou entre suas pernas e aproximou o membro de sua fenda úmida e pulsante. E esperou. Um vampiro não podia penetrar uma mortal sem ser convidado.

— Jolee, convide-me a penetrá-la — ele pediu, friccionando o membro contra sua intimidade.

— Christian... por favor... penetre-me agora!

Ele se moveu sobre ela. Havia esperado muito tempo para estar dentro de Jolee, e não se contentaria com menos do que isso.

Christian moveu Jolee de cima de seu peito. Ela dormia profundamente, e apesar da vontade de ficar ali para sempre, precisava tomar algumas providências. Podia ter perdido a capacidade de morder, mas ainda era um vampiro. Logo o sol estaria nascendo. Ele fechou as cortinas pesadas, satisfeito por ver que seriam suficientes para impedir a entrada da luz, se não totalmente, ao menos em parte.

Porém, para estar seguro, por completo, teria de voltar para o próprio *trailer*. Mas queria ficar com ela. Queria continuar ali no quarto modesto, entre as roupas de cama de estampas de morango e laços. Ele a cobriu com o edredom gracioso e foi andar pelo *trailer*. Queria ver mais coisas, saber mais sobre ela.

O primeiro lugar que Christian visitou foi o banheiro. No armário havia uma escova dental e um tubo de pasta quase no fim. Branqueador com bicarbonato de sódio. E um vidro de esmalte para unhas da cor que ela tinha nos pés. Havia também alguns cosméticos, uma escova de cabelo, e desodorante, que ele abriu e cheirou. Reconhecia a fragrância floral, embora ela sempre se perdesse sob o cheiro natural de mel e canela.

No chuveiro havia apenas um sabonete e um frasco de xampu quase vazio. Nada de óleos ou loções. Nenhum perfume. Nenhum produto de beleza mais sofisticado. Não que ela precisasse deles, mas sabia o suficiente sobre as mulheres para ter certeza de que, de vez em quando, elas apreciavam esse tipo de futilidade. Mulheres mortais e vampiras não eram diferentes nesse ponto.

Ele foi até a cozinha para examinar o conteúdo dos armários. Com exceção de uma caixa contendo alguma coisa chamada Tastee O's!, alguns pacotes de macarrão, latas de sopa e sacos de chá, as prateleiras eram tão vazias quanto as dele. E o refrigerador não era diferente. Por isso ela estava tão magra. Faria compras para abastecer o *trailer*, mesmo sabendo que teria de enfrentar uma briga feroz, considerando que Jolee era independente e orgulhosa. Mas ela teria de aceitar sua ajuda. Já havia decidido cuidar dela.

E ela precisava de móveis, também. Redigindo uma lista mental de tudo o que era necessário ali, Christian voltou ao quarto. Ela continuava na mesma posição em que a deixara. Não havia no dormitório nada de pessoal. Apenas um rádio velho sobre a cômoda, um despertador e um abajur sobre um caixote que servia de criado-mudo.

Materialmente, ele já possuía tudo de que podia precisar. Uma vida de luxo! Mas nada jamais havia sido tão perfeito quanto aquele quarto simples. Não precisava de nada além de Jolee, mas queria dar tudo a ela.

Capítulo IV

— Por que está tão sorridente? — Jed perguntou ao vê-la cantarolar enquanto arrumava uma bandeja com drinques.

— Como assim? — Jolee fingiu não entender.

— Já sei por que tanta alegria. Onde está o bonitão?

Em sua cama! Mas isso era algo que não ia revelar.

— Ele virá mais tarde.

Jolee deixou Jed levar as cervejas. Para uma noite de segunda-feira, o bar estava relativamente movimentado. Como sempre, havia um grupo jogando bilhar e várias mesas estavam ocupadas.

Ela se aproximou de uma delas, cujos clientes já haviam partido. Depois de guardar a generosa gorjeta no bolso do avental, Jolee recolheu os copos vazios e, enquanto trabalhava, ouviu a porta sendo aberta e fechada. Segundos depois, ela sentiu uma presença atrás dela.

Sorrindo como uma colegial apaixonada, ela virou certa de que veria o rosto lindo de Christian, mas não era ele.

Era Vance.

Ele parecia melhor do que na última vez em que o vira, mas ainda não era a imagem da saúde. Estava pálido como sempre, e os círculos escuros em torno de seus olhos realçavam a palidez e a magreza esquelética.

— Oi, mana. — Ele sempre a chamava de mana quando se sentia contrito. Pelo menos não teria de se preocupar com outro ataque. Esta noite ele nem estava armado. — Escute, eu lamento muito sobre aquela noite.

Ela assentiu, mas continuou limpando a mesa. Era bom saber que seu irmão não estava alto, nem em síndrome de abstinência, mas não estava interessada em desculpas vazias. Já ouvira muitas para acreditar nelas.

Jolee levou a bandeja ao balcão, e só então voltou a olhar para o irmão.

— Não tenho dinheiro — ela disse. Vance olhou em volta.

— Parece que os negócios vão bem.

— Tudo bem. Eu não vou lhe dar dinheiro. Não daria mesmo que tivesse. Você precisa de ajuda.

Vance havia sido uma criança linda. Agora era um jovem magro, sujo e desprovido de encantos. Apesar de tudo, Jolee sentia amor por ele. Mesmo depois de todas as coisas horríveis que ele fizera contra ela. Queria muito que ele desse certo em alguma coisa. Na verdade, queria o melhor para todos os irmãos. Gostava deles.

— Encontrei com Mark — Vance contou. — Ele disse que havia estado aqui para uma visita.

— Foi isso o que ele contou?

— Mark disse que você tem um novo namorado. E que o cara parece ter dinheiro.

Jolee não respondeu.

— Você precisa me ajudar — Vance começou com a velha ladainha. — Duzentas pratas, e não volto mais para incomodar ninguém.

Não tinha duzentas pratas. E se tivesse, não daria nem um único centavo a Vance.

— Não.

— Seu novo namorado pode me dar essa grana.

Então, era esse o plano?

— Não.

Christian entrou no bar. E reconheceu Vance imediatamente. E se aproximou com passos determinados e expressão ameaçadora.

Vance o viu.

— Seu namorado é aquele cara da outra noite? — Ele não parecia muito satisfeito com a constatação.

— Algum problema? — Christian perguntou parando ao lado dela.

Vance recuou um passo.

— Não, tudo bem. Vance já estava se despedindo.

O rapaz hesitou, mas se virou para sair. Porém, antes de passar pela porta, ele olhou para trás. Jolee se espantou com a intensidade do ódio que viu naquele olhar. Era triste constatar que nunca

tivera um irmão de verdade em Vance. Ele estava destruído além de qualquer possibilidade de reparação. Havia sido dominado pelas drogas.

— Tem certeza de que está bem? — Christian perguntou preocupado.

Ela assentiu, vendo Vance sair e fechar a porta.

— Só preciso me conformar por saber que nunca vou ter uma família de verdade — ela suspirou. — Mas é bom saber que tenho você.

Christian fechou os olhos enquanto ela enlaçava sua cintura. A culpa era uma emoção dolorosa.

Mesmo assim, ele respondeu afagando seu braço.

— E isso mesmo.

— Comprou os preservativos? Ele suspirou.

— Você ficou com o carro.

— Ah, é! E só arranhei a marcha duas vezes.

— Não tem importância. Pode destruir a caixa de câmbio, se quiser. Só faço questão de dirigir hoje à noite porque ainda vamos ter de comprar preservativos.

— E por isso tem de dirigir?

— Sou mais rápido.

Ela riu e o beijou nos lábios. Se um dos clientes não houvesse pedido mais uma cerveja, Christian teria prolongado o beijo. Mas ele a soltou e foi atender o freguês sedento.

— Ao trabalho!

— Ei, quem é o chefe aqui? — ela brincou.

— Você.

Sorrindo, ela se virou e caminhou devagar até o balcão, sabendo que ele observava o movimento de seus quadris.

Christian sufocou um gemido. Ah, então ela era a chefe?

Ele se dirigiu ao balcão, e foi nesse momento que notou o olhar satisfeito de Jed.

— Tudo bem, você estava certo — disse ao passar pelo homem.

Jed riu com evidente satisfação.

— Aonde vamos? — Jolee estranhou, notando que passavam direto pela drogaria vinte e quatro horas.

— Preciso dar uma passada no SuperBiggie. Christian queria ir ao hipermercado?

— Para quê? — ela indagou. — Não precisa de um hipermercado para comprar preservativos.

— Não, mas preciso de comida. E de... algumas outras coisas.

Comida e outras coisas? Àquela hora da noite? Quando podiam ir para casa e fazer coisas muito mais interessantes? Jolee deixou escapar um suspiro frustrado.

— Qual é o problema?

— Nenhum — ela disse, sabendo que não soava muito convincente.

O estacionamento estava cheio. Christian encontrou uma vaga e desligou o motor.

— Tem certeza de que está tudo bem?

Ela assentiu. A noite havia sido ótima, apesar da visita de Vance. E tudo por causa de Christian.

Podia esperar mais um pouco para fazer amor com esse homem. Estava agindo como uma menina mimada e impaciente. Havia notado que ele não tinha nenhuma comida em casa. E se passava o dia na cama, com ela, e as noites no bar... Bem, em algum momento ele precisava fazer compras.

— Sim, está tudo bem. Só estou ansiosa para ficarmos sozinhos.

— Eu também — ele sorriu. — Prometo que vai ser rápido.

Era o que ela esperava.

Uma vez no interior do edifício, eles seguiram para a seção dos alimentos. Christian parava de vez em quando, pegava uma embalagem, lia o rótulo, e franzia a testa como se nunca houvesse visto nada parecido antes.

— Já comeu isso? Pop-Tarts?

— É claro que sim — ela respondeu.

Quem não conhecia Pop-Tarts? Ele. Um sujeito que devia comer caviar no café da manhã antes de se mudar para o *trailer*. Ela pegou uma caixa de barras de cereal e leu o rótulo sem grande interesse. E devolveu a embalagem à prateleira. Depois seguiu em frente, notando que Christian pegava a caixa e a jogava no carrinho. Ele hesitou, mas acabou pegando mais uma.

— Quer alguma coisa? — ele perguntou finalmente, soando miserável e confuso.

— Preservativos.

— Você é uma mulher obcecada — Christian riu. Como se ela já não soubesse.

Depois de uma eternidade escolhendo comida e enchendo o carrinho, eles então se dirigiram à seção de farmácia.

Mas, em vez de ir primeiro à prateleira dos contraceptivos, ele passou antes pelo corredor dos xampus e sabonetes. Jolce esperou enquanto ele estudava cada embalagem e lia todos os rótulos, refletindo. Finalmente, ele escolheu um xampu cor-de-rosa com flores na embalagem. E condicionador da mesma marca, e sabonete líquido lilás. E hidratante cor de pêssego.

Mas que diabo...?

Bem, não tinha o direito de questionar suas escolhas.

Enfim, estavam chegando na prateleira dos preservativos e, mais uma vez, ele parou intrigado diante da ampla variedade de ofertas. Estava tão confuso quanto na seção dos alimentos industrializados.

— Tem algum favorito? — ele perguntou.

— Não, mas se tivesse, não faria diferença. Para você, a alternativa é única. Grande.

Ela pegou uma embalagem com um selo de "Maximum" e a pôs na mão dele.

— Tamanho superior para um homem superior? — ele leu com ar arrogante.

Até seu tom debochado era sensual. Christian pegou mais algumas caixas, jogando-as no carrinho já cheio.

Jolee pegou duas delas.

— Eu pago por estas — disse.

— Não.

Christian tentou pegar as caixas de volta, mas ela as segurou sobre a cabeça, o que era ridículo, considerando que era vários centímetros mais alto.

— É justo que eu pague por parte deles. Afinal, vou ajudar a consumir.

Ele não conteve o riso.

— Tudo bem, mas só porque sei que vai discutir até ficar sem voz, e tenho outros planos para

nós.

— Ótimo, porque já estou pensando em pular em cima de você aqui mesmo, no corredor número onze.

— Espere só mais um pouco, depois vai poder pular em cima de mim o quanto quiser.

A promessa sedutora a fez suspirar. Jamais desejara um homem com esse mesmo ardor.

Porém, o Sr. Comprador seguia agora para a seção de móveis e utensílios domésticos, onde examinava as ofertas de criado-mudo. Ela pensava que talvez a atração de Christian por ela não fosse tão intensa. Porque, francamente, o móvel ao lado da cama não tinha a menor importância para ela.

Enquanto ele continuava analisando os móveis, ela foi até a seção de roupas femininas. Uma saia vermelha de bolinhas brancas chamou sua atenção, e ela pegou o cabide para examinar melhor o tecido acetinado. Quando a devolveu ao lugar, ela foi dar uma olhada em outras peças, algumas bem interessantes, outras, nem tanto. Uma saia azul com estampa floral e corte evasê, outra lilás com estampas geométricas brancas, e até tops que ficariam perfeitos com elas.

— Gostou de alguma coisa?

Ela se virou com um vestido na mão. Gostava do corte reto e das bolinhas coloridas sobre o fundo preto.

— Um dia. — Ela riu. — Quando o bar começar a dar lucro.

Ele assentiu, e os dois seguiram juntos para o caixa.

— Droga! — ele exclamou apalpando os bolsos. — Esqueci minha carteira no carro. Deve estar no porta-luvas.

— Quer que eu vá buscar? — ela se ofereceu.

— Você se incomodaria?

— De jeito nenhum. — Só não sabia quando ele havia guardado a carteira no porta-luvas. Levara o carro para o bar ao sair, e ele ficara dormindo. E não se lembrava de Christian ter pedido as chaves ou saído do bar para ir guardar a carteira. Mas ele parecia ter certeza do que dizia. Talvez houvesse deixado a carteira no carro na noite anterior.

Ela passou pelo caixa, mas parou ao ouvir Christian chamá-la. Ele olhava para as caixas de preservativos em sua mão. Ela jogou as duas caixas no carrinho.

— Eu vou pagar por elas — insistiu.

— Eu sei. Ah, e dê uma olhada embaixo do banco, se não achar no porta-luvas. Tenho certeza

de que a carteira está no carro.

Ela passou pelas portas automáticas na frente da loja. Christian parecia mais confuso que nunca esta noite. Precisava fazê-lo comer um pouco da incrível quantidade de comida que ele havia comprado. Hipoglicemia podia causar confusão.

Christian esperou ela sair e voltou correndo à seção de roupas femininas. Apressado, ele ia cheirando as peças, escolhendo aquelas nas quais o cheiro de canela e mel havia ficado mais forte. Não entendia a numeração, mas podia imaginar quais ficariam bem nela. Ele as pôs no carrinho, e seguiu para o caixa mais afastado daquele onde ela o deixara ao sair.

Felizmente, a funcionária era rápida. Ele passou primeiro os preservativos e as roupas, e quando Jolee retornou, tudo havia sido embalado e colocado no carrinho sob outros itens.

— Não encontrei nada — ela disse constrangida, notando que Christian já havia registrado boa parte das compras.

— Ah, me desculpe! Eu encontrei...

— Onde?

— Estava no meu bolso. Não sei como não senti!

Ela o estudou preocupada, mas não disse nada. Depois de vê-lo lendo rótulos pela loja, Jolee devia estar pensando que ele era um lunático. Mas a culpa era dela! Se o ajudasse, se dissesse de quais comidas gostava, tudo teria sido bem mais simples.

— Seu total é 476,86 dólares — a caixa anunciou, sem demonstrar surpresa com o valor alto da compra.

Ele entregou a ela um cartão de crédito.

— Quando você decide fazer compras, você compra mesmo — comentou Jolee.

— Só o que é necessário.

— É claro.

Ele assinou a nota, pegou o recibo, e empurrou o carrinho cheio para a saída. Agora viria a parte mais difícil: convencer Jolee a aceitar os presentes.

— Não devíamos levar tudo isso para a sua casa? — ela perguntou quando Christian parou o carro diante do seu *trailer*.

— Ah, eu... pensei em deixar um pouco da comida aqui, se não se importa.

Ela sorriu como se a idéia a encantasse. Talvez não fosse tão difícil fazê-la aceitar as compras,

afinal. Eles começaram a levar as sacolas para dentro, colocando tudo no chão da cozinha.

— O que quer deixar aqui? — ela perguntou, pegando duas sacolas e colocando sobre o balcão.

Christian não respondeu. Em vez disso, ele a empurrou contra o balcão e apoiou as duas mãos nele, imobilizando-a e beijando seu pescoço.

Ela inclinou a cabeça para aumentar a área de acesso.

— Passei a noite toda sonhando com isso — Christian murmurou, lambendo a área sensível sob uma orelha.

Ela estremeceu.

— Não parecia muito interessado, Sr. Comprador.

— Sentiu-se negligenciada?

— Talvez um pouco.

— Precisamos dar um jeito nisso. — Ele levantou sua camiseta, acariciando seu ventre a caminho dos seios. Jolee girou em seus braços, pressionando os glúteos contra sua ereção. Ele a beijava na nuca enquanto abria o botão e o zíper de sua calça jeans, beijando suas costas até quase alcançar o elástico da calcinha.

Jolee gemia. Ele a despiu da cintura para baixo. Mais uma vez, se surpreendia como o desejo por esta mulher podia ser mais forte dó que sua fome por sangue. E, definitivamente, mais incontrolável.

Com a língua, ele a penetrou e estimulou, depositando beijos profundos e atrevidos em cada parte de sua feminilidade.

Jolee gemia e gritava, agarrando-se ao balcão para não cair. Ele segurava seu quadril, inclinando o tronco delicado para a frente enquanto a saboreava. A fome não o dominava mais. Agora era controlado pela paixão por Jolee. E precisava saciar seu desejo por ela, ou acabaria maluco.

Ele lambeu seu ponto mais sensível, sentindo a pequena tumescência pulsar sob sua língua. Cada lambida a levava mais perto do clímax. Os gemidos se tornaram mais altos, mais frenéticos. Até que ele sentiu o sabor de seu leite. Mel e canela. Delicioso. Provocante.

Depois da última onda do clímax, ele se levantou para apreciar a bela visão de Jolee seminua e saciada. Apoiada sobre o balcão, ainda com as pernas abertas, ela arfava e sorria. Queria penetrá-la assim, sem preâmbulos. Selvagem. Primitivo. Mas não desta vez. Nessa primeira vez, queria ver seu rosto enquanto a penetrava. Queria registrar na mente cada detalhe do corpo que o recebia.

A ereção pulsante exigia que agisse depressa, antes que fosse tarde demais.

Jolee precisava fazer amor com esse homem. Ele a puxava para o quarto, mas, antes, precisava pegar os preservativos na sacola.

— Só um minuto — ela pediu, abaixando-se perto de uma das sacolas.

A caixa de preservativos estava logo ali, bem em cima... de um tecido preto com bolinhas coloridas? Ela puxou o estranho objeto de dentro da sacola.

— O que é isto?

Ele respondeu à pergunta direta com a explicação óbvia.

— O vestido que você estava admirando.

Ela pegou a sacola e examinou tudo o que havia nela, cada vez mais incrédula com suas descobertas. Eram peças e mais peças de roupa!

— Christian, não devia ter feito isso.

— Mas eu quis. — Ele encolheu os ombros como se a compra não fosse grande coisa.

— Não posso aceitar essas coisas.

— Sabe, o fato de estar em pé no meio da sua cozinha, nua da cintura para baixo, discutindo comigo, devia ser muito engraçado. Mas não estou me divertindo. Na verdade, estou um pouco irritado, porque podíamos estar na cama fazendo amor. Você pode aceitar as roupas. E vai ficar com elas.

Agora ele adotava um tom autoritário, e o que antes a teria enfurecido, agora a excitava. Devia estar perdendo a razão.

— Mas isso é... demais! Não quero que gaste todo esse dinheiro comigo.

— Eu sei que não quer. Mas eu quero. Quero cuidar de você. Quero lhe dar coisas que vão fazer você feliz. Eu sabia que ia discutir comigo, porque quer provar que não precisa de ajuda, mas isso não é ajuda. São presentes.

Presentes. Christian queria agradá-la, ser gentil, e ela nem agradecia! E tudo porque cada presente que recebera em sua vida viera com um preço associado. Condições. Mas ele era diferente.

— Obrigada — Jolee disse tímida. — Adorei tudo isso. — E amava Christian.

Ela perdeu o ar. Era verdade. Um fato simples, claro, e imutável. Amava esse homem.

— Mas é demais — ela acrescentou. — Como eram excessivos os sentimentos que acabara de

reconhecer. Tudo nele era demais. Perfeito. Maravilhoso. E não queria que isso acabasse.

Era assustador.

Então, ele sorriu, e Jolee compreendeu que era tarde demais para preocupar-se. Amava-o.

— As roupas não são nada comparadas ao que tem feito por mim.

— Eu? — ela estranhou. — O que foi que eu fiz por você?

— Você me deu paz.

Foi como se o coração dela parasse de bater por um instante. Não sabia a que Christian se referia, mas sabia que paz era algo que ele devia valorizar. O que Lilah havia feito com ele?

— Agora venha. Ele abriu os braços.

Jolee deixou as sacolas no balcão e mergulhou naquele abraço, beijando-o com ternura e paixão.

— Adorei as roupas. São lindas!

— Você vai torná-las ainda mais lindas — ele murmurou. — Mesmo assim, nada é mais lindo do que você assim... nua.

Ela riu.

— Você é terrível!

— E estou terrivelmente excitado. Não me faça esperar mais, Jolee. Por favor!

Ela segurou a mão dele e o levou para o quarto. Depois de jogar sobre a cama a caixa de preservativos, ela começou a despi-lo. Christian estava excitado demais para esperar, e a ajudou tirando a camisa e abrindo a calça, enquanto ela beijava seu peito e sugava um mamilo.

Em pouco tempo, os dois estavam nus na cama, trocando carícias ardentes e ousadas.

— Nunca imaginei que houvesse homens como você — ela sussurrou. — E é fantástico saber que é meu!

A declaração o enchia de alegria, mas também o inquietava. Não podia dizer que não havia realmente muitos homens como ele. Não podia explicar que, na verdade, nem era um homem. Se soubesse, ela ainda ia querer ficar com ele? Ou, depois de ter crescido em uma família confusa e num meio disfuncional, ela preferia homens comuns e simples?

— Quero sentir você dentro de mim — ela pediu. Christian não podia mais se conter. Grunhindo como um animal que persegue a presa, ele a colocou no centro da cama e posicionou-se

entre suas pernas.

— Mal posso esperar para sentir você por inteiro — ele confessou.

— Não espere. Eu também não quero... — Ela parou para respirar profundamente ao sentir o início da penetração. — Também não quero esperar.

Christian parou apenas para pegar a caixa de preservativos que ela havia deixado sobre a cama, ao alcance de suas mãos.

— Eu posso? — ela pediu ao vê-lo abrir uma embalagem individual.

Christian quase suspirou aliviado. Não teria mesmo adivinhado o que fazer com aquilo. Jamais vira um preservativo. Não tivera motivos para usá-los.

— Deite-se — ela disse.

Depois, segurando seu membro com uma das mãos, encostou o preservativo na extremidade de sua ereção e começou a desenrolá-lo, usando movimentos lentos e muito sedutores.

Por um momento, ele imaginou que Jolee já devia ter colocado preservativos em muitos outros homens, mas logo baniou o pensamento para o fundo da mente. Ele seria o último. Ela nunca mais faria amor com outro homem. Não sabia como isso seria possível, e nem tinha tempo para pensar nisso agora, porque Jolee havia terminado de ajustar o preservativo, e finalmente podia possuí-la. Ele a segurou pelos ombros e a colocou sobre seu corpo. Jolee se moveu provocante, sorrindo para ele.

Incapaz de conter-se, ele girou o corpo, colocando-a de costas sobre o colchão, e a beijou com ardor.

— Não posso esperar...

— Nem eu — ela respondeu num gemido. Lentamente, ele a penetrou sentindo a sua intimidade úmida e tensa envolvê-lo.

— Oh, sim... sim... — Jolee gemia de olhos fechados.

Ele começou a se mover. Jamais sentira nada tão bom antes. Jolee era quente, úmida, pulsante. E inclinava o corpo como se quisesse tragá-lo.

Pairava no ar a doce fragrância de mel e canela. Ela se movia, acompanhando-o naquela dança de paixão e desejo.

Christian beijou-a, saboreando o calor dos lábios carnudos. Jolee gemeu e segurou seu rosto entre as mãos, introduzindo a língua em sua boca. As pernas envolviam sua cintura.

Era impossível continuar adiando o inevitável. Precisava de alívio para o doce tormento que ameaçava sua sanidade. Ele acelerou o ritmo dos movimentos. Jolee o acompanhou. As unhas

estavam cravadas em seus ombros, o hálito quente acariciava seu pescoço, e ele mergulhava profundamente naquele caleidoscópio de sensações.

— Christian! — ela gritou, tão febril quanto ele. — Oh, meu Deus! — Ela se contorcia, a cabeça virando de um lado para o outro, os cabelos vermelhos emoldurando o rosto corado e suado.

O clímax era iminente.

Ele introduziu uma das mãos entre seu corpo e o dela. Com as pernas naquela posição, ela praticamente se desnudava para a carícia íntima. Ele tocou o botão sensível e túrgido com um dedo.

Jolee gritou. Ele se moveu. Uma onda de canela e mel invadiu seu olfato. Mais uma carícia, mais um movimento, mais uma onda da fragrância sensual de excitação e desejo.

Jolee explodiu num orgasmo violento. O néctar do prazer o envolveu por completo, e ele não conseguiu mais se conter. Seu néctar também fluiu, seu corpo se retesou, e ele gritou. Nada jamais havia sido tão perfeito. Esse era o único paraíso que ele jamais conheceria.

— Nunca imaginei que pudesse ser assim — Jolee comentou mais tarde, deitada sobre o peito de Christian.

— Nem eu — confessou, apertando-a entre os braços.

Jolee havia conhecido um prazer intenso com ele antes, mas nada se comparava a ter o homem penetrando seu corpo. Havia sido...

— Perfeito. — Ele suspirou.

Sim, essa era a única palavra capaz de descrever o que sentiram juntos.

— Nunca senti nada parecido — ela revelou.

— E por acaso tem uma vasta experiência?

— Não muita — ela reconheceu com um sorriso acanhado. — Foram apenas três homens. Dois deles com quem estive durante algum tempo. Um foi um engano estúpido antes de eu decidir que não queria ser como minha irmã.

— Mark foi um deles?

— Não. Por isso ele é tão amargo comigo. Considerando a reputação de minha irmã, deve ter imaginado que eu também seria uma conquista fácil.

Christian afagava os cabelos sedosos e vermelhos, mas evitava encará-la. Temia revelar seus sentimentos naquele momento.

— Algum desses homens a tratou como você merecia?

— Nenhum deles me tratou como você. Como se eu fosse especial.

— Você é especial. É a mulher mais extraordinária que eu já conheci.

— Mais do que Lilah?

— Muito mais. Você é generosa, doce, inteligente, divertida. E muito sexy.

Ela riu satisfeita.

Dessa vez, ele se inclinou para roubar um beijo. Mas, apesar da descrição lisonjeira de sua personalidade, Jolee teve de perguntar:

— Como era Lilah? Quero dizer, quando a conheceu?

— Ela era linda. Dona de uma beleza incomparável.

Jolee sentiu o coração apertado. O que esperava? Sabia que a mulher devia ser estonteante, ou não teria capturado o coração de Christian daquela maneira tão absoluta.

— Ela tinha cabelos longos e loiros, e olhos azuis bem claros.

— Como os seus?

Ele franziu a testa, como se nunca houvesse notado a cor dos próprios olhos.

— Sim, acho que sim.

— Era alta ou baixa?

— Muito pequena.

Jolee escondeu as pernas longas sob o edredom com estampa da Moranguinho.

— E cheia de curvas.

Ela tentou não olhar para os seios pequenos, felizmente escondidos sob as cobertas.

— Ela sabia que era linda, e usava a beleza em proveito próprio. Controlava os homens com um bater de pestanas, mas eu me recusei a ver o que era óbvio, certo de que era devotada a mim como eu era dedicado inteiramente a ela.

Jolee detestava essa mulher cada vez mais. Linda, manipuladora, e cruel.

— Ela apenas gostava de provar que podia ter outros homens? Ou ela realmente... os tinha?

— Oh, ela os tinha. — Christian sorriu com frieza.

O desgosto a invadiu como uma onda amarga. Como Lilah podia ter tido outros homens, se Christian se dedicara a ela por completo? Era impossível de entender.

— Ela teve até meu irmão.

— O quê? Seu irmão? Então... Por isso se afastou de sua família?

— Não. No início, sim, mas não agora. Agora percebo que tudo o que Rhys tentava fazer era me mostrar que tipo de mulher era Lilah.

— Rhys? Esse é o nome de seu irmão?

— Sim, eu tenho dois. Rhys e Sebastian. Minha única família. Rhys é mais velho que eu, e Sebastian é o caçula. Os dois moram em Nova York.

— E eles sabem que você não está mais com Lilah?

— Sim, eles sabem.

— Então, por que não se perdoam e esquecem esse passado tão amargo?

Ele riu, um som amargurado que era uma paródia de uma risada verdadeira.

— Não creio que algum dia eles possam me perdoar.

— Por que não?

Ele balançou a cabeça e respirou fundo.

— Jolee, não quero falar sobre isso. Quero apenas abraçar você. — Ele se inclinou para beijá-la, dessa vez com mais voracidade que antes.

O beijo era excitante, sedutor, e ela correspondeu.

Christian deslizou a mão por seu corpo, encontrando a área entre suas pernas. De repente, Lilah e seus irmãos não tinham mais nenhuma importância. Tudo o que podia pensar era nesse homem lindo e maravilhoso fazendo amor com ela.

Christian olhava para o rosto adormecido de Jolee. Logo o dia chegaria e o forçaria a dormir, também. Mas, por enquanto, podia apreciar sua beleza.

Jolee dormia tranqüila, sem saber que estava aninhada nos braços de um monstro. Ele mesmo havia esquecido esse fato, até ela começar a fazer perguntas sobre seus irmãos. Então, o passado retornara com todos os detalhes.

Como pudera esquecer? Como conseguia encontrar a paz, se Rhys ainda sofria? Apesar da decisão de ajudar essa mortal, apesar do plano para voltar a ser humano, ainda era um monstro. Egocêntrico, egoísta, sem coração.

Não, talvez não inteiramente sem coração. Finalmente compreendera a monstruosidade que praticara com Rhys. Compreendia com profundidade a dor que devia atormentar seu irmão agora.

Houve um tempo em que pensara já ter compreendido todo esse sofrimento. O tempo em que pensara que Rhys o fizera sofrer por ter estado com Lilah. E alimentara a raiva por quase dois séculos. Mas bastara uma mordida, uma mordida com a intenção de matar, e percebera que sua fúria era totalmente injustificada. Sentira o amor no sangue de Jane quando a matara. Amor por Rhys. E finalmente entendera. Compreendera que seu amor por Lilah não era mais que obsessão, um sentimento doentio que desvirtuara suas crenças e destruíra qualquer chance de felicidade. E agora ele destruíra as chances do irmão, também.

Mas nem aquela mordida e toda a horrível compreensão que o seguira haviam dado a total magnitude da perda de seu irmão. Havia sido necessário ter nos braços uma doce mortal adormecida. Jolee o fizera entender.

Ele a estudou novamente, embevecido com sua beleza. Uma mortal. A criatura que ele mais desdenhara. E ela havia mostrado todas as coisas que ele não pudera ver por si mesmo, vampiro poderoso que fora um dia.

Ela mostrara amizade, generosidade, paixão e amor. Podia sentir o amor dessa mulher aquecendo seu corpo como o calor de uma fogueira. Sentia-se protegido quando ela o abraçava.

Jolee era a perfeição. Perfeição verdadeira, não a perfeição fabricada que um dia idolatrara em Lilah. Jolee era tudo o que Lilah nunca fora. E ele não merecia estar ali com ela.

Não, não era um ser sem coração. Tinha sentimentos profundos e envolventes por essa mulher. Essa mortal. A criatura que ele jamais imaginara que poderia amar. Mas esses sentimentos não o aqueciam por dentro. Não, só faziam com que se sentisse ainda mais desgosto com a própria vida. Com o que era. Porque agora entendia o que o irmão devia ter sentido por sua mortal. Por Jane.

Como poderia ter essa mulher, sabendo que seu irmão perdera a dele? Não podia. Não merecia Jolee. Mesmo sabendo que precisava dela, teria de desistir dela.

A dor o inundou. Oh, sim, ainda tinha um coração.

Jolee se virou e aninhou-se no peito de Christian. Odiava sair da cama, mas precisava se arrumar para ir trabalhar.

Esperava uma encomenda para aquela tarde, e precisava estar no bar para recebê-la. O rabugento entregador de cerveja ficaria ainda mais irritado se ela se atrasasse.

Ela se levantou com cuidado, tentando não acordar Christian. Depois de pegar uma calcinha

limpa na gaveta da cômoda, ela foi buscar a velha calça jeans, mas parou no meio do caminho. Tinha roupas novas. As sacolas ainda estavam na cozinha.

— Oh, não! A comida!

Ela correu e começou a vasculhar as sacolas, procurando pelos itens que precisavam de refrigeração. Algumas coisas como salsinhas, hambúrgueres, e uma embalagem com salada de batatas pareciam suspeitas, e ela as jogou fora. Mas, na maioria, tudo podia ser salvo. Ela guardou latas e mantimentos nos armários, e frutas e verduras na geladeira. O velho refrigerador nunca estivera tão cheio.

Havia ainda uma sacola no chão, além daquela com as roupas. Era os objetos de higiene pessoal. Ao examinar as embalagens, ela deduziu que Christian havia comprado aqueles produtos para ela. Como todas as outras coisas. Tudo, inclusive a comida.

Por isso passara o todo tempo perguntando se ela gostava disso e daquilo. E por isso estava tão agitado. Ele havia ido fazer compras para ela. Como não amar esse homem?

Emocionada, Jolee se dirigiu ao banheiro levando seus novos tesouros. Amava Christian. Estava completamente apaixonada por seu cavaleiro castigado. E sabia que podia curá-lo. Podia torná-lo inteiro outra vez.

Às vezes as melhores idéias surgem das coisas mais simples. Jolee olhou para o velho aparelho de telefone na parede do escritório. O modelo de disco acabara de tocar. Era uma mulher perguntando se o karaokê ia funcionar naquela noite. E se o rapaz loiro e alto serviria às mesas.

Jolee respondeu "sim" para as duas perguntas, sem se irritar com o evidente interesse da mulher por Christian. Não podia culpar as clientes por se encantarem com sua beleza. Ele era lindo, mesmo. E enquanto elas só olhassem, ninguém ia se machucar.

Mas não foi o interesse da clientela feminina por seu amante que provocou a brilhante idéia. Havia sido o velho aparelho de telefone. Bem, talvez nem fosse uma idéia tão brilhante, mas precisava tentar.

Ela discou o número da telefonista.

— Manhattan, Nova York — disse.

— Nome, por favor? Qual era o nome? Ah, sim!

— Rhys Young.

Houve um instante de silêncio. Depois, a voz metálica retornou.

— Lamento, não há nenhum número listado para esse nome.

Droga.

Ela desligou e ligou novamente, tentando Sebastian Young.

— Por favor, anote o número — respondeu a voz computadorizada.

Ela rabiscou os números em um pedaço do papel de recibo da máquina de cartão de crédito.

A voz do outro lado anunciou que a ligação poderia ser automaticamente completada por setenta e cinco centavos a mais. Jolee desligou, olhando para o papel. Podia entrar em contato com os irmãos de Christian, afinal. Podia dizer que ele lamentava muito o afastamento. Sabia que não estaria mentindo. Vira a dor em seus olhos quando ele falara sobre a família. Talvez pudesse ajudá-los na reaproximação. Ou pioraria a situação?

Devagar, ela pegou o fone e discou o número que acabara de anotar. Talvez não houvesse ninguém em casa.

Ela já se preparava para desligar, quando uma secretária eletrônica atendeu.

— Oi, você ligou para a Carfax Abbey. Por favor, deixe seu recado e ligaremos assim que for possível.

Era o irmão de Christian. A voz era muito parecida, como o sotaque.

A máquina emitiu o aviso sonoro para a gravação de mensagem, e dessa vez ela não hesitou.

— Oi, meu nome é Jolee Dugan, e estou procurando por Rhys e ou Sebastian Young. Conheço seu irmão, Christian, e só queria avisar que ele está bem. E que ele quer realmente falar com vocês. Christian trabalha no meu bar em Shady Fork, West Virgínia. O telefone do bar é 304-555-7678. Adoraria receber uma ligação de vocês.

Ela desligou, mantendo a mão sobre o fone por um momento. Talvez houvesse cometido um engano. Estava se envolvendo em assuntos que não eram de sua conta. Ela e Christian se conheciam havia pouco tempo...

— Não! Christian precisa falar com a família — ela disse determinada para si mesma, guardando o papel com o número do telefone sob a registradora.

Havia feito o que era certo. E mesmo que estivesse errada, Christian entenderia sua intenção e a perdoaria. Era o que esperava.

Christian chegou a pensar em não ir ao bar naquela noite. Sabia que tinha de terminar tudo com Jolee, mas não conseguia nem pensar em deixá-la sem ajuda, sozinha...

Felizmente, mudara de ideia, porque o Leo's estava lotado.

Jolee, que se esgueirava por entre as mesas equilibrando uma bandeja, não o notou

imediatamente. Ela falava com o sujeito que a estivera cobiçando algumas noites atrás. E ele ainda a cobiçava. E que homem não cobiçaria? Ela vestia a saia de bolinhas vermelhas e o top vermelho que comprara para ela, e apesar de boa parte da roupa estar coberta pelo avental branco do bar, ainda era possível ver boa parte de suas lindas pernas.

Christían deu um passo na direção da mesa, mas parou. Não podia agir como o pretendente ciumento, porque planejava partir. Pretendia deixar Shady Fork ainda naquela noite. Sua partida causaria dor e confusão a Jolee, mas seria melhor assim.

— Olá.

A voz dela o arrancou bruscamente da reflexão. Nem havia percebido que Jolee se aproximava. Estranho, considerando que seu cheiro era tão forte em torno dele. Quando partisse, quando estivesse centenas de quilômetros longe dela, ainda sentiria a fragrância? Ele olhou para o sorriso largo e não conseguiu falar. A dor o sufocava. Como poderia deixar essa mulher?

O sorriso desapareceu.

— Christian? O que foi?

Ele balançou a cabeça, incapaz de falar. O inferno não era a vida de isolamento que se impusera. Não era viver como pobre. Não era servir bebidas em um bar no fim do mundo. Inferno era nunca mais ver essa mulher. Esse era o maior castigo.

— Precisa comer, não é? — ela deduziu com ar sério. Depois, segurou sua mão e levou para o balcão. — Venha. Eu trouxe uma laranja e um iogurte. Sabia que não ia se lembrar de comer. Precisa ser mais cuidadoso, Christian!

Ela o soltou para se abaixar atrás do balcão e vasculhar o conteúdo da bolsa velha e manchada, de onde tirou o prometido lanche.

Ele aceitou a fruta e o iogurte com o peito oprimido.

— Não se atreva a servir uma bebida sequer antes de comer tudo. Não quero que meu homem caia doente. — Ela piscou e se virou para voltar ao trabalho, mas ele a segurou pelo pulso, puxou-a de volta e beijou-a com paixão. Como poderia sobreviver sem ela?

Quando o beijo chegou ao fim, ela sorriu.

— Uau... Preciso me lembrar de trazer mais lanchinhos para você.

Jolee beijou-o novamente antes de voltar à área do karaokê.

— Vocês dois estão progredindo depressa — Jed comentou de seu lugar na ponta do balcão. — A coisa é séria!

— É, a coisa é séria — Christian reconheceu.

— Bem, isso é bom. Encontraram alguém especial. Eu sei reconhecer essas coisas.

— Como?

— Ninguém chega à minha idade sem aprender algumas lições. Eu mesmo tive um grande amor na vida. Gertie. — Ele piscou. — Uma mulher incrível.

Christian estudou o homem idoso. Jed era mais de um século mais novo que ele. Havia rugas profundas em seu rosto, e não se podia adivinhar de que cor haviam sido seus cabelos, porque agora os fios formavam uma massa branca e rebelde. Mas os olhos azuis não eram ofuscados pela idade ou pelas dificuldades da vida. Eram brilhantes, astutos. Os olhos de um sábio no corpo de um velho.

Christian estava fascinado com a descoberta. Vivera mais tempo que Jed. Tivera muito mais experiências, mas esse velho mortal era muito mais sábio. Pela primeira vez, ele desejou que a imortalidade realmente desaparecesse, não por causa do comportamento de vampiro no passado, mas porque queria o conhecimento e a compreensão que só podiam resultar do envelhecimento. Do verdadeiro envelhecimento.

Ele olhou para Jolee, que conversava com os clientes e distribuía as pastas com as listas de canções. Queria envelhecer com aquela mulher. A constatação o assustou. Como a idéia de amar uma mortal, pensar em envelhecer, em se tornar um homem velho e alquebrado como o que via na sua frente agora, já o havia repugnado um dia. Nunca fora capaz de identificar nada admirável no processo de deterioração do corpo depois de um breve período de vida. Mas agora não conseguia pensar em propósito mais válido do que o de envelhecer nos braços da mulher que amava. Em compartilhar a vida com ela. Uma vida de verdade. E todo o seu amor.

Não era mais que uma concha perfeita, um ser existindo à margem da vida. Jed havia vivido. E aprendera com a vida. Jolee também. Christian se sentia diminuído por isso. Ele só começara a aprender. E era tarde demais.

— É poderoso, não? — Jed perguntou.

— O quê?

— Esse tipo de amor. O amor de verdade.

Mais uma vez, Christian se surpreendeu. Era como se Jed pudesse captar seus sentimentos por meio de um sentido sobrenatural. Mas não era nada disso. Ele apenas sabia. Vivera intensamente o que Christian experimentava agora pela primeira vez.

— Sim, é muito poderoso — Christian admitiu. Depois, acrescentou. — Não mereço Jolee.

Jed assentiu, como se conhecesse também esse sentimento.

A voz dela soou ao microfone.

— Obrigada por terem vindo ao Leo's esta noite. Vou abrir o karaokê com uma canção que

dedico ao meu namorado.

Jolee sorriu para ele, os olhos transmitindo felicidade e desejo. Mais uma vez, Christian quase caiu de joelhos sob o peso da humildade. Sentia-se pequeno e insignificante diante daquela mulher fantástica, linda e doce, que se importava tanto com ele. Ela começou a cantar, e a letra da canção falava de uma paixão que ela acreditava não merecer.

Jolee se levantou em silêncio. Mesmo depois de dormir tão pouco, ainda se sentia leve e ágil, como se a gravidade não afetasse seus passos.

Ela se virou e olhou para o homem que dormia profundamente em sua cama, lindo e poderoso. Cantarolando, saiu do quarto caminhando com passos leves. Não queria acordar Christian. Depois de fazer amor com ela pela terceira vez naquela noite, ele mergulhara num sono profundo. Um sono mais do que merecido.

Ela se dirigiu à cozinha. Estava com fome. Comería alguma coisa, depois iria para o bar. Novamente, havia conseguido dormir quase o dia todo. Uma mulher precisava de energia para acompanhar o ritmo de Christian!

Ela se debruçou sobre o balcão da cozinha, tomou um iogurte e comeu uma barra de cereal. Depois de comer a segunda barra de cereal, ela seguiu para o banheiro cantarolando. Sua vida estava mudando de verdade. O bar era um sucesso inesperado. Encontrara um homem fabuloso. As coisas estavam melhorando.

Jolee ligou o chuveiro, depois despiu a camiseta e a roupa íntima. A água era um bálsamo para os músculos doloridos. Músculos cansados pela prática de uma atividade maravilhosa, não só pelo trabalho duro, algumas vezes infrutífero.

E tudo isso estava acontecendo porque ele quase a atropelara. O destino não era maluco? Tão louco quanto a sorte, mas ela por fim a encontrara, e agora se sentia tomada pela euforia com sua nova vida. Finalmente deixava para trás a velha Jolee Dugan.

* * *

— Sinto muito, Jolce — Jed repetiu pela quinta vez depois de entrar no bar saqueado. — Eu não ouvi nada. Acho que meus ouvidos não são mais os mesmos.

Jolee balançou a cabeça.

— Não se desculpe. Fico feliz por você não ter ouvido nada. Caso contrário, teria vindo até aqui e poderia ter sido ferido... ou morto.

Havia copos e garrafas de bebida quebrados em todos os lugares. A velha *jukebox* havia sido destruída por golpes que podiam ter sido desferidos com uma das cadeiras, agora tombadas pelo salão. O vidro se quebrara, mas a velha máquina ainda estava acesa. Infelizmente, ela não podia

dizer o mesmo do equipamento de karaokê. Ele havia sido destruído.

Jolee saiu para esperar pela polícia do lado de fora. Sentada no degrau de cimento, ficou olhando para a estrada vazia e para o sol que começava a se pôr no horizonte. Devia ser mais de cinco horas. Hora de abrir o bar. Mas, naquela noite, ela não abriria.

— Nós vamos limpar tudo — Jed disse depois de acender um cigarro.

Ela nem ouvira seus passos, mas assentiu. Estava tão furiosa que não podia falar. As lágrimas a sufocavam, mas não ia chorar. Lágrimas nunca resolviam problema algum.

A determinação começava a substituir a fúria e a dor. Odiava pensar nisso, mas não tinha nenhuma dúvida quanto a quem havia sido o autor do crime.

Vance. Ele arruinara o bar e roubara seu dinheiro. Tinha certeza disso.

Deveria ter imaginado que ele faria alguma coisa. Era doloroso pensar que o próprio irmão podia arruiná-la daquela maneira, mas não tinha dúvida. E sugeriria à polícia que o investigasse. Estava cansada de tentar dar chances a quem não queria ajuda. Ele havia destruído seu futuro. Sua chance de sucesso. E não se deixaria levar para o fundo do poço onde vivia sua família.

Limparia o bar, consertaria tudo o que havia sido quebrado e voltaria a trabalhar. Isso não destruiria seu sonho.

Quando Christian parou no bar, a primeira indicação de que havia algo de errado foi a ausência de carros no estacionamento. Ele estacionou perto da porta dos fundos, mas entrou pela frente. Um pedaço de papel anunciava com uma caligrafia trêmula: "Fechado temporariamente para reforma".

Reforma?

A porta estava trancada, mas ele podia ouvir música lá dentro, e um tilintar como se alguém estivesse recolhendo objetos de vidro. Espiou pela vidraça da janela, mas não viu ninguém.

— Jolee?

O que estava acontecendo?

O tilintar parou, e ela apareceu atrás do balcão, olhando em volta até vê-lo através da vidraça, do lado de fora. Então, caminhando com grande cuidado, ela foi abrir a porta.

— O que aconteceu? — ele perguntou ao entrar. Podia sentir seu desespero e o forte cheiro de álcool.

Jolee suspirou, limpando as mãos no avental.

— O bar foi arrombado e invadido ontem à noite.

Quase todas as garrafas haviam desaparecido das prateleiras. Quebradas, provavelmente, a julgar pelo cheiro de bebida.

— A polícia saiu daqui há pouco, e eu estava começando a limpeza.

Christian a apertou entre os braços, temendo vê-la desmoronar sob o peso do desespero e da tristeza.

— Foi Vance.

As palavras levaram um segundo para penetrar em sua mente confusa. Depois, ele compreendeu que ela se referia ao culpado pelo arrombamento. E estava certa. Podia sentir o cheiro de Vance no ar.

— Você disse isso à polícia?

— Sim. Eles disseram que o interrogariam. Mas, provavelmente, não vão conseguir encontrá-lo. Ele deve ter voltado para Sawyersville, ou ido para algum outro lugar.

— Foi ele. — Pena que a polícia precisasse de provas mais concretas do que seu olfato apurado.

Agora, o mais importante era pôr tudo em ordem para reabrir o mais depressa possível. Depois pensaria em Vance.

— Muito bem, vamos trabalhar — ele disse.

Jolee olhou para Christian secando o chão. Sentia-se muito melhor desde que ele chegara. Ele era uma fonte de força e coragem, como havia sido na noite em que Vance invadira seu *trailer*. Já estavam quase terminando a limpeza, e ela selecionava os CDs que ainda podiam ser aproveitados no karaokê. Os outros eram jogados no lixo.

Tudo aquilo ia custar uma fortuna. Comprar bebidas e copos custaria caro, e o equipamento de karaokê não poderia ser substituído tão cedo. Isso era o que mais a incomodava. Sem mencionar todo o dinheiro que havia perdido, o lucro da noite anterior. O cofre havia sido arrombado. A velha fechadura não resistira à determinação de Vance.

Ela suspirou. Não desistiria. Não estava mais sozinha no mundo. Christian estava ali para apoiá-la e ajudá-la. E Jed também estava ali.

A porta se abriu, e Jolee se virou para explicar que o bar estava fechado.

Era uma mulher pequenina, com cabelos curtos e um estilo moderno. Ela olhou em volta, e seus olhos se detiveram em Christian; Jolee também olhou para ele. Os dois já se conheciam?

Christian parecia estar paralisado pelo choque. A pele, normalmente dourada, estava cinzenta, e ele tinha os olhos arregalados como se visse um fantasma.

Jolee olhou novamente para a mulher. Seria Lilah? Não. Ela era pequena, como Christian dissera, mas ele também havia dito que Lilah era linda, com cabelos dourados e olhos azuis. Aquela mulher era graciosa, mas não possuía uma beleza tão impressionante.

— Meu Deus! Nunca pensei que viveria para ver Christian Young limpando o chão! Isso é incrível!

Dois homens entraram atrás dela. Um deles, o que acabara de falar, olhava diretamente para Christian e sorria. O outro permanecia sério, preocupado.

Por um momento, ninguém disse nada. Depois, o homem sorridente quebrou o silêncio, aproximando-se dela com a mão estendida.

— Olá, meu nome é Sebastian. Sou o irmão mais novo de Chris.

Chocada, ela aceitou o aperto de mão. A semelhança física entre ele e Christian era inacreditável, embora ele demonstrasse uma simpatia que, naquele momento, nenhum dos outros dois homens demonstrava.

— Ah, eu sou Jolee.

Sebastian assentiu como se já houvesse deduzido quem era ela. Ele se aproximou de Christian e, sem dizer nada, abraçou-o. Christian permanecia paralisado, com o rodo na mão, os olhos na pequena morena e no homem que Jolee imaginava ser Rhys.

Aturdido, ele entregou o rodo a Sebastian e deu um passo na direção da mulher.

— Jane? — Christian balançou a cabeça como se não acreditasse nos próprios olhos.

Jolee sentiu o gosto amargo do ciúme. Quem era ela? Por que Christian reagia tão intensamente à sua presença.

— Sim, Christian. Sou eu. E estou bem.

Ela usava uma aliança de casamento, Jolee notou, como a do homem parado atrás dela.

— Mas você... morreu! — ele murmurou.

— Ela *quase* morreu — corrigiu o outro homem. — Mas sobreviveu, e agora está bem. Nós estamos bem.

— Rhys... — O homem então sorriu.

— E bom rever você, Chris. Parece que está trabalhando honestamente.

Ele também se adiantou para abraçar Christian. Jolee sorriu, embora não entendesse muito bem a cena que testemunhava.

— Como me encontraram?

Jolee sentiu o estômago se contrair. Tudo parecia se desenvolver de uma maneira bem positiva, mas ainda havia a possibilidade de Christian achar que ela havia se metido onde não devia.

Em vez de deixar os irmãos revelar seu envolvimento, ela se adiantou:

— Eu liguei para eles. Christian a encarou.

— Você?

— Sim, eu. Sabia que estava infeliz sem sua família, por isso telefonei.

Ele se aproximou e a apertou contra o peito num abraço emocionado.

— Obrigado — murmurou.

Seu coração parecia flutuar com a mistura de amor, alegria e alívio.

— Não foi nada.

— Ah, mas que diabo! — Jed exclamou atrás do bar. — Uma reunião como essa pede um brinde.

Ele exibiu a jarra cheia de chope, da qual tomou um grande gole. Satisfeito, limpou a boca com a manga da camisa e ofereceu a jarra. Ninguém se moveu.

— O que é? Mocinhos bonitos não sabem como comemorar uma ocasião importante?

— Gostei desse cara — Sebastian declarou, aproximando-se para aceitar a oferta. Ele bebeu vários goles de chope, depois passou a jarra para Christian. — Você ouviu o homem, mocinho bonito. Comemore!

Christian sorriu e levou a jarra à boca. Jolee podia ver a felicidade e o amor nos olhos dele. De repente, nem o arrombamento, o roubo, e a destruição do equipamento de karaokê pareciam importantes. Tudo era perfeito em sua vida.

Jolee apoiou os cotovelos no balcão, olhando para a mesa onde os três irmãos e Jed conversavam animadamente. Christian sorria muito, e a maioria daqueles sorrisos era dirigida a ela. Fascinante.

— É uma visão incrível, não é? — Jane perguntou, virando-se no banco para olhar para o grupo.

— Sim. É assustador saber que uma família pode produzir criaturas tão lindas.

Jane sorriu.

— É, a beleza deles chega a ser chocante. — Ela se virou para Jolee. — Como conheceu Christian?

— Ele me protegeu quando eu era atacada por um homem drogado e armado com um canivete. Meu irmão. Depois, quase me atropelou. E nós nos aproximamos a partir daí.

Jane assentiu como se a entendesse completamente.

— Acho que conhecer os irmãos Young é sempre uma experiência estranha. Rhys salvou minha vida, e logo depois começou a insistir em se casar comigo.

— Rápido assim?

Jane riu...

— Você nem imagina.

Jolee tentou imaginar se algum dia ela e Christian se casariam. A idéia a enchia de euforia.

— Obrigada por ter telefonado — disse Jane em voz baixa.

— Eu sabia que essa era a atitude certa a tomar. Christian estava sofrendo.

— Rhys e Sebastian também sofreram muito.

Jolee assentiu; podia imaginar. Os irmãos pareciam muito felizes com a reunião. E, até então, ninguém havia mencionado Lilah.

— Christian ficou muito chocado quando a viu — ela disse a Jane.

— Ele devia estar certo de que eu havia morrido. Pobrezinho. Eu vivia dizendo a Rhys que precisávamos tentar encontrá-lo. É claro que nunca teríamos pensado em vir procurá-lo aqui, mas... Oh, meu Deus! Desculpe, não quis dizer aqui, *aqui*, mas...

— Tudo bem — Jolee interrompeu sorrindo. — Sei que Christian está tão deslocado aqui quanto eu estaria em uma mansão.

A verdade era que não tinha nada em comum com Christian, e pensar nisso ofuscou um pouco sua alegria. Ela olhou para os irmãos de rara beleza e roupas caras. Jane também era uma mulher muito elegante e de classe. Enquanto isso, ela ostentava um avental sujo e cheirando a álcool. O cabelo despencava do coque no alto da cabeça. O rosto estava suado, corado. E precisava de um banho depois da faxina que tivera de fazer no bar.

Era como ser o patinho feio do grupo. Nem Jed parecia tão deslocado.

— Você ficaria bem em qualquer lugar — Jane respondeu com um sorriso simpático, quase como se pudesse ler seus pensamentos. — Eu cresci em uma casa velha e dilapidada em uma

pequena cidade do Maine. Metade da casa era uma agência funerária da qual meu pai era proprietário. O que eu podia saber sobre a vida em uma cidade como Nova York? Nada! Mas aprendi. É surpreendente como você pode se sentir confortável em qualquer lugar, se estiver na companhia de pessoas que ama. E também é surpreendente como o ser humano pode mudar, transformar-se em qualquer coisa.

Jolee olhou para Christian. Ele conversava com Jed. O homem bateu nas costas dele com um afeto quase paternal.

— Como era Christian? — ela perguntou. — Quero dizer, quando você o conheceu?

Jane riu com uma certa amargura.

— O Christian que conheci era assustador. Amargo, sempre furioso. Esse era o Christian que Lilah havia criado. — Ela parou, como se temesse ter falado demais.

— Ah, eu sei sobre Lilah — Jolee a tranquilizou.

— Sabe?

— Bem, um pouco. — Entendo.

— Você a conheceu?

— Não, graças a Deus. Tudo o que sei é que ela era uma criatura terrível, má, cruel, egoísta, uma vam... vaidosa incorrigível — ela concluiu, agitada.

Jolee sabia que Jane havia mudado de idéia no meio da palavra, mas não conseguia nem imaginar o que ela começara a dizer! Mas sua colocação seguinte pôs fim à preocupação.

— Felizmente para todos nós, ela está morta.

— Lilah morreu?

— Sim. Christian não contou?

— Não. Como ela morreu?

Jane olhou por cima do ombro com ar culpado, mas se debruçou sobre o balcão e baixou o tom de voz.

— Ela se matou.

— Por quê?

— Não sei. Rhys diz que ela ficou louca. Talvez por isso tenha se matado.

Jolee olhou para Christian. Ele se culpava de alguma forma pela morte de Lilah? Por isso era tão estranho e taciturno quando o conhecera? E ele realmente havia esquecido a mulher de seu passado? Se ela não houvesse morrido, ainda estariam juntos? Ele ainda estaria sofrendo todos os abusos insanos daquela mulher cruel?

Jolee não podia nem pensar nisso. Não tinha importância, afinal. Lilah estava morta, e agora ela amava Christian.

— Eu a perturbei — Jane concluiu.

— Não. Eu queria saber sobre Lilah. Como ela se matou?

— Ela saiu... Ela se envolveu num incêndio.

Um incêndio? Quem se matava desse jeito? Só alguém insano, é claro. E por mais cruel que fosse essa admissão, Jolee se sentia aliviada por saber que a mulher estava morta. Ela quase destruíra uma família, e quase acabara com Christian. Não podia sentir piedade por alguém tão nefasto.

Christian se levantou segurando as quatro jarras que eles usavam como canecas de chope. O plástico havia sobrevivido ao ataque de Vance. Christian aproximou-se do balcão e encheu as jarras novamente. Ele sorriu para Jolee, mas ainda parecia um pouco desconfortável na presença de Jane.

Com as jarras cheias, inclinou-se para beijar os lábios de Jolee.

— Obrigado — repetiu, sorrindo, antes de beijá-la outra vez.

Depois voltou à mesa levando a bebida. Jolee suspirou.

Como o amava!

— Bem, parece que não tem que se preocupar com sua adaptação ao mundo de Christian — Jane comentou com um sorriso cúmplice. — Parece que ele está mais do que adaptado aqui.

Jolee sorriu, divertindo-se ao ver que os irmãos o provocavam debochando de sua habilidade como garçom. Christian também ria. Ele realmente sabia como servir um drinque com elegância.

De repente ela não se preocupava mais com adaptação. Era verdade. Se Christian conseguia se sentir confortável ali, ela também podia se adaptar a qualquer ambiente, desde que o tivesse a seu lado.

Capítulo V

— Jolee é o máximo — Sebastian observou.

Depois bebeu um gole de chope. Christian não se sentiu incomodado pelo comentário. Esse era Sebastian, e ele estava apenas fazendo uma constatação. E Sebastian sempre dizia tudo o que pensava. Christian sorriu. Era bom saber que algumas coisas não haviam mudado.

— Então, vai transformá-la? — Sebastian perguntou.

Christian balançou a cabeça. Ele sempre dizia o que pensava. Pelo menos havia esperado Jed se retirar para fazer a pergunta.

— Sebastian, acho que a vida amorosa de Christian é problema dele — Rhys censurou o irmão caçula.

— Você devia se lembrar disso, também. Quando você e Jane estão juntos, há sempre um excesso de DPA.

— DPA? — Rhys repetiu intrigado.

— Demonstrações Públicas de Afeto — explicou Sebastian.

Rhys balançou a cabeça e riu, mas Christian notou que ele não negava a acusação do irmão.

— E então, vai mordê-la, ou não vai? — Sebastian insistiu.

Christian notou que Jolee conversava com Jane e não os escutava. Ainda não se permitira nem pensar na eternidade ao lado dela, mas sabia que teria de considerar essa hipótese. Mas agora que sabia que não havia matado Jane, agora que via Rhys e sabia que ele havia encontrado a felicidade ao lado de uma mortal, e que Jane aceitara a condição do vampirismo sem hesitação ou pesar, talvez pudesse pensar em estar com Jolee para sempre. Era o que queria. Sim, era o que mais queria! Mas, mesmo que Jolee aceitasse a verdade sobre sua verdadeira natureza, ele tinha outro problema.

— Não posso mordê-la — ele reconheceu em voz baixa.

— Ah, não! Não vai criar problemas como Rhys fez com Jane! É óbvio que você e Jolee estão apaixonados. Você e Rhys criam uma atmosfera tão densa com esses sentimentos, que vou precisar de um traje espacial para garantir meu oxigênio!

Christian olhou para o irmão.

— Você é ainda mais esquisito do que eu lembrava.

— Não — corrigiu Rhys. — Ele é o mesmo. Você conseguiu esquecer, só isso.

Sebastian ignorou-os.

— E então? Vai ou não morder Jolee?

— Não posso — Christian repetiu.

— Como assim, não pode?

— Depois que mordi Jane, parei de me alimentar de humanos. Quero dizer, eu bebia o sangue humano, mas recorria a bancos de sangue e reduzi a ração diária, bebendo apenas o absolutamente necessário para sobreviver. — Ele hesitou, sem saber se devia falar sobre o programa de doze passos. De repente, tudo parecia tolo.

— Ótimo! Mais um que recorreu aos saquinhos — Sebastian resmungou exasperado.

— Mas isso não deveria afetar suas presas, se é esse o problema — Rhys opinou.

— Parei de usar minhas habilidades sobrenaturais. E, aos poucos, elas foram desaparecendo.

— Espere aí — Sebastian interferiu novamente. — Não pode fazer mais nada... vampiresco? E não tem mais suas presas, nem quando está com fome?

— Não.

— Ei, isso é horrível! Ou não, dependendo do caso.

— Mas ainda não tentou mordê-la desde que descobriu que Jane está bem e viva — Rhys lembrou. — Talvez agora seja possível. Talvez seja alguma deficiência provocada pela culpa, não sei...

Christian encolheu os ombros. Tinha a sensação de que saber que Jane estava bem não o ajudaria em nada. Queria trazer Jolee para a eternidade, mas não sentia a fome. Era como se a urgência de alimentar-se como vampiro estivesse adormecida nele.

— Posso mordê-la por você — Sebastian se ofereceu ansioso.

Christian o encarou. Não podia nem pensar em dividir Jolee com alguém.

— Não — Rhys interferiu. — De acordo com o Dr. Fowler...

— Ah, meu Deus — Sebastian suspirou. — Lá vamos nós outra vez...

— De acordo com o dr. Fowler, se um vampiro realmente deseja se unir a uma mortal, só ele

pode realizar a transformação pela mordida. É a única maneira de criar o laço indissolúvel.

— Quem é dr. Fowler? — O nome soava familiar, mas Christian não conseguia determinar onde e se o ouvira antes.

— Ele é praticamente o reverendo Moon do mundo dos vampiros— Sebastian explicou sem esconder o desgosto.

— Não é nada disso — Rhys protestou. — Ele é um cientista que pesquisa criaturas preternaturais, e descobriu muito sobre elas. Sobre nós, em particular. Por exemplo, sabiam que pesquisas mostram que o vampirismo é, na verdade, um quadro viral?

— Um vírus? — Sebastian fez uma careta. — Por favor, digam que a explicação válida é a da maldição! Por favor!

Christian olhou para o irmão mais velho.

— Você acredita mesmo no trabalho desse homem?

— Sim.

— Talvez haja uma explicação científica para o que está acontecendo com minha fome — Christian ponderou.

— Eu não descartaria essa hipótese.

— Vocês dois são malucos — declarou Sebastian. — Vou pegar minha cerveja e beber com aquelas duas damas adoráveis ali no balcão. — Ele se levantou e foi se sentar ao lado de Jane.

— Por que Sebastian se opõe ao que você está dizendo, Rhys?

— Porque o dr. Fowler iniciou uma campanha para impedir os vampiros de usar humanos como fonte de alimento. Ele acredita que essa é a principal razão pela qual os vampiros não são aceitos na sociedade. E Sebastian é o vampiro mais promíscuo que conheço. E ele não quer parar. Não quer nem considerar a idéia. Ele criou uma boate que atende às necessidades dos vampiros e sua obsessão por alimento, e usa para isso a fascinação que alguns mortais têm por serem mordidos. Ele não quer perder essa fonte de renda.

— Bem, se esse Fowler não promove a mordida, ele não vai poder me ajudar. Pelo contrário, vai ficar muito satisfeito por eu não poder mais morder.

— Não. Na verdade, ele é um grande defensor do acasalamento integrado. Ele acredita que, se vampiros e mortais forem almas gêmeas, devem ser unidos pelo laço indissolúvel. Em sua opinião, isso vai mostrar à população humana que os vampiros são capazes de amar e assumir compromissos verdadeiros.

— Não é de estranhar que Sebastian deteste esse sujeito.

— Exatamente. Sebastian está comprometido apenas com o próprio prazer.

— Eu era como ele.

— Não. Você sempre teve grande capacidade para assumir compromissos. Só escolheu a mulher errada. Agora, aparece que acertou na escolha.

— Eu me arrependo muito de tudo, Rhys. Lamento por ter me envolvido com Lilah e... Enfim, lamento por nossa família. Por Elizabeth.

— Lilah destruiu nossa família e matou Elizabeth.

— Mas fui eu quem a levou para perto de vocês.

— Christian, não sinto mais nenhuma revolta com relação ao passado. Ainda sinto saudades de Elizabeth, ainda a amo muito, mas, se as coisas não tivessem acontecido como aconteceram, eu jamais teria conhecido Jane. Por isso não posso continuar amargurado.

Rhys encontrara em Jane sua alma gêmea.

— Como soube que Jane era sua parceira para a vida?

— Meu corpo a encontrou antes da mente e do coração. Eu apenas soube. E ela também.

— Mas eu já pensei ter encontrado minha parceira. — E havia seguido Lilah por dois séculos.

— O que sente por Jolee?

Christian a viu conversando com parte de sua família. A família que ela resgatara e devolvera a ele.

— Eu a amo — ele disse simplesmente.

— E o que sentia por Lilah?

— Eu a desejava. Teria feito qualquer coisa para tê-la. Rhys assentiu.

Christian finalmente entendeu a diferença entre uma coisa e outra.

— Mas se Jolee não me quiser, se ela não puder me aceitar, eu a deixarei ir. Sei que a amarei para sempre, mas não vou poder obrigá-la a ficar comigo. Eu a amo demais para fazê-la sofrer, para suportar vê-la infeliz.

— É isso, meu irmão.

Ele olhou para Jolee. Sua verdadeira parceira. A emoção ameaçava esmagá-lo com sua intensidade. Amor. Amor pela família. Amor verdadeiro. E agora sabia que nunca podia tomar esse

sentimento por certo, deixar de alimentá-lo e protegê-lo, ou o perderia.

— Obrigado por ter vindo — ele disse, sabendo que as palavras não expressavam nem uma pequena fração dos sentimentos que o invadiam. Mas não conseguia dizer mais.

— Fico feliz por ter voltado a ser o Christian de que me lembro.

Christian também estava feliz. E Jolee era responsável por isso. Só esperava que ela pudesse aceitar a verdade. E que ainda quisesse ficar com ele.

Jolee acenou para a família de Christian, que desaparecia no *trailer* dele. Christian permaneceria no dela.

— Tem certeza de que não quer ir com eles? — ela perguntou, temendo tornar-se uma obrigação. Ele havia passado anos longe dos irmãos. Talvez quisesse aproveitar mais o reencontro.

— Está tentando se livrar de mim? — ele brincou, tomando-a nos braços.

— De jeito nenhum. Christian beijou-a. Ela suspirou.

— Como faz isso?

— O quê?

— Deixar-me totalmente desesperada por você com um beijo.

— Você faz o mesmo comigo.

Eles entraram no *trailer*, fecharam a porta, e se jogaram nos braços um do outro. Momentos depois estavam na cama, fazendo amor sem pressa, desfrutando cada momento. Ele a idolatrava com a boca, com as mãos, com o corpo todo. E quando a penetrou, ele ficou parado olhando em seus olhos.

— Jolee?

— Hum?

— Obrigado.

Ela sorriu e afagou seu rosto.

— Quero que você seja feliz.

— Eu sou.

As palavras fizeram seu coração cantar.

— Entendo como se sente.

Quando estava com Christian sabia que tudo ia dar certo. Era simples assim. E nunca antes havia sentido nada parecido. Nunca se sentira realmente segura até conhecê-lo.

— Ah, Jolee, eu quero lhe dar a eternidade!

Ela sentiu o coração parar de bater um instante. Ele estava dizendo o que acreditava que dizia?

— Você me quer? Para sempre?

Ele assentiu sem nenhuma hesitação.

— Sim! — E repetiu com intensa alegria. — Sim, sim!

Christian começou a se mover dentro dela, e eles chegaram juntos ,ao clímax, um êxtase que Jolee nunca sequer sonhara ser possível.

— Pode entrar em contato com o dr. Fowler? — Christian perguntou a Rhys enquanto servia a cerveja.

Rhys olhou para Sebastian e Jolee. Eles ajustavam o novo sistema de karaokê que Christian insistira em comprar para o bar. Ela ainda não se sentia confortável aceitando sua ajuda financeira, mas ele a convencera com o argumento de que ficariam juntos para sempre.

Agora, esperava que houvesse um "para sempre" para eles.

— É claro que sim — Rhys assentiu, tirando o celular do bolso. — Posso dar alguns telefonemas e tentar localizá-lo. — Ele deu um beijo rápido em Jane e saiu para fazer as ligações.

Christian esperava que o Dr. Fowler tivesse uma resposta. Não desfrutava do repasto do banco de sangue há dois dias, e embora pudesse sentir a fome crescendo, sabia que não poderia se alimentar de Jolee. Suas presas não haviam aparecido uma única vez.

Ele olhou para onde Jolee observava Sebastian conectando alguns cabos. Ela fazia perguntas, e Christian sabia que Jolee queria conhecer todos os detalhes. Se alguma coisa acontecesse com aquele sistema de som, ela mesma resolveria o problema. Era determinada. E forte.

Mas seria forte o bastante para aceitar a verdade sobre ele? Mesmo que o dr. Fowler pudesse ajudar, se ela não conseguisse aceitá-lo, teria de desistir dessa incrível parceira. Isso o mataria, mas não teria alternativa. Jolee ansiava pela normalidade, depois de ter crescido numa família disfuncional. Não queria nuvens negras pairando em seu horizonte. E o vampirismo era uma gigantesca nuvem negra; ela certamente deixaria de ser uma pessoa normal.

Mas ele olhou para Jane, sentada ao lado de Jed e conversando com ele. Jane parecia uma mulher normal. Era bondosa e doce. O vampirismo não a transformara. Se a usasse como um exemplo, talvez...

Sebastian estava se aproximando da mesa. O karaokê estava instalado, finalmente. Seu irmão sorria para um grupo de mulheres.

— Sabe de uma coisa? — ele murmurou. — Você deixou de ser um dos vampiros mais cruéis do mundo para tornar-se um espetáculo para mulheres carentes. É admirável!

Christian balançou a cabeça. Sebastian certamente admiraria sua condição de objeto do desejo feminino.

— E aquela lista na porta da sua geladeira, mano? Doze passos? Ser Humano? Você é mesmo um cara muito esquisito.

A voz de Jolee interrompeu a conversa.

— O karaokê está aberto.

Os clientes aplaudiram, mas Christian notou que muitas das mulheres estavam ovacionando a presença de Sebastian, o novo bonitão do lugar. Havia notado que muitas o observavam com evidente interesse.

O bar estava cheio, e ninguém reclamava por só terem cerveja para servir. Os novos estoques de bebida seriam entregues no dia seguinte. Se Vance tivera a intenção de arruinar o negócio da irmã, ficaria frustrado quando soubesse que o Leo's voltara à atividade em tão pouco tempo.

Sebastian subiu ao palco para inaugurar o equipamento. As mulheres aplaudiram. Ele começou a cantar *Pour Some Sugar on Me*, de Def Leppard, e a platéia feminina enlouqueceu.

— Ele é maluco — Jane comentou rindo.

Christian também riu, divertindo-se com a *performance* do irmão.

— Se ele não tomar cuidado, vai acabar sendo atacado por uma dessas mulheres — Jane disse ao se juntar a Christian atrás do balcão.

— Se existe alguém que sabe lidar com as mulheres, esse alguém é Sebastian — Jane respondeu.

— Eu já percebi. — Jolee riu.

Rhys voltou ao interior do bar e, notando que Jolee estava ao lado do irmão, ele apenas assentiu, o que Christian deduziu significar que ele havia localizado o dr. Fowler. Sebastian juntou-se a eles no balcão.

— Gosto daqui. Gosto até daquele maluco cantando. — Ele se referia a Hitch, o cliente esquisito que gritava e se contorcia ao microfone. — Talvez eu fique aqui para sempre.

— Bem, você seria uma excelente aquisição para os negócios — Jolee aprovou rindo, notando que mais mulheres se sentavam perto do palco e do balcão para poder admirá-lo.

A música terminou, e Sebastian perguntou a Jolee se ele podia cuidar do karaokê.

— É claro que sim, se acha que consegue manter seu fã-clubes sob controle...

— Isso é fácil — ele brincou antes de se afastar.

Ele caminhou com desenvoltura para o palco, sem perder a graça nem mesmo quando uma cliente mais atrevida o beliscou no traseiro.

— Parece que perdeu a preferência — Jolee disse para Christian.

— Não faz mal. Só não quero perder você.

Naquela noite, quando eles se deitaram, Christian ainda estava preocupado. Jolee dormia aninhada em seu peito. Haviam feito amor duas vezes desde que voltaram do bar, e depois da segunda vez ela adormecera imediatamente, exausta.

A noite havia sido movimentada no Leo's.

Christian a amara como nunca, com paixão envolvente, mas em nenhum momento deixara de se preocupar. Precisava contar a verdade. Tinha de conversar com ela antes de falar com o dr. Fowler. Jolee tinha de fazer a escolha. No dia seguinte, pediria a Rhys para falar com o dr. Fowler, para pedir a ele que esperasse. Então, se Jolee quisesse a eternidade a seu lado, iriam juntos conversar com o cientista. Jolee se mexeu.

— Ainda acordado? — murmurou, sonolenta. Ele assentiu.

— Lamento ter dormido assim...

— Durma. Você está muito cansada.

— Adorei sua família. Seus irmãos são maravilhosos, e Jane é a pessoa mais encantadora que já conheci.

Ele pensou em dizer que Jane não era exatamente uma pessoa, mas não podia revelar a verdade. Ainda não. Temia ver a repulsa nos olhos de Jolee. Não suportaria se ela se afastasse com medo. Ou se o julgasse maluco.

Ela abriu os olhos e sorriu.

— Fico feliz por pensar que finalmente vou ter uma família. Uma família na qual todos se amam e se preocupam uns com os outros.

Ele assentiu. Uma família de verdade. Uma família imortal. Um pequeno detalhe que faria toda a diferença.

— Parece preocupado, Christian. O que é?

Ele hesitou. Depois perguntou:

— Lembra se de quando falamos sobre todas as famílias terem esqueletos guardados?

Ela assentiu sonolenta.

— Jolee...

Ela se apoiou em um cotovelo para encará-lo e manter-se acordada. .

Não podia. Não seria capaz de dizer a ela.

— Não é nada. — Christian sorriu.

— Tem certeza?

— Sim, eu... É só uma bobagem.

Jolee encolheu os ombros, aceitando a explicação. Christian sabia que ela tinha consciência de que havia algo importante a ser discutido, mas não o pressionava. Talvez ela não quisesse ouvir a verdade. Da mesma forma que ele não queria expô-la.

Quando Jolee andava pelo bar na tarde seguinte, acomodando nas prateleiras as novas garrafas de bebida, pensou na noite anterior. O que Christian havia tentado dizer?

Ele não havia voltado a ser o sujeito estranho de antes, mas estava agindo de um jeito meio... instável. Na noite passada no bar, notara nele um certo nervosismo. Depois, quando voltaram ao *trailer*, ele a amara com paixão ainda maior do que de costume. Mas, apesar de tudo, sentira que ele tinha algo a dizer.

Na cama, ele começara a falar sobre a família, e ela chegara a pensar que, finalmente, saberia o que o incomodava. Mas ele havia parado. E a amara de novo, e a sensação de que algo o perturbava tinha se tornado ainda maior.

Antes ele já havia mencionado que não era uma boa pessoa. E chegara a dizer que era pior do que seus antigos namorados. Jolee não acreditava nisso. Recusava-se a acreditar nisso. Mas... e se fosse verdade? E se...

Não. Não acreditava. Ponto-final.

Mas ele havia falado em esqueletos no armário. E, pelo que vira, seus irmãos e Jane, a cunhada, eram pessoas maravilhosas. Sabia que teria nela uma amiga de verdade.

Não queria perder tudo isso. E não podia perder Christian. Amava-o loucamente, e ficava apavorada quando pensava que toda aquela conversa podia ser um preâmbulo para o fim. Não sabia por que pensava nisso, ainda mais depois de ele a ter pedido em casamento.

Ou melhor, era o que pensava que ele havia feito ao falar em "dar a ela a eternidade". Mas não podia ter certeza, porque ele não voltara ao assunto.

Ela continuou acomodando as cervejas em um refrigerador. Estava muito confusa. Christian estava arrependido do que sugerira? Era isso que queria lhe dizer?

Um ruído desviou sua atenção do trabalho e dos pensamentos inquietantes. Havia um homem na porta do bar. Ele parecia ter uns sessenta anos e vestia paletó de *tweed*, apesar do calor. Ele também usava uma boina do mesmo material e óculos de armação redonda de metal. Se fumasse um cachimbo, seria o estereótipo perfeito do professor.

— Olá — ele a cumprimentou. — O bar já está aberto?

Não, mas ela não suportava a idéia de ficar sozinha com os incômodos pensamentos.

— Sim, é claro. O que vai querer?

— Um uísque puro, por favor.

— Johnnie Walker?

— Pode ser. — Ele se sentou em um banco diante dela, perto do balcão.

Jolee examinou as caixas procurando pela garrafa entregue naquela tarde. Ela rompeu o selo e serviu a dose em um dos copos novos que Christian insistira em comprar.

— Obrigado — o cliente disse ao receber sua bebida. — Sabe me dizer onde fica o Shady Fork Mobile States?

A pergunta a surpreendeu. Ele procurava o estacionamento dos *trailers*!

— Sim, fica bem perto daqui, um quilômetro pela estrada, mais ou menos. Primeira à direita. Vai visitar alguém por lá?

— Vou tratar de negócios. Ah...

Que tipo de negócios podia levar alguém ao estacionamento dos *trailers*? Ela decidiu que não seria educado perguntar.

— Sou cientista — o homem revelou. Ela parou para estudá-lo.

— É mesmo? E o que estuda? — Mais especificamente, o que ele pretendia estudar no estacionamento dos *trailers*?

Ele bebeu mais um gole do uísque antes de declarar com naturalidade.

— Vim encontrar um vampiro.

Jolee riu, mas logo percebeu que o homem não partilhava do seu bom humor.

— Um... vampiro?

— Sim, ele mora em Shady Fork Mobile States.

— Oh...

— E você deve estar pensando que sou maluco. Muita gente pensa. Mas os vampiros, lobisomens, fadas... Enfim, eles estão entre nós.

Jolee assentiu lentamente, mas não disse nada. Talvez devesse mandá-lo embora, mas não seria muito sensato contrariar o homem. Ele podia se tornar perigoso.

— Esse vampiro tem um problema específico. É incapaz de morder. Não consegue morder humanos.

— Bem, isso é bom, não é? — Não podia acreditar que incentivava essa conversa absurda.

— Não nesse caso. Ele quer se unir definitivamente a uma mulher mortal, o que exige que seja capaz de mordê-la. Por isso estou aqui. Quero tentar encontrar a causa para sua incapacidade. É a primeira vez que me deparo com um caso como esse. É muito animador. Mas, tenho que esperar. Ele ainda vai demorar umas três horas para acordar.

Jolee esperava que ele não tivesse a intenção de passar todo esse tempo ali. O desconhecido terminou de beber seu uísque.

— Bem, acho que vou dar uma volta, conhecer o lugar. Ela assentiu, ansiosa por vê-lo partir.

Ele abriu a carteira e deu a ela uma nota de dez dólares, Jolee hesitou, mas pegou o dinheiro e foi abrir a registradora para pegar o troco.

— Obrigado pela bebida — ele disse, deixando uma gorjeta sobre o balcão. — E pelas informações.

Ela assentiu. Assim que o homem saiu, Jolee correu para trancá-la. Depois foi até a janela e o viu partir no seda prata que havia ficado no estacionamento.

O mundo estava mesmo cheio de malucos, ela pensou, voltando ao trabalho e balançando a cabeça.

Assim que Christian entrou no bar, Jolee foi logo contando:

— Não imagina que tipo de sujeito esteve aqui enquanto eu arrumava as prateleiras.

— Aqui?

Jolee não parecia muito perturbada, mas ele temia que Vance ou outro fantasma do passado a tivesse atormentado, e odiava não poder estar com ela desde que ia para o bar preparar-se para os negócios. Talvez a convencesse a contratar alguém para isso. Se o dr. Fowler pudesse ajudá-lo, logo ela não teria alternativa.

— Escute só — ela pediu, preparando-se para contar a grande história. — Um homem apareceu aqui...

— Se eu não estivesse tão preocupado com a chance de você me dizer que a porta esteve destrancada enquanto você trabalhava aqui sozinha, juro que pensaria que está se preparando para me contar uma piada.

— Bem, deve ser um tipo de piada, mesmo. Mas ele parecia sério. Felizmente, era inofensivo. O que mais me chamou a atenção foi o fato de ele perguntar onde ficava Shady Fork Mobile States, onde pretendia encontrar um... um...

Christian sentiu o estômago se contrair antes mesmo de ela concluir a frase.

— Um vampiro. — Ela fez uma pausa como se esperasse ouvir a gargalhada que confirmaria que tudo não passava de uma brincadeira tola. Mas ele a encarava inexpressivo. Estava animado, certamente, porque Fowler já chegara anunciando que havia um vampiro vivendo em Shady Fork Mobile States, E o que ele estava fazendo ali, aliás? Pedira a Rhys para informar o cientista de que ainda não precisava de sua ajuda. Não esperava que ele aparecesse por ali. Não tão depressa, pelo menos. E percorrer a cidade anunciando a presença de vampiros na área? Christian começava a entender por que Sebastian duvidava da legitimidade desse cientista. — Christian? Não é uma história maluca?

Ele assentiu vagamente. Jolee franziu a testa.

— Qual é o problema? Parece pálido.

— Fico apavorado por pensar que... você podia ter sido atacada.

Ela sorriu.

— Ah, não! Ele era inofensivo, eu acho.

Rhys, Jane e Sebastian entraram no bar. Rhys e Jane pareciam preocupados, e Sebastian não escondia a contrariedade. Christian conteve um gemido angustiado. As variadas expressões de seus familiares não podiam ser um bom sinal.

— Christian, podemos conversar por um instante? — Rhys pediu, sorrindo para Jolee.

Christian sabia, que ela não acreditava muito naquele sorriso, embora correspondesse.

— É claro. Eu volto já — ele disse a Jolee.

Sua curiosidade era evidente, mas ela se limitou a mover a cabeça em sentido afirmativo.

Jane ficou no bar, mas Sebastian saiu com os irmãos.

— O dr. Fowler está aqui — Rhys anunciou assim que passaram pela porta.

— E ele é um cretino — Sebastian acrescentou.

— Eu sei que ele está aqui — respondeu Christian. — Ele já esteve no bar bebendo um uísque e dizendo a Jolee que veio para encontrar um vampiro.

— O quê? — Rhys reagiu chocado.

— Eu não disse? — reagiu Sebastian. — Um cretino!

— Estou começando a concordar com a opinião de Sebastian — Christian falou em voz baixa. — E estou muito preocupado com Jolee. Ela acha que o homem é só um maluco, mas eu não sei o que fazer. Já teria sido bem difícil falar com ela sobre mim... sobre nós... enfim, contar a verdade sem Fowler ter vindo dar com a língua nos dentes.

— Vai contar a ela? — Rhys perguntou.

— Não sei. — Tinha que fazer alguma coisa, mas não sabia como agir. Se pudesse revelar a verdade aos poucos, talvez ela pudesse se habituar à idéia. Ora, a quem tentava enganar? Não havia como revelar lentamente um caso de vampirismo. Mas Fowler havia piorado bastante a situação.

— Deveria dizer a ela — Sebastian opinou. — Ela vai aceitar. Eu sei que vai.

Christian e Rhys olharam para ele com ar de dúvida.

— O que é? — Sebastian inquietou-se. — Se há uma coisa que conheço nesse mundo são as mulheres, e ela ama você, cara. Vai entender. Eu sei que vai. Seja sincero, vá devagar... E ela o aceitará.

— Como se soubesse muito sobre sinceridade — Rhys manifestou-se impaciente.

Sebastian suspirou irritado.

Christian ignorou os irmãos, tentando decidir o que fazer. Fowler praticamente jogara a informação sobre a mesa, mas era ele quem devia contar tudo a Jolee. Era necessário. Se queria ter um futuro com ela, teria de contar. Ela merecia a verdade. E se não pudesse aceitá-lo, teria de deixá-la livre para ir. Era a atitude honrada a tomar. E queria ser honrado com ela.

— Tudo bem, eu vou contar.

— E isso aí — aprovou Sebastian.

Rhys moveu a cabeça em sentido afirmativo. Eles entraram no bar, e Christian caminhou diretamente para o balcão.

— Jolee, precisamos conversar.

Ela hesitou como se preferisse evitar a conversa. Como se tivesse medo do que ia ouvir. Já imaginava alguma coisa?

— Tudo bem — respondeu. — Quer conversar no escritório?

— Podemos ir a outro lugar? Algum lugar mais privado?

— Não posso sair do bar.

— É claro que pode — Sebastian interferiu. — Rhys e eu temos uma boate. Podemos cuidar de tudo por aqui enquanto vocês conversam.

Ela olhou apreensiva para os dois irmãos.

— Fique tranquila — Jane a acalmou. — Vamos cuidar muito bem de tudo por aqui.

A declaração de Jane a convenceu, e ela olhou para Christian com ar resignado.

— Tudo bem, então.

Ele podia sentir sua ansiedade, uma opressão que penetrava na pele e apertava o peito de Christian. Queria livrá-la daquele sentimento incômodo, mas sabia que ele só ficaria ainda pior antes de melhorar.

Jolee sentou-se no carro de Christian, incapaz de acalmar o coração disparado ou relaxar as costas no encosto do assento. O que ele queria dizer? Ela tentava se acalmar, mas o corpo não colaborava. Simplesmente, tinha muita notícia ruim e muita experiência negativa em sua bagagem de vida para acreditar que dessa vez seria diferente.

Ela olhou para Christian de soslaio, mas ele estava concentrado no volante, o queixo determinado, a expressão sombria.

O pavor a dominava. Isso não era bom.

Ele estacionou o carro diante do *trailer* de Jolee e saiu para ir abrir a porta do automóvel, mas ela não conseguiu esperar. Estava nervosa demais.

Christian esperou que ela fechasse a porta, depois a levou ao *trailer*. Uma vez lá dentro, os dois ficaram parados e quietos, sem saber como começar a difícil conversa.

Finalmente, a tensão tornou-se insuportável.

— O que está acontecendo, Christian?

Ele não respondeu de imediato. Em silêncio, ficou olhando para o chão como se o velho piso de linóleo bege fosse repentinamente fascinante.

— Por favor, fale de uma vez! Você está me assustando! Ele a encarou.

— Por isso reluto tanto em falar. Nunca, nunca quis assustá-la.

Ela tinha dificuldades para respirar, tal a opressão que sentia no peito. Christian a estava assustando. Muito. Mas agora não havia como voltar atrás. Sabia que ele tinha algo horrível para dizer, e por mais que quisesse desistir e fingir que não havia nenhum problema, essa era Uma idéia impossível.

— É sobre sua família? Ou você?

— É sobre todos nós.

Jolee não conseguia imaginar o que poderia ser. Eles formavam uma família maravilhosa. Nenhum dos irmãos hesitara em perdoar Christian e Lilah. E a receberam como se já fosse parte deles.

— Vocês são... da Máfia? — Sabia que era uma sugestão ridícula, mas não conseguia pensar em nada mais plausível. Ele franziu a testa.

— Não.

— Pertencem a algum culto? — ela acrescentou em tom quase debochado.

Ele parou para pensar antes de responder.

Oh Deus! Era isso! Um culto. Mas... não havia notado em Christian nenhum sinal de crença religiosa, especialmente crenças estranhas. Não notara nada de estranho em nenhum deles. E que culto permitiria que seus membros tivessem uma boate? Não fazia sentido.

— Acho que podemos dizer que, sim, participamos de uma espécie de culto — ele disse em voz baixa.

Ela esperava com a testa franzida, intrigada, torcendo para que ele continuasse e acabasse logo

com aquela aflição.

Em vez de descrever suas crenças e seus estranhos rituais, ele disse:

— Sabe o homem sobre quem falou antes? Aquele que esteve no bar à tarde?

Ela assentiu. Também era membro do culto?

— Ele está aqui para falar comigo.

Essa era a grande notícia? Ela o encarou confusa. O homem de paletó de *tweed* estava ali para falar com... Jolee arregalou os olhos.

Christian assentiu ao ver a compreensão iluminar seus olhos.

— Eu sou o vampiro.

Jolee empalideceu. Isso era sério? Bem, Christian parecia sério. Terrivelmente sério. Mas ela riu. Não, aquilo só podia ser uma piada. Loucura!

Ele continuava olhando em seus olhos sem revelar nenhum sinal de humor ou deboche.

— Você só pode estar brincando — Jolee murmurou.

— Foi Sebastian. Ele inventou essa história, não é? Desde o início percebi que ele é um brincalhão. Christian balançou a cabeça.

— Eu nasci em 1795. Na Inglaterra. Portanto, tenho duzentos e dez anos de idade.

Ela o fitava boquiaberta. Depois de um instante, balançou a cabeça novamente.

— Não existe isso. Vampiro? Não...

— Sim, eles existem. Eu sou um deles. Meus irmãos. Jane também.

Jane? Jane, a garota absolutamente comum, doce e simpática?

— Isso é ridículo! — ela disparou, irritada. Por que está dizendo essa bobagem? O que pretende? Não tem graça nenhuma! Quase me matou de preocupação e medo, e...

— Jolee — ele a interrompeu em tom firme. — Eu não queria, mas foi necessário. Você tem o direito de saber.

— Mereço saber que você é doido? — Ela recuou um passo como se quisesse se afastar dele.

— Eu sei que tudo isso soa como uma loucura. Eu sei. Mas é verdade. Lilah era uma vampira. Ela me fez vampiro, e fez meus irmãos vampiros, também.

Jolee não conseguia pensar em nada para dizer. Ele não parecia se divertir com a brincadeira. Não parecia nem pensar que a história era engraçada. Não. Christian acreditava no que dizia. Podia ver a convicção em seus olhos claros.

Uma raiva cega a inundou. Amava aquele homem. Confiava nele, e ele queria convencê-la de algo que era... estúpido! De repente, não sabia mais quem era o homem diante dela.

— Lilah era uma vampira? — ela perguntou lentamente.

— Sim.

— E você é um vampiro?

— Sim.

— Mostre-me — ela exigiu. — Prove que é um vampiro.

— Eu... não posso.

— Por que não? — A raiva a privava da razão, e ela argumentava como se isso pudesse ser verdade. — Se é mesmo um vampiro, não devia ter presas, transformar-se em morcego, e toda essa palhaçada?

— Sim — ele confirmou. — Mas não posso. Desde que vim para cá, parei de usar minhas habilidades, e agora é como se o vampirismo estivesse adormecido em mim. Por isso marquei um encontro com o dr. Fowler. Esperava que ele pudesse me ajudar.

Dr. Fowler? Ah, sim, o doido do paletó de *tweed*.

— Ajudá-lo a morder?

— Exatamente.

Isso era ridículo. Jolee lembrou de algo que o homem havia dito.

— Ele veio até aqui pra ajudá-lo a morder, porque você quer se unir para sempre a uma parceira.

— Isso mesmo.

— Comigo?

— Sim.

— Oh, meu Deus! — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Oh, meu Deus!

— Jolee, sei que tudo isso é demais para absorver em poucos minutos.

— Absorver? Não pretendo absorver nada disso. Você é maluco!

— Jolee...

Ele estendeu a mão.

— Não! Não quero ouvir mais nada.

— Jolee, eu amo você.

Ela riu com amargura.

— Essa é uma forma bem interessante de demonstrar.

As emoções a estrangulavam. Medo, fúria, mágoa, decepção.

— Sabe de uma coisa? Você precisa ir embora. Ele não se moveu.

Jolee apontou para a porta.

— Agora.

Ele hesitou, mas moveu a cabeça em sentido afirmativo. Sem dizer mais nada, Christian saiu do *trailer*, deixando-a na cozinha com os olhos fixos na porta fechada.

Jolee ficou ali por algum tempo. Não saberia dizer quanto. Finalmente, ela foi travar a porta com uma de suas velhas cadeiras.

O que havia acontecido ali? Ela nem saberia dizer. Não podia acreditar em nada disso. Christian, o homem com quem fizera amor, com quem trabalhava, em quem confiava mais do que havia confiado em qualquer outra pessoa durante toda a vida, o homem que amava, havia acabado de se declarar um... vampiro? Era tão absurdo que não conseguia nem começar a refletir sobre tudo isso. Não podia acreditar.

Ele havia dito antes que era pior do que os homens que ela conhecera no passado. E estava certo. Porque ele a fizera amá-lo, para depois revelar que era insano.

Jolee fechou os olhos e respirou fundo, tentando acalmar-se. Mas uma gargalhada histérica escapou de seu peito. Por quê? Deus, porque isso acontecia agora? Amava esse homem. Chegara a pensar que ele era o homem perfeito. Finalmente.

Como ele conseguira agir de maneira tão normal? Tudo bem, ele nunca havia sido normal. Sempre havia sido muito diferente das pessoas que ela conhecia. Mas nunca demonstrara ser insano. Jolee andava pela sala, tentando entender como uma pessoa podia dizer com tanta simplicidade o que ele havia acabado de falar ali. Não fazia sentido.

Ela parou, olhando pela janela para o *trailer* escuro na frente do dela. Christian passava a

noite acordado. Mas ela o acordara muitas vezes durante o dia. Ele não devia ficar como morto enquanto houvesse a luz do sol?

— Por que está perdendo tempo pensando nisso? — ela se perguntou. — É loucura. Você simplesmente se apaixonou por outro fracasso. Qual a novidade?

Mas sabia que isso não era verdade. Nunca se apaixonara por outro homem. Não como se apaixonara por Christian. E era por isso que, dessa vez, a dor era tão intensa e profunda. Era uma dor tão forte, que ela não podia respirar.

Um vampiro? Por que um vampiro? Porque ele era maluco. Não podia haver outro motivo por trás de toda essa cena que acabara de viver.

Ele empalidecia com frequência.

— Porque é doente. Talvez necessite de medicamento.

Ele era muito forte.

— Porque se mantém em boa forma física.

Por que tentava encontrar coisas que sustentassem essa ilusão? Estava assim tão desesperada por um homem? Não. Estava desesperada, sim, mas por ele. Só por ele.

Então, ela se lembrou da lista na porta do refrigerador. Os doze passos para ser humano. Christian a elaborara por acreditar realmente que era um vampiro. Uma onda de náusea a tomou de assalto. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, ele acreditara ser um vampiro. Como se tivesse importância *quando* ele havia acreditado nisso. Ele acreditava. Ponto-final.

Jolee se deixou cair em uma das cadeiras dobráveis e enterrou o rosto entre as mãos. Não ia chorar. Mas nunca sentira tanta vontade.

Seu coração estava dilacerado. E ela deixara o bar nas mãos de uma família de aspirantes a vampiros!

— E então, como foi? — Rhys perguntou assim que Christian entrou no bar.

— Ótimo! Ela está furiosa e acha que sou maluco.

— Calma, ela vai superar o choque inicial — Sebastian garantiu.

Sim, certamente. Ela superaria o choque, e chegaria à conclusão de que ela era a maluca por ter sentido alguma coisa por ele. E quem poderia culpá-la? Jolee só queria ser normal. E queria um homem que a amasse e ficasse ao lado dela. Mesmo que algum dia acreditasse nele, não ia querer seu estilo de vida. Ela já havia estado no círculo marginal da sociedade desde o início. Por que se

afastaria ainda mais do centro? Não. Jolee nunca o aceitaria. E Christian sabia que esperar isso dela havia sido só mais uma dose de egoísmo de sua parte.

Christian cuidou do bar durante o restante da noite com os irmãos e Jane. Fechou o caixa e colocou todo o dinheiro em um malote bancário com zíper que Jolee mantinha em sua mesa no escritório. Como ainda não tinham um novo cofre, ele levaria o dinheiro para casa.

Christian escreveu um bilhete para ela explicando que estava com o dinheiro, e que o devolveria no dia seguinte. Ele não acrescentou que essa seria a última vez que a veria. Supunha que a declaração era implícita.

— Jolee não se sentiu bem hoje à noite? — Jed perguntou ao se dirigir à porta dos fundos para sair.

— Não — Christian respondeu.

— Você também não parece estar muito bem.

Ele encolheu os ombros. Não estava preocupado com ele mesmo, só com Jolee. Ela estava bem? Esperava que sim.

E esperava que ela seguisse em frente e o esquecesse. Ela merecia ser feliz, e se não podia ser o motivo de sua felicidade, esperava que ela a encontrasse com outro homem.

— Vocês brigaram?

Ele olhou para Jed e piscou confuso. Uma briga? Quem dera! Nesse caso, só teria de pedir desculpas. E reparar seus erros de todas as formas possíveis. Mas não podia reparar quem era, exceto deixando-a em paz e desaparecendo para sempre.

— Foi um pouco mais sério que uma briga, Jed. Não creio que voltemos a nos ver.

— Por quê? O que aconteceu?

— Vamos dizer apenas que Jolee e eu somos muito diferentes. — Assim, Jed presumiria apenas que ele não se adaptara à vida que Jolee levava. Na verdade, logo que chegara ali, não se adaptara mesmo. Agora, o bar decrépito era exatamente onde queria estar. Mas devia saber que o velho não ia desistir com facilidade.

— Dê um tempo a ela. Nós, os mortais, precisamos de um tempo para entender e aceitar criaturas como vocês.

Christian o encarou em silêncio por um instante, perplexo.

— Mortais? Criaturas como nós?

Jed encolheu os ombros com naturalidade.

— Ninguém passa trinta anos morando no fundo de um bar sem ver certas coisas.

O olhar fixo de Jed o enervava. Como esse homem podia ser tão perspicaz, tão sóbrio diante da enormidade de sua situação? Ele nem pensou na possibilidade de insultar a inteligência de Jed.

— Como descobriu?

— Pelo seu rosto. Você é mais bonito do que a maioria dos homens que andam pelo mundo. E seus irmãos também.

Christian estava muito surpreso. A maioria dos humanos não notava esse diferencial. Apenas respondiam à beleza. Nunca a questionavam.

— E tenho observado você há algumas noites, desde que começou a servir no bar — Jed continuou. — Antes, todas aquelas garrafas nas prateleiras encobriam o espelho, mas quando houve o assalto e o vandalismo, notei algo estranho no seu reflexo. Você é um pouco... transparente.

O espelho. Não havia nem pensado nisso antes. E, aparentemente, ninguém notara. Vampiros não eram invisíveis, como relatava o folclore. Eram apenas mais... diáfanos. E um pouco transparentes. Mas era preciso prestar atenção a isso para notar.

Só então ele percebeu que esse era um detalhe que poderia ter usado para provar a Jolee que estava dizendo a verdade. Não podia exibir as presas nem se transformar em sombra, mas a estranheza de seu reflexo ainda podia ser notada. Infelizmente, agora era tarde demais. E talvez fosse melhor assim. Ela precisava de uma vida normal. Uma vida de verdade. Agora ele entendia.

Christian olhou para Jed e balançou a cabeça.

— Você é incrível. Por que não disse nada antes?

— Não vi motivo para isso. Desde o início percebi que é dono de um caráter impecável, independentemente do que é. Outra coisa que se aprende vivendo em um bar. E sei que ama minha menina Jolee. Ela vai superar e entender.

Christian sabia que isso jamais aconteceria, mas não disse nada. De que adiantaria argumentar?

— Boa noite — Jed despediu-se, batendo em suas costas com afeto paternal.

O gesto causou uma opressão no peito de Christian. Havia aprendido a gostar daquele velho mortal, e sentiria falta dele.

— Boa noite, Jed.

Jed saiu do edifício, e Christian terminou de fechar e trancar tudo. Não tinha uma cópia da chave, mas, felizmente, Sebastian ainda tinha todos os seus poderes. Ele trancou a porta por dentro e saiu de lá por baixo da porta em sua forma de sombra. Exibido!

— O que vamos fazer agora? — Sebastian perguntou quando eles voltaram ao estacionamento dos *trailers*. Christian olhou para aquele que era a casa de Jolee. Todas as luzes estavam apagadas. Não ouvia nem mesmo o som do rádio.

— Eu vou para a cama — Christian anunciou subindo a escada de seu *trailer*, sentindo o peso de seus duzentos e dez anos de existência.

— Você é um completo idiota. Sabe disso, não é? — Sebastian disparou ao segui-lo. — Jolee é sua parceira. Você passou quase duzentos anos idolatrando uma lunática, e agora, finalmente, encontrou sua alma gêmea, a mulher certa para você. Ela é maravilhosa, incrível, e está maluca por você, mas parece quê está disposto a desistir dela.

Christian olhou irritado para o irmão.

— Não quero me separar dela, mas não posso obrigá-la a me aceitar. Sabe o que Lilah fez tentando obrigar Rhys a aceitá-la. Praticamente nos destruiu! Não vou fazer mal a Jolee! — Ele parou e respirou fundo, tentando acalmar-se. — Além do mais, ela merece um homem melhor do que eu.

Christian deixou os dois irmãos e Jane na sala do *trailer*. Precisava ficar sozinho. Ele foi para o segundo quarto, vazio, exceto por um colchão no chão. Exausto, caiu sobre o colchão e apoiou um braço sobre os olhos. Só queria esquecer. Só queria não sentir dor.

Jolee olhou para o relógio. Eram oito e meia da manhã, ainda não conseguira pregar os olhos. E por acaso havia imaginado que poderia dormir? Não era todo dia que ouvia o homem que amava dizer que era um vampiro. Isso merecia e justificava uma noite de insônia.

Ela suspirou e se levantou da cama, caminhando descalça até a cozinha. Devia ir até o bar e se certificar de que tudo estava bem. Por alguma razão, não se preocupava com isso, o que era estranho, considerando que já havia decidido que Christian era um lunático. E o restante de sua família era questionável, para dizer o mínimo.

Ela abriu a geladeira e pegou o suco de laranja. Deixando a jarra sobre o balcão, começou a procurar por um copo. Sua mão parou quando ela notou os outros objetos sobre o balcão. O malote do banco. Dentro dele, o dinheiro a ser depositado.

Ela olhou em volta. A cadeira continuava sob a maçaneta da porta. E havia outra cadeira travando a porta dos fundos. Até as janelas estavam trancadas. Como o dinheiro aparecera ali, em sua cozinha?

Ao lado do malote havia um bilhete escrito com uma caligrafia delicada, eminentemente feminina. Ela pegou o papel e começou a ler.

Querida Jolee,

Aqui está o dinheiro da noite passada. O bar teve um bom movimento. Sebastian foi um

sucesso com o karaokê. As mulheres o adoraram, o que não é de admirar.

Talvez esteja pensando em como consegui deixar isto dentro do trailer, já que trancou todas as portas e janelas. Sua surpresa é compreensível.

Jolee, sei que não vai acreditar nisso, mas eu também sou uma vampira.

Tremendo, ameaçou abandonar o bilhete sem concluir a leitura, mas era impossível. Precisava continuar lendo.

E posso entrar em sua casa como sombra ou névoa, Essa é apenas uma das habilidades que tenho agora.

Jolee olhou em volta e sentiu um arrepio gelado. Isso era absurdo! Ela olhou para o malote fechado. Sabia que a bolsa e o bilhete não haviam estado ali na noite passada, e não havia dormido. Então, como não ouvira movimentos dentro do *trailer*? Como isso havia acontecido?

Eu me tornei vampira depois que Christian me atacou.

Jolee conteve um gemido angustiado.

Por favor, não deixe que isso a assuste. Ele não é mais o mesmo Christian que era nesse tempo. Naquela época, Christian ainda estava sob a influência de Lilah. Ainda acreditava que Rhys o havia enganado. E ele não me transformou por completo. Foi meu amado Rhys quem terminou a transformação, e serei eternamente grata. Ele é o amor da minha vida. Minha alma gêmea, como Christian é a sua. Eu percebi. Posso sentir esse elo.

Jolee, sei que isso é difícil de aceitar, quase impossível de acreditar, mas o que ele disse é verdade. Vampiros existem. E não são criaturas malévolas da noite.

Para mim, os vampiros têm sido a família que eu nunca tive. E nunca fui mais feliz nem me senti mais abençoada. Seja qual for sua decisão, por favor, compreenda que nenhum de nós jamais quis lhe fazer mal. E foi um grande prazer conhecê-la.

Felicidades,

Jane

Jolee releu a carta. Não sabia o que pensar. Em que acreditar. Ela deixou o papel sobre o balcão e percorreu o *trailer* verificando janelas e portas. Tudo continuava como ela havia deixado. E não ouvira nenhum som.

Ela voltou à sala e olhou pela janela para o *trailer* de Christian. As cortinas estavam fechadas, e o carro dele estava estacionado na porta. A SUV de Rhys e Sebastian continuava parada ao lado do Porsche. As persianas serviam para impedir a entrada da luz do sol? Seu quarto não era tão escuro, e ele havia dormido bem ali.

Ela voltou ao quarto e percebeu que, sim, o quarto *era* escuro, especialmente quando as cortinas eram fechadas, o que Christian sempre fazia em algum momento da noite, ela agora lembrava.

Tudo bem, estava ficando maluca. Começava a acreditar que essa história ridícula podia ser real.

De volta à cozinha, olhou mais uma vez para o dinheiro e a carta. Eles haviam chegado ali de alguma maneira.

Bang!

Jolee sobressaltou-se com o impacto na porta. Era como se alguém quisesse arrancá-la das dobradiças!

Apavorada, ela olhou pela janela. Vance estava do outro lado, e parecia furioso.

Ela hesitou, mas removeu a cadeira. Péssima decisão. Assim que o obstáculo foi removido, Vance abriu a porta com um chute.

— Sua vadia! — ele gritou, aproximando-se, ameaçador. Parecia descontrolado, transtornado. O cabelo sujo estava espetado em todas as direções. As roupas estavam imundas. Jolee recuava, mas também evitava se deixar encurralar.

— Vance o que... o que está fazendo aqui? Ele riu.

— Como se não soubesse! Primeiro, se recusa a me dar dinheiro. Já foi um erro. Mas essa última palhaçada, Jolee... Ah, vai pagar caro por isso!

— Não sei do que está falando.

Ele riu novamente, exibindo os dentes numa expressão ameaçadora. Vance avançava, e ela se movia, tentando se aproximar da porta.

— Não posso voltar para a prisão.

Jolee compreendeu que a polícia devia ter ido atrás dele e encontrado alguma evidência. Ou drogas. Ela olhou para a porta, avaliando sua posição. Precisava mantê-lo falando, e continuar se movendo lentamente. Se pudesse alcançar a saída, correria para o *trailer* de Christian,

— Não vou retirar as acusações. Você finalmente vai ter a ajuda de que precisa.

Ele gargalhou.

— Eu já vim aqui pedir sua ajuda. Vim buscar dinheiro. Mas você se recusou a me ajudar. Não quis me ajudar.

Ele se aproximou ainda mais, bloqueando a passagem para a porta.

— E agora os malditos tiras estão atrás de mim. Não me ajudou em nada, Cherry. Em nada.

— Vance, eu vou esquecer as acusações então — tentou, apavorada. — Vamos encerrar esse assunto, está bem?

— Tarde demais, mana. Eles já sabem o que fiz com aquele dinheiro. E vão me prender por posse de drogas.

— Então, você precisa fugir. Depressa! — Queria dar a impressão de que o medo em sua voz era por ele.

— Sim, eu preciso. Mas, antes, você vai pagar pelo que fez comigo.

Ele a atacou, agarrando seu braço quando ela conseguia pisar no primeiro degrau da escada. Vance a puxou de volta, quase quebrando seu braço. Ela gritou de dor e perdeu o equilíbrio, caindo na porta do *trailer*.

Antes que pudesse se recuperar, Vance sentou-se sobre seu corpo, expulsando todo o ar de seus pulmões. Ele prendia seus braços contra o piso e a encarava ameaçador, violento.

— Não vou deixar minha irmãzinha vadia e seu namorado trouxa se darem bem à minha custa.

Vance a agrediu com força. Ela perdeu a capacidade de enxergar com nitidez e gritou. Tinha de continuar consciente. Se desmaiasse, não podia nem imaginar o que Vance seria capaz de fazer. Ele parecia completamente transtornado.

E a agrediu de novo. A dor dominava sua cabeça inteira, partindo do rosto. Precisava de ajuda. Precisava de Christian.

Vance ergueu a mão novamente, e dessa vez tinha o punho cerrado. Talvez planejasse espancá-la até a morte.

Christian -- ela tentou gritar. Mas era inútil. Estava perdendo a consciência, e o grito era só um gemido desesperado.

Christian acordou de imediato ao ouvir Jolee chamar por ele, e reconhecendo dor em sua voz. Ele se levantou desorientado, aflito para ir ajudá-la. Cambaleando pelo corredor do *trailer*, tentou focar os pensamentos em Jolee e em onde ela estava. No *trailer*. E sofrendo muito.

A voz soou mais nítida em sua mente.

— Christian!

Ele agarrou a maçaneta e abriu a porta. A luz do sol o atingiu com a força de uma espada, e ele recuou desorientado. Piscando, saindo da área onde a luz incidia diretamente, tentou localizá-la.

E conseguiu. Jolee estava caída na escada do *trailer*, e havia um homem em cima dela, agredindo-a. Ao ver que o homem erguia um punho para desferir um golpe que poderia ser fatal, ele correu para fora. Para a luz do sol.

Sem sentir os raios penetrando na pele nua de suas costas, causando bolhas nos pontos expostos, ele corria para Jolee impelido pela necessidade de protegê-la.

Apesar dos movimentos pesados e desajeitados, ele os alcançou rapidamente. Segurando a camisa do agressor, ele o puxou para trás. Mas estava fraco pela ação do sol, e os dois homens rolaram pela escada de metal.

O agressor se preparou para atacá-lo, e Christian conseguiu ver seu rosto. Vance. Só podia ser Vance. O bastardo. E ao ver Christian, Vance empalideceu e parou horrorizado. Apavorado com suas bolhas purulentas e crescentes, certamente.

Vance tentou se afastar, usando as mãos para se arrastar como um caranguejo aterrorizado. Christian não permitiu a fuga. Ele conseguiu se levantar, investindo muita energia no movimento. Mas a necessidade de agir era maior do que a fadiga, e ele agarrou Vance pela camisa, esmurrando por várias vezes o nariz e a boca do ofensor.

— Se chegar perto dela outra vez, juro que vai morrer. Está me ouvindo?

Sua voz era áspera, rouca. Sobrenatural.

Vance não respondeu. Christian soltou-o, e ele caiu inconsciente no cascalho diante do *trailer*.

Christian também caiu. Queria se levantar e ir ajudar Jolee, mas o sol roubava-lhe a força, como lhe roubava a vida. Ele conseguiu ficar em pé, mas caiu de joelhos. E dessa vez não conseguiu mais se levantar. Estava morrendo.

Podia sentir o cheiro de queimado que emanava de seu corpo. Ouvia-o frigir. Depois, ouviu um grito apavorado e sentiu as mãos de Jolee, deliciosamente frias.

Ele suspirou.

— Christian! Oh, meu Deus, Christian! Por favor, levante-se!

No início, ele nem tentou. Mas os gritos se tornaram mais aflitos, e ela o puxava com força, o que poderia machucá-la. Christian usou a pouca força que ainda lhe restava para empurrar com as pernas enquanto ela o puxava pelos braços para a escada.

Com muito esforço, ela conseguiu arrastá-lo até a cozinha, e de lá ao banheiro, onde o deixou para ir fechar todas as cortinas. Jolee tentou colocá-lo na cama, mas não conseguia levantar seu peso do chão.

Ela caiu ao lado dele.

— Oh, Christian!

— A visão é horrível, não é? — ele murmurou.

— Não! Não! Eu... preciso ir buscar seus irmãos!

— Não! Vai acontecer com eles, também.

— Mas eu preciso... Você precisa de um médico! — Não vai adiantar.

— Então, o que devo fazer? Você precisa de ajuda!

— É tarde demais.

— Não! Oh, não, por favor! Eu acredito em você agora. Por favor, me diga o que fazer para salvá-lo!

— Não há... nada a fazer...

— Deve haver um jeito! Não posso perder você! Não posso perder meu amor.

— Também amo você — ele sussurrou antes de fechar os olhos.

— E se você se alimentar? Não vai ajudar? Ele abriu os olhos claros.

— Não — mentiu.

E ela leu a mentira em seus olhos. Sabia que poderia salvá-lo com seu sangue.

— Precisa me morder. Depressa!

— Não. Eu teria de sugar muito...

— E isso me mataria? Ou me transformaria?

— Transformaria... Mas não posso morder!

Não podia morder! E ela não poderia salvá-lo. Nem mesmo depois de Christian ter salvado sua vida! A sensação de impotência era devastadora.

— Não chore, por favor...

Ela só percebeu que as lágrimas lavavam seu rosto quando ouviu as palavras fracas de Christian.

— Então, não me deixe. Por favor!

Ele assentiu, mesmo sabendo que era uma promessa vazia.

Os soluços de Jolee ecoavam pelo *trailer*.

— Não... chore...

— Fique comigo! Faça-me como você! Eu quero estar com você para sempre! Quero passar a eternidade a seu lado!

Por um momento ele não se moveu, e ela temeu tê-lo perdido. Depois, sentiu os lábios tocando sua pele, porque estava debruçada sobre seu peito chorando. E uma dor aguda no pescoço... e uma satisfação intensa. E depois... mais nada.

Quando acordou, estava na cama. Jolee sentou-se e olhou em volta, esperando descobrir que tudo havia sido só um sonho. Ou um pesadelo.

Mas ele estava ali, parado diante da janela, vestindo apenas a calça preta coberta de poeira. A pele, antes tomada por bolhas horríveis, voltara a ser dourada e esplêndida.

Ele a fitava com ar preocupado, culpado. Seu corpo era forte, viril. Esplêndido.

— Agora sou uma vampira?

Ele assentiu com evidente sofrimento.

Jolee levantou-se e caminhou até ele para abraçá-lo.

— Obrigada — disse. — Muito obrigada por não me deixar.

Ele a apertou com força entre os braços.

— Como pode me agradecer? Usei seu sangue para salvar minha vida!

— Não. Usou meu sangue para nos dar a eternidade.

Ele a beijou com paixão, e foi plenamente correspondido. Depois do beijo, Jolee perguntou:

— Por que Lilah se expôs ao sol? Ele a encarou surpreso.

— Ela se matou porque estava enlouquecida. Nunca se conformou por não poder controlar Rhys como me controlava. Ela o queria, mas ele resistiu. Rhys foi muito forte.

— Não. Você é forte. Arriscou sua vida para salvar a minha.

— Só porque a amo.

— É bom saber disso — ela sorriu. — Porque não choro por qualquer um.

— Nunca mais vai ter motivos para chorar — ele prometeu.

E Jolee sabia que ele dizia a verdade. Nunca mais duvidaria dele.

Epílogo

Para aqueles que leram meu blog religiosamente durante o último ano, eu me desculpo por ter deixado de escrever nos últimos meses. Estive ocupado, e coisas interessantes aconteceram nesse período.

Primeiro, quero começar dizendo que decidi que meu programa de doze passos funcionou. Bem, mais ou menos. Certas coisas como o Passo 1: Honestidade, o Passo 5: Integridade, o Passo 7: Humildade, e o Passo 9: Perdão, são partes importantes de ser um humano de sucesso. Na verdade, todos os passos (relacionados na entrada de 15 de janeiro de 2005) são importantes para ser humano. E para ser um vampiro também.

O que, a propósito, é o que consegui me tornar. Um bom vampiro, um vampiro feliz, um vampiro muito satisfeito. Bom, feliz, satisfeito — não são palavras que eu esperava usar associadas ao termo vampiro. E, especialmente, atribuídas a mim.

É claro, não fiz isso sozinho. E isso me leva ao passo mais importante dos doze. O que eu mais temia, mas o mais necessário. O Passo 11: Fazer Contato. Isso era o que eu não queria. O que dizia a mim mesmo que já estava fazendo pelo blog. Mas não estava. Sinto muito. Mas essa é a verdade. Eu ainda me escondia. E não estava lidando com o meu passado. As coisas não melhoraram até que eu, de fato, interagisse com os humanos e os vampiros todos os dias.

Por isso, lamento muito dizer isso, e quero que saibam que sou grato a todos que leram meus objetivos e minhas queixas todos os dias, mas esta é a última entrada do blog. De agora em diante, estarei ocupado demais para escrever.

Obrigado por lerem.

Agora, sugiro que saiam e façam contato.

Sinceramente,

Christian aplaudiu com todos no bar quando Jolee terminou sua canção. Ela agradeceu e continuou trabalhando, preparando o equipamento para o próximo cantor. Depois, caminhou até o balcão, onde ele servia as bebidas, e beijou-o nos lábios.

— Você foi ótima, como sempre.

— Sei o quanto gosta dessa música — ela respondeu. Gostava de todas que ela cantava, mas *Forever and Always* era sua favorita. Amor eterno, vida eterna... Felicidade eterna. A eternidade.

Jed apagou mais um cigarro no cinzeiro sobre o balcão.

— Devia parar com isso — Jolee sugeriu.

— Tarde demais — ele riu.

— Nunca é tarde demais — disse Christian. Ele e Jolee já haviam oferecido a imortalidade ao bom e velho amigo, mas a resposta era sempre a mesma.

— Este corpo já está velho e cansado. Quando Deus decidir que é hora de partir, eu estou pronto. E é bom tê-los de volta.

Sebastian, Rhys e Jane haviam cuidado do bar durante o mês que Christian e Jolee haviam passado fora, em lua de mel pela Europa.

— Também estamos felizes por voltarmos — Christian respondeu.

— Está falando sério? — Jolee riu. — Não sente falta da boa vida? Dos hotéis de luxo, dos restaurantes caros?

— Não. Não sinto falta de nada, porque tenho você. Ela sorriu e beijou-o mais uma vez.

— Eu amo você — ele disse, enchendo mais uma caneca de chope para levar a uma das mesas.

Não havia outro lugar no mundo onde Christian quisesse estar. O Leo's havia devolvido a ele a alegria de viver, e o pusera em contato com o grande amor de sua vida. Sua alma gêmea.

Mas teria de convencer Jolee a se mudar do estacionamento dos *trailers*, porque um detalhe em sua natureza de vampiro ainda não mudara.

Ainda odiava os enfeites de jardim. E os flamingos cor-de-rosa.

FIM